



DESCOBRIR-SE AUTOR

RESPEITO ÀS DIFERENÇAS



**CIDADE DE
SÃO PAULO**
EDUCAÇÃO



PREFEITO DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO

Ricardo Nunes

SECRETÁRIO DE EDUCAÇÃO

Fernando Padula

SECRETÁRIA EXECUTIVA MUNICIPAL

Malde Maria Vilas Bôas

SECRETÁRIO ADJUNTO DE EDUCAÇÃO

Bruno Lopes Correia

CHEFE DE GABINETE

Omar Cassim Neto

**CHEFE DA ASSESSORIA DE ARTICULAÇÃO
DAS DIRETORIAS REGIONAIS DE EDUCAÇÃO – DREs**

Sueli Mondini

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE SÃO PAULO



DESCOBRIR-SE AUTOR

**RESPEITO ÀS
DIFERENÇAS**

SÃO PAULO, 2023

COORDENADORIA PEDAGÓGICA - COPED

Simone Aparecida Machado - *Coordenadora*

DIVISÃO DE CURRÍCULO - DC

Aparecido Suter da Silva Junior - *Diretor*

Equipe DC

Amanda Ferreira Rodrigues
Ana Katy Lazare Gabriel
André de Pina Moreira
Anna Luiza de Castro
Caio Marques Fernandes
Carlos Alberto Mendes de Lima
Carolinne Mendes da Silva
Clodoaldo Gomes Alencar Junior
Eduardo Murakami da Silva
Eva Aparecida dos Santos
Guilherme Cunha de Carvalho
Jonas Ribeiro dos Santos
Juliana Bauer de Oliveira Pimentel
Karla de Oliveira Queiroz
Luciene Aparecida Grisolio Cioffi
Paloma Damiana Rosa Cruz
Rafael Fernando da Silva Santos Fitipaldi
Regina Célia Fortuna Broti Gavassa
Renata de Lara Ferreira
Samir Ahmad dos Santos Mustapha
Solange Cristina Corregio
Thais Blasio Martins

NÚCLEO DE LITERATURA

Academia Estudantil de Letras - AEL

Academia de Letras dos Professores - ALP

Guilherme Cunha de Carvalho

Samir Ahmad dos Santos Mustapha

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

São Paulo (SP). Secretaria Municipal de Educação. Coordenadoria Pedagógica.
Descobrir-se autor : respeito às diferenças. - São Paulo : SME / COPED, 2023.
160 p. ; 21 x 21 cm

Volume 7 resultante da 12ª edição da Semana de Incentivo e Orientação
ao Estudo e à Leitura, instituída pela Lei Municipal nº 14.999/09.

ISBN: 978-65-88021-54-5 (livro físico)

ISBN: 978-65-88021-52-1 (livro digital)

1. Literatura brasileira. 2. Escolas municipais. I. Título.

CDD 22. ed. B869

Código da Memória Documental: SME74/2023

Elaborado por Patrícia Martins da Silva Rede - CRB-8/5877



Qualquer parte desta publicação poderá ser compartilhada (cópia e redistribuição do material em qualquer suporte ou formato) e adaptada (remix, transformação e criação a partir do material para fins não comerciais), desde que seja atribuído crédito apropriadamente, indicando quais mudanças foram feitas na obra. Direitos de imagem, de privacidade ou direitos morais podem limitar o uso do material, pois necessitam de autorizações para o uso pretendido.

A Secretaria Municipal de Educação de São Paulo recorre a diversos meios para localizar os detentores de direitos autorais a fim de solicitar autorização para publicação de conteúdo intelectual de terceiros, de forma a cumprir a legislação vigente. Caso tenha ocorrido equívoco ou inadequação na atribuição de autoria de alguma obra citada neste documento, a SME se compromete a publicar as devidas alterações tão logo seja possível.

Consulte: educacao.sme.prefeitura.sp.gov.br

Caro(a) Leitor(a)

Tu sabes como é grande o mundo
Conheces os navios que levam petróleo e livros, carne e algodão
Viste as diferentes cores dos homens
As diferentes dores dos homens
Sabes como é difícil sofrer tudo isso, amontoar tudo isso
Num só peito de homem sem que ele estale.

Carlos Drummond de Andrade, Mundo Grande

Esse livro começa com uma citação do grande poeta Carlos Drummond de Andrade. No poema, o autor diz que os sentimentos que existem nele são tão fortes que não cabem dentro de si. Dessa forma, ele precisa se expressar, falar aquilo que ele é, para ver se consegue suprir essa ausência de espaço para o que sente.

O tema deste volume trata de sentimentos, de busca por direitos, da necessária e incessante luta por uma sociedade melhor, mais justa, com direitos e respeito às diferenças. Os textos dos estudantes participantes do projeto Academia Estudantil de Letras, colhidos nessa publicação, mostram essa necessidade de expressar a reivindicação por uma sociedade que valorize as diferenças.

O presente livro é o sétimo volume do **Descobrir-se Autor!** Desde 2016 tem sido uma publicação essencial para a visibilidade do trabalho de valorização da leitura e escrita existentes na Rede Municipal de São Paulo.

A publicação é parte integrante das ações realizadas na 12ª Semana Municipal de Incentivo e Orientação ao Estudo e à Leitura, criada pela Lei 14.999/09, de autoria do professor vereador Eliseu Gabriel.

Os textos trazem sentimentos, sonhos e a busca por um mundo melhor!

Parabéns, autores!



Fernando Padula
Secretário Municipal de Educação de São Paulo

SUMÁRIO

Diretoria Regional de Educação – DRE

Butantã	6
Campo Limpo	16
Capela do Socorro	26
Freguesia/Brasilândia	30
Guaianases	36
Ipiranga	64
Itaquera	74
Jaçanã/Tremembé	104
Penha	112
Pirituba/Jaraguá	124
Santo Amaro	134
São Mateus	142
São Miguel	148
Coordenadores da AEL nas DREs.....	160

DRE BUTANTĂ



Infelizmente, aconteceu!

Numa tarde ensolarada, durante a semana do dia das crianças, Elis vai para o campeonato interclasses de seus irmãos, Pedro e Matheus, a escola é grande e barulhenta, pintada com cores quentes. O campeonato acontece numa quadra grande e com um monte de gente em volta.

— Essa era a minha antiga escola... foi nessa quadra que ganhei um interclasses, no vôlei. Lembro-me do uniforme também, eu era número 1.

Durante os jogos dos irmãos, um grupo de pessoas estava conversando, um menino quis saber do assunto também, entretanto os meninos falaram que ele não entenderia, pois ele era negro.

— Repete o que você falou! - disse Ricardo, o menino que sofreu injúria racial.

— Isso mesmo que você ouviu: você é N-E-G-R-O e sujo, antigamente meu pai te comprava no mercado! - respondeu Matheus.

Um professor viu os irmãos fazendo atos racistas e os encaminhou direto para diretoria e chamou a irmã para resolver o problema. Os irmãos disseram que falaram sem pensar, pediram desculpas e que não iriam mais fazer aquilo. A direção não deu muita importância e liberou os meninos sem nenhuma punição.

A família de Ricardo ficou indignada pela falta de posicionamento e decidiu processar as famílias dos meninos e a diretoria, e tirou o seu filho da escola.

Um tempo se passou, eles ainda estavam procurando provas de que os garotos fizeram injúria racial com seu filho e Elis, estudante de Direito, ia auxiliar no processo dos irmãos.

A polícia foi à escola investigar a atitude dos garotos e, através das câmeras de segurança, encontraram a gravação comprovando a atitude de injúria racial. Então, as provas foram concretizadas e mandadas para a advogada de acusação que usou isso no tribunal, fazendo com que o juiz batesse o martelo declarando que o caso estava encerrado. Os pais dos acusados deviam pagar uma multa alta, e os meninos começaram a fazer tratamento psicológico.



Escolhas

Será que todas as escolhas são aceitas?

Me apedrejaram

Os meus não me aprovaram,

Outros me insultaram

Estou desamparada

Sozinha

E sem

Nada...

Amor entre diferentes é lindo!

Se amor são

Rosas,

Por que me jogaram

Pedras?

Só vocês têm o direito de escolher?

O jeito de eu amar te faz mal?

Poxa...

Só quero ser feliz

Do jeito que sempre quis

Amor é amor,

Independentemente do que for.



O segredo de Francisco

Numa escola pública, no interior do estado de São Paulo, havia um menino de 12 anos, chamado Francisco, que tinha um grande sonho: ser um advogado para defender as pessoas negras, vítimas de racismo. Filho de uma mulher muito batalhadora, que o ensinava todos os dias a ter a cabeça erguida e lutar por seus direitos. Todos esses sonhos e pensamentos, ele registrava em seu diário.

Certo dia, quando deu o sinal do intervalo, nosso menino sonhador, por distração, acabou deixando seu diário aberto debaixo da carteira. Os “valentões” da sala, aqueles colegas que perseguiam e expunham outros estudantes, acharam as tais anotações, seguiram para o refeitório e começaram a ler em voz alta os segredos de Francisco, ridicularizando-o. Nessa hora, alguns alunos chegaram a dizer que ele jamais seria capaz de realizar o seu sonho, pois sua cor nunca o deixaria alcançar seus objetivos. Ele chegou em casa, triste. Mas, novamente, ao ver a situação de sua mãe, ele se inspirou e ganhou fôlego para continuar a lutar por eles.

Pensando em sua mãe, sabendo da sua situação financeira, ele permaneceu focado no seu caminho e não ligou mais para as críticas, queria sempre dar do bom e do melhor para ela. Quando algo ou alguém o irritava muito, ele rebatia, com argumentos, com atos de resistência, apoiando-se em frases inspiradoras como a da escritora Conceição Evaristo: “Eles combinaram de nos matar, mas nós combinamos de não morrer”.

E assim, os anos se passaram e Francisco conseguiu entrar na universidade, fazer o curso que tanto sonhou: Direito, e se tornar um advogado, que luta pelas causas em que ele acredita.

Sua mãe, quando viu seu menino, agora homem, formado, deu-lhe um grande abraço apertado. Quanto àquelas crianças, que um dia zombaram da cara dele e desdenharam dos seus sonhos, algumas delas souberam do seu sucesso, ficaram surpresas com a notícia. Outras seguiram seu exemplo e lutaram pelos sonhos. Doutor Francisco, como era chamado, olhou para trás e sentiu alívio e alegria por não ter desistido do seu grande sonho.



Lute como uma mulher

Alana era uma menina que cresceu em uma periferia do Rio de Janeiro, com seu pai, sua mãe e seus dois irmãos. Seus pais sempre tentaram fazer com que ela e seus irmãos tivessem os mesmos direitos e deveres dentro de casa, só nunca disseram que, fora isso, seria tão diferente.

Ela estava acostumada a sair de casa, vestindo a roupa com a qual se sentisse bem, sem pensar que isso poderia dirigir a ela olhares e comentários desagradáveis ou que gerassem desconforto.

Ao completar 18 anos, quando foi procurar seu primeiro emprego, ela percebeu que as coisas não eram exatamente como ela imaginava que fossem: com igualdade de direitos para homens e mulheres. Nesse dia, ela estava andando na rua, quando viu uma placa de uma empresa, avisando que contratariam novos funcionários para várias funções. Imediatamente, ela fez seu currículo, se candidatou, participou do processo de entrevistas e ficou aguardando a resposta da tal empresa.

Depois de algumas semanas sem retorno, ela resolveu ligar para a companhia e perguntar sobre o que eles haviam decidido, se já haviam selecionado alguém para a vaga. Em um tom ríspido, soube pela gerente de Recursos Humanos que não tinha sido escolhida. Chateada, voltou para casa. Ela estava tão confiante, achava que seus atributos, cursos e seu jeito comunicativo garantiam aquele trabalho.

Coincidentemente, ao chegar no bairro onde morava, encontrou uma amiga da época da escola do Ensino Fundamental, que comentou trabalhar na empresa onde ela fez a entrevista. Foi então que sua amiga contou os bastidores dessa seleção, comunicando que a vaga tinha sido destinada a um rapaz, sem grandes preparos, sendo seu currículo inferior ao de Alana. A amiga ainda explicou que não era a primeira vez que isso acontecia: que o dono da empresa dava preferência a contratar homens a mulheres, principalmente para cargos de chefia, revelando-se muito machista e misógino.

Alana, diante dos novos fatos, correu com a sua amiga para a empresa, disposta a cobrar do dono da empresa a reparação pela injustiça cometida com ela. Após expor a situação, o empresário argumentou que, de fato, os contratos não eram feitos só pelo currículo, mas pelo gênero que era mais capacitado para trabalhar e se desenvolver naquele ambiente empresarial, que ele julgava ser apenas para homens.

Indignada por ouvir tamanha asneira, Alana sai do local decidida a fazer algo a respeito: ela cria um blog onde denuncia casos de machismo, misoginia e, com outras mulheres, recruta candidatas em busca de emprego para se inserir no mercado de trabalho, onde seus direitos são respeitados. Ela sabe que é pouco, que é um passo pequeno diante do grande problema de desigualdade de gênero, porém é um começo para transformar a realidade.

Direito é respeito | Não ser igual não é ilegal

um poema-manifesto da AEL Daniel Carvalho

Me perguntaram o que é desigualdade,
mas na real,
nunca soube de verdade,
só quando entrei na AEL,
caí na realidade!

O mundo é cheio de diferenças,
na AEL também é assim,
conheci pessoas totalmente diferentes de mim.
Mas eu não julgo,
porque as nossas diferenças
nos fazem únicos.

E, sim, atores também são pessoas diferentes,
eles discutem, brigam, se odeiam e se amam,
mas a criatividade une a gente,
e no final o amor pelo teatro sempre vence.

Você não deve ficar com medo
de ser quem você é,
porque você é perfeito
do jeito que quiser!
Não deixe a crítica te abalar,
ela só vai te atrasar!
É só colocar o fone e pensar:
como você pode melhorar?
Mas não para os outros
e sim pra você mesmo.
Críticas são atraso,
não gaste seu prazo
dando ouvidos pros errados!

Ultimamente estou achando
que está cada vez mais difícil ser mulher,

homens nos olhando,
como se fôssemos um brinquedinho qualquer.

Pensamentos ruins como:
“eu sou homem e você mulher,
então com você eu posso fazer o que eu quiser,
sou maior, mais forte e melhor,
posso lhe passar a mão na hora que eu quiser,
seja no ônibus, na rua ou no metrô,
ou até no meio de um corredor”

Mas na AEL não é assim,
somos TODOS iguais,
ninguém menos, ninguém mais:
IGUAIS!
Sendo negros, brancos, homens e mulheres,
todos especiais.

“Ana, então você está dizendo
que todo mundo é igual a todo mundo?”
Não é bem assim,
somos diferentes, sim!,
só estou dizendo que todos precisam
de direitos iguais
e de uma vida boa,
porque ninguém é melhor, nem pior
que outra pessoa.



Respeite as mulheres da nossa nação,
pois não importa:
se elas têm cabelo ou não,
se elas são gordas ou magras,
se vivem na favela ou na Lapa,
se moram ou não nas melhores casas,
se são trans ou homossexuais,
pois de qualquer jeito elas são iguais!
O machismo ninguém aguenta mais!

Amor, respeito e compaixão
não é questão de opinião!
E, sim, obrigação!
Respeite os mais velhos,
pra você ser respeitado também.
Não faça para os outros
o que você não quer receber de ninguém!

Respeito sempre em primeiro lugar,
todos temos que respeitar
as pessoas com deficiência,
é uma questão de consciência!
Assim como nós, eles também têm inteligência,
podem ter competência e boa aparência
e, com o tempo, adquirir experiência.

Todo mundo tem direito
de ter uma casa boa
e nadar numa lagoa,
de ter um prato de comida
pra enfrentar a vida.
Todo mundo tem direito
de ter um trabalho
que seja bem recompensado.

Ou você acha justo?
uma pessoa preta de periferia
que está em uma empresa há muito tempo,
nunca faltou ao trabalho,
é realmente um bom exemplo,
“mas quem recebe o grande aumento?”
a pessoa branca de classe média,
que falta constantemente
e fica de pernas pro ar, sentado,
deixando o trabalho de lado.

Nós não somos iguais, e isso é bom.
Mas com isso sempre vem um problema: a discriminação.
E isso nem sempre se resolve com um sermão,
uma conversa ou um aperto de mão.
Só se resolve mesmo cultivando o respeito,
que seja verdadeiro, do fundo do peito,
esse é o passo mais importante
para um mundo justo e empolgante!

Se um pode ler,
todos têm que poder!
Ler é a minha vida, ler é muito legal!
Ler é a minha moradia, ler é sensacional!
Quem lê, melhora sua saúde mental!

Viva! A vida é uma alegria!
Viva o amor do mundo!
Viva bem cada minuto do seu dia,
e, quando precisar, respire fundo!

Ana Luiza Souza Alves, 13 anos,
Anna Beatriz Ribeiro Silva, 11 anos
Diego de Jesus Soares, 10 anos
Diogo Moraes de Souza, 10 anos
Eduarda Lohanya de Souza, 12 anos
Flávio Rocha dos Santos, 11 anos

Gustavo Pedroso da Silva, 12 anos
Ingrid Sophia de Oliveira Teles, 11 anos
Isabelly Victoria Silva Costa, 10 anos
Jefferson Matheus dos Santos Felipe, 13 anos
João Paulo Evangelista Garcia, 13 anos
Kaique Guilherme Vasconcellos da Costa, 14 anos

Laryssa Fernandes dos Santos, 13 anos
Manuela Felix dos Santos, 13 anos
Miguel Souza Pereira, 13 anos
Pedro Daniel Evangelista Garcia, 14 anos
Pedro Henrique da Silva dos Santos, 10 anos
Willian Rogério dos Santos Felipe, 14 anos

Ironia social

Um diálogo entre privilegiados e desfavorecidos

A igualdade de direitos
é uma conquista que se faz
com lutas e com respeito,
pois todos merecem a paz.

*Uma história de coragem e com orgulho te digo,
pois também possuem direitos,
buscando a liberdade da pele,
buscando a liberdade dos que com eles caminham.*

**Crescendo a partir de favores,
para chegar ao topo sem esforços,
a palidez que envolve os rostos,
daqueles que acobertam temores.**

*Ser mulher é motivo de orgulho,
mas nem sempre somos valorizadas,
mesmo trabalhando duro,
em vários turnos e triplas jornadas.*

**Ah, as mulheres são muito exageradas!
Quando eu posso, eu até ajudo em casa,
lavo sozinho minhas roupas e meus pratos...
Enfim, esses “mimimis” feministas são muito chatos!**

*Todos têm direito à sua opção sexual
e respeitar isso não fará nenhum mal!
Isso não define se vai ser criminoso,
para a sociedade não é nada perigoso.*

**Os gays: como terão filhos?
O futuro da humanidade está perdido!
Não podem chegar perto de crianças!
Eles não têm nem o direito de usar alianças!**

*Pobreza não é defeito,
nem motivo de desrespeito,
mas, ainda assim, é alvo de preconceito
e de muita discriminação no peito.*

**O rico também sofre, também sente
e tem que lutar suas próprias lutas
Não é justo ser julgado somente
pelos valores exorbitantes em suas contas.**

*Que a igualdade de direitos seja o nosso lema!
E o respeito às diferenças, nossa virtude!
Que possamos caminhar juntos, sem problema!
E construir um mundo de amor e plenitude!*

Coletivo Escritoras de Memórias

Maria Rafaela Rodrigues do Espírito Santo, 17 anos
Pamela Vitoria de Nova, 18 anos

Sthephany Oliveira Rodrigues de Souza, 17 anos
Violeta Aires Monteiro, 16 anos



Abraço da diferença

Ser respeitado.

Ter respeito.

Difícil? Por quê?

Não! É possível...

Querer ser respeitado e respeitar são
duas coisas diferentes

Por que te respeitaria se você não
respeita minhas diferenças?

Certo?!

Eles colocam barras entre nós, não
querem se misturar com a “gentinha”?

Hipócrita, você não pensa?

Quando você faz isso, está sendo sujo.

Mas por que ligaria se você é melhor que
o mundo inteiro?!

Enfim, o respeito se acaba

quando a desigualdade nos abraça!

DRE **CAMPO**

LIMPO



Chega de preconceito

Respeito é tudo na vida
Chega desse preconceito
Por que tem que ser desse jeito?

Você me julgando
Sem saber o meu valor
Só me fazendo sentir dor

Racismo não leva a nada
VOCÊ ACHA QUE TUDO ISSO É PIADA?

Você não aceita algo ser diferente
Em vez de vir conversar com a gente
Fica sendo preconceituoso
E fica julgando todos pelo rosto.



"Eu escrevivência"

Minha cor não define quem eu sou

Posso ser negro,

mas ainda tenho o direito

A ser médico, engenheiro ou professor.

Meu cabelo pode ser crespo,

e só por isso tenho que ser preso?

— Qual vai ser o corte?

— *Vou deixar no Black Power!*

— *Ué, você não gosta de alisar?*

— *Não, não. Agora vou me identificar.*

Meus lábios grossos são muito atraentes,

mas, só por isso, tenho que ser tratado como um esquisito,
estranho e diferente?

— *Hey, beijuda! Vai aonde?*

Por que tudo é assim?

Por que acham que sou tão ruim?

— Eu escolho você!

— *E eu?*

— *Ah, fica no banco mesmo...*

Sou apenas um mortal

como tu, nós, vós...

— P-parem com isso... Está me machucando!

Andar na rua ainda pode ser fatal pra mim.

(disparo)

Meninas sendo desrespeitadas em plena sala de aula.

— *Cala boca você não tem direito, você é mulher!*

Ou ser interrompida no meio da frase por um menino da sala,

ou não poder jogar na quadra

porque os meninos já tomaram conta.

— Vamos jogar vôlei?

— *Não dá mais! Os meninos já estão jogando bola!*

Professoras sendo desrespeitadas por ser mulher e
ainda mais, preta.

— *Lugar de mulher é no fogão*

E se uma mulher vim falar de futebol...

— *Então, o que é impedimento?*

Não é só porque eu sou mulher
que eu não vou saber o que é.

Usar roupa curta, sair na rua e ouvir :

— *Ô lá em casa hein?!*

— *Que isso, hein gatinha!*

Chega!

Isso dói não só em mim,

mas também em outras mulheres por aí.

Me escuta

Meu coração bate forte
Quando vejo desrespeito
Também bate muito forte
Quando vejo preconceito

Não sou obrigada
A aguentar grosseria
Me ajuda!
Escuta as minorias

É fácil falar que quer respeito
Ouço coisas que não fazem sentido
Somos todos seres de direito
E merecemos ser acolhidos

Homens e mulheres são iguais
Ninguém pode ser excluído
Nem os homossexuais
Devem ser oprimidos

E também temos as crenças
Sentimento religioso
Cada um sabe o que pensa
Mas não é melhor que os outros

E ainda tem o preconceito
Com as pessoas com deficiência
Que lutam por seus direitos
Lado a lado com a ciência

Não somos iguais
Somos milhares de possibilidades
As diferenças nos unem
E nos trazem felicidade

Ana Clara Paiva Alves, 12 anos
Ana Julia dos Santos Pessoaas, 13 anos
Brenda Brito da Silva, 13 anos
Brian Alberto de Lima da Silva, 13 anos
Emanuelle dos Santos Reis, 13 anos

Micaelly Rodrigues de Sousa, 13 anos
Mirella Bastos Ferreira, 13 anos
Myrella de Jesus Batista, 12 anos
Steffhanye Mota Silva Oliveira, 12 anos



Mude a si mesmo e o mundo mudará

Todos nós somos iguais
Mas temos nossas diferenças
Poucas ou muitas...
Na aparência ou jeito de pensar
Cor, religião, classe social,
Gênero, modo de viver...
Temos as nossas diferenças.
E, por isso, devemos respeitar
A dor dos outros, sem julgamento,
Buscando a harmonia e
Os direitos iguais.
Incluindo e não excluindo!
Aproximando e nunca rejeitando
Todos juntos somos fortes
Separados, enfraquecemos.
Quem somos nós para julgar?
Devemos respeitar, insistir, lutar e conseguir.
Nunca desistir de amar a todos,
Independentemente das diferenças, respeite!
Pratique a tolerância!
Deixe de bobagem,
Deixe de ignorância...
Respeite as diversidades e
Colha respeito em toda a cidade.



O julgamento

A sociedade é dividida
Entre o bem e o mal
O amor e o ódio
O respeito e o preconceito
A empatia e o julgamento.

O julgamento de ser feliz,
O julgamento de amor,
O julgamento de adorar aquilo que acredita,
O julgamento de viver sua vida.
Mas a liberdade não é sua!

O amor não é seu...
Deveriam ter mais respeito
Com os outros seres humanos.
O julgamento não te levará a lugar nenhum!
As pessoas devem parar com o preconceito!

Você é um juiz ou julgado?
Você é humilhado ou exaltado?
Você é o culpado ou a vítima?
Você é o dedo apontado ou é você que aponta o dedo?

Você é... **PARA!**

Todos somos seres humanos,
Somos carne, sangue e ALMA.
Assim, devemos ser respeitados da mesma forma!



Família

Morava ali no morro do Lamaçal uma família típica de sete pessoas, Maria, a mãe, e Antônio, o pai, Joaquim, o primogênito da família, tinha 18 anos, Francisco com 17, José com 16, Carminha com 14, Maria, 6 anos e a caçula Isabela, 3 anos.

Vindo da Bahia, o pai com 20 e a mãe com 16, desempregados fugiram da escassez da terra seca e desesperados atrás de um emprego, de uma vida digna para a família que fosse diferente daquela que viviam. O primogênito ainda era um bebê. E, assim, vieram com a cara e coragem, como todo retirante que se preze, cheios de esperança.

Vieram para São Paulo, nas malas, pouca coisa, mas muitos sonhos... e com esperança de uma vida melhor, de realizar projetos e ver, em suas vidas, tudo aquilo que ouviram dizer que tinha de bom na “cidade grande”.

Logo no início, encontraram dificuldades que não esperavam encontrar e, no meio do caminho, acabaram se frustrando muitas vezes com a verdadeira realidade da cidade, mas a única opção que tinham era aceitar e enfrentar.

A favela era chamada Vietnã do Brasil (como nos contou o poeta Sérgio Vaz), num período de regime militar ou ditadura, em que a liberdade de expressão não existia e a discriminação era comum, o respeito às diferenças não era nem conhecida.

Quando chegaram na favela encontraram um barraco vazio e, com muito medo, invadiram porque não encontraram outra moradia que fosse barato o aluguel e, como o dinheiro que trouxeram, juntado com muito sacrifício, era escasso, sempre a prioridade foi comer. Lá, quando dava 20h30 os moradores eram obrigados a ficar dentro das casas porque havia tiroteio a madrugada toda.

Algum tempo depois, o Antônio conseguiu um emprego de ajudante de pedreiro e vivia sofrendo preconceito pelo seu sotaque nordestino, quando os seus colegas de trabalho, na maioria pessoas que tinham vindo também de outras regiões do Brasil, zombavam dele.

Enquanto Antônio trabalhava, Maria ficava em casa para cuidar dos seus filhos e, quando levava os filhos para a escola, era julgada com olhares e cochichos, dentro do ônibus, por ter muitos filhos, e acabava ficando constrangida por isso e devido aos comentários sobre o seu sotaque.

Na escola, os filhos e filhas eram julgados pelo emprego de seu pai, todos sofriam racismo pela cor das suas peles, mas o caso era abafado pela escola. Sofriam com apelidos racistas e por seus cabelos black power. Eram apelidados de cabelo duro e isso os deixava muito tristes.

Maria e Antônio começaram a ler sobre o assunto e quanto mais liam, mais tinham como ajudar seus filhos e filhas a enfrentar as situações.

À noite, quando a família se reunia, trocavam as tristezas do dia, mas também as esperanças que, com o enfrentamento dessas ações preconceituosas, denunciando à escola para que fossem tomadas atitudes para inibir essas faltas de respeito e, todos juntos se ajudando, seguindo as orientações dos pais que tinham decidido não abaixar a cabeça e enfrentar as discriminações para serem respeitados em seus direitos, a família fosse se fortalecendo e ganhando confiança, como cidadãos.

Passados 10 anos, com os filhos mais velhos estudando e trabalhando para ajudar, tudo estava melhor, em todos os sentidos. Antônio, agora, estava em um bom emprego numa construtora e, com seu grande desempenho e dedicação ao trabalho, estudando à noite, foi subindo de cargo e conseguiu oferecer uma condição de vida melhor para sua família.

Hoje, é uma família feliz, estabelecida, em sua casa própria que, consciente de seus direitos, lutam em ONGs em defesa do respeito às diferenças e pela igualdade de direitos nessa “cidade grande”, repleta de diversidade. Nunca deixaram suas raízes, lutaram por elas.



Poucas diferenças

Somos iguais
Na maioria das coisas,
Somos iguais, cometemos erros,
Afinal,
Somos seres humanos,
Nascemos, crescemos
e morremos, então,
por que não temos a
mesma liberdade?
De termos o nosso corpo
do jeito que quisermos?
Assumirmos nossa
sexualidade?
Não sermos julgados
pela cor da nossa pele?

A nossa sociedade quer
acabar com o diferente, espancar, odiar e matar
por puro preconceito?
Todos nós temos que ter o mesmo direito:
Sairmos na rua de roupas curtas, cadê o respeito?
Essa sociedade está perdida,
não sabe o quanto está
destruindo vidas.

Nosso dia a dia

Iniciamos o dia com muita alegria
Gosto de tomar um café
Amanhã, ainda tem aula
Eu acho legal jogar
Todo **d**ia tem que ir à escola
Amo muito andar de skate
E também gosto de ler

De saber,
Descobrir igual ao **R**umi
E que **t**em dentro **d**e mim
Sou como o Cuti
A Dandara,
E como o **A**lisson Thiago

Eu **r**espeito
Nós respeitamos
Poetas

As Palavras da África
As Palavras Indígenas
O Poema e o Cordel
Levam-nos a **d**iferentes ações

DRE CAPELA
DO SOCORRO



Lápis cor de pele

Quando era criancinha, costumava pedir o lápis cor de pele emprestado
E sempre que pedia, aquele salmão bem clarinho era me dado

Quando reclamava diziam
“Se não quer essa, que cor você quer? Vinho?”
E, sem paciência, me ignoravam e seguiam seus caminhos

Eventualmente, me acostumei com a situação
E a cor parou de ser um problema desde então

Mas um dia resolvi olhar em volta
E uma coisa me chamou a atenção:
Só duas pessoas da sala tinham a pele com aquela cor salmão

Decidi, depois daquele dia, que quando me pedissem o lápis cor de pele emprestado
Daria uma porção de cores para o outro escolher;
Porque aprendi, é assim que deve ser.



Uma noite de injúria

Em um dia qualquer, um homem resolve jantar em um dos seus restaurantes preferidos, era luxuoso e renomado. Ao chegar no local, deu de encontro com as mesmas pessoas de sempre, porém havia um grupo de pessoas diferentes do que ele costumava ver por lá. Ao invés de famílias ricas ou empresários de tonalidade branca, estavam lá um grupo de jovens, havia pessoas brancas, mas não eram a maioria. Isto despertou no homem um desconforto e mal-estar.

Não queria sentar perto dessas pessoas pelo simples fato de sua tonalidade de pele não ser a mesma da deles. Não conseguiu se sentar longe, as mesas com maior distância já estavam ocupadas. Portanto teve de se sentar ao lado do grupo de jovens.

Nisso, o homem já se encontrava em completa ira perante os jovens negros, mesmo sem nem se ter dado o trabalho de falar com eles, não sabia suas histórias, vivências, lutas, não existiu nem sequer a troca de uma simples palavra, mas, mesmo assim, o homem se sentia desrespeitado.

Os jovens perceberam o incômodo notório que o homem transmitia, ainda não sabiam o porquê deste mal-estar. Só sabiam que aquilo estava tornando a situação desconfortável aos dois lados da história. Então, o jovem chamado Miguel, um dos jovens negros do grupo, se dirigiu até o homem a fim de ajudá-lo e, assim, entender o motivo do desconforto.

Ao chegar perto, o homem logo se afastou, pois, para ele, aquilo era algo inadmissível.

— Está tudo bem com o senhor?!

Miguel indagou.

O moço não quis responder de imediato, não queria ser visto conversando com alguém negro.

— Olha aqui garoto, não tenho dinheiro se é o que você veio pedir.

Essa era uma afirmação um tanto irônica, logo que se observa o lugar onde o moço está. Depois dessa fala, Miguel soube o motivo por trás de todos os olhares tortos do moço referidos aos jovens.

— Senhor, não vim pedir dinheiro. Vim perguntar o motivo de tal desconforto perto da nossa mesa. Mas agora já entendi tudo.

— Entender o quê?! Se acha que preciso de ajuda de alguém como você pode tirar o cavalinho da chuva.

— Alguém como eu, não sou obrigado a ouvir isso.

— Pois bem, faça esse favor a todos do local e vá embora logo, este restaurante não é para pessoas de sua classe.

O garoto sente raiva, queria poder voltar no tempo e simplesmente nunca ter tido aquela conversa. Porém respirou fundo e disse:

— Posso até não ter a mesma independência financeira que você, não usar os mesmos trajes que você usa, não ser da mesma religião, ou simplesmente não possuir a mesma etnia racial que você, mas nunca deixarei que nenhuma dessas diferenças me torne menos ser humano, menor ou maior do que ninguém. Isto nunca definirá quem sou ou deixo de ser, quem define isso é o meu caráter e as minhas atitudes.

O homem fica em silêncio, e o restaurante todo para, vendo o que estava a acontecer.

— Por mais que pessoas como você tentem disfarçar, isto tem nome e se chama racismo e também é considerado crime. Essa intolerância só mostra o quão ignorante o ser humano pode ser, ignorando os verdadeiros valores, substituindo-os por preconceitos enraizados na sociedade.

A gerente chega ao salão no tempo do discurso e, para surpresa do homem, era uma mulher negra, ela era a mãe do garoto. Logo que o garoto para de falar, ela diz:

— De pessoas como o senhor, eu sinto dó e, a partir de agora, o senhor será encaminhado à delegacia e irá responder por injúria racial, espero que tenha um bom advogado.

A postura prepotente e valente do homem tinha caído por água a baixo e ele foi expulso do estabelecimento pelos funcionários.

Depois disso, todas as pessoas bateram palmas para o menino e, naquela noite, ele tinha se tornado o exemplo de jovem sensato e respeitoso, coisa que é preciso ter nos dias de hoje, deixando uma grande lição de vida a todas aquelas pessoas. A partir daquele dia, as coisas mudariam naquele restaurante.

No caminho para sua casa, o garoto passava por um beco. Ao passar por ele, na intenção de cortar caminho até sua casa, Miguel sentia que estava sendo observado e perseguido. Até que dois garotos vão para cima dele e o derrubam.

— Olha aí, Irmão! Então este é o cara que quis mexer com nosso pai?

— Pai?! Se vocês tiverem falando daquele homem no restaurante estão muito enganados, ele cometeu racismo e isso é crime, a culpa foi dele.

O garoto odiava o fato de ter que se explicar por um ato egocêntrico de outra pessoa.

— Não queremos saber, agora você não tem plateia alguma para te aplaudir.

Os garotos sabiam o que houve no restaurante, pois iam justamente ao encontro de seu pai, porém, quando chegaram, presenciaram o discurso do lado de fora. Então, em decisão imprudente, o garoto começa a jogar pedras no jovem negro, que era, mais uma vez, vítima do racismo.

— É triste ver como o convívio pode interferir no caráter de uma pessoa de forma negativa. Ninguém nasce preconceituoso, intolerante, ignorante, ninguém nasce racista!

O garoto que até então não havia falado nada interrompe o irmão gritando:

— Para!

— Olha para você, agora você é racista?! E tudo isso por nosso pai?! Que não se deu nem ao trabalho de nos explicar o que havia acontecido. Você viu o que eu vi, o que ele fez não foi certo. Você sabe disso.

O garoto com as pedras na mão paralisa e entra em prantos.

— O que eu estou fazendo?! E tudo isso só por aprovação de pessoas que só se importam com seu próprio nariz.

— Sei que não é tão fácil assim, mas peço desculpas, não precisa aceitar, só preciso que saiba que essa é a última vez que algo assim acontece.

— Ainda é muito cedo para aceitar qualquer desculpa, a única coisa que peço é que, a partir de agora, possua mais respeito, não só racial, também religioso e outros tipos. Respeite as diferenças.

O jovem negro foi embora e os dois outros garotos ficaram lá estagnados ao chão.

Ao chegar em casa, contou a sua mãe o ocorrido e pediu para a mãe não fazer nada com aqueles garotos, pois se arrependeram.

— Me entristece saber o quão aquele pai pode ser prejudicial aos filhos, que bom que pelo menos tomaram um pouco de consciência e distinguiram eles próprios, o certo do errado.

**DRE FREGUESIA /
BRASILÂNDIA**





Intolerância religiosa pra quê?

Intolerância religiosa pra quê?

Cada um deve ter a liberdade pra crer no que quiser
sem ser perseguido por causa de sua fé.

Mamãe sempre me disse pra não falar das minhas crenças

Ela não queria que eu fosse julgada por essa ralé de preconceituosos

Que dizem que o meu culto é demoníaco.

Bando de ignorantes e egoístas!

O que os fazem achar que sua religião é superior à minha?

Nós que seguimos religiões de matriz africana,

somos marginalizados simplesmente por acreditar,

julgam nossas danças, nossas oferendas, nossos rituais,

mas não vão nos intimidar, vamos continuar cultuando nossos orixás!

E pra encerrar, vou escrever:

Saravá! Ora yê yê Ô! Laroyê!

Mas se preferir, não tenho preconceito, também posso escrever:

Aleluia!

Shalom!

Namastê!



○ tom diferente

Entrei no mercado e fui tratado como um nada
Só pelo tom de pele me maltrataram
Assim que olhei para trás, me senti desolada

Eu pensei e me perguntei:
Por que as pessoas ainda agem assim?
Com racismo, preconceito e imaturidade
Por que o mundo ainda está assim?

Nós somos todos iguais
Não há diferença de raça ou de cor
Se em nosso coração
Houver respeito e amor

Sou gorda sim!

Sou gorda sim!
E tenho orgulho de ser assim

Na minha vida passaram pessoas que perguntaram:
Como é ser assim?

Eu respondi, com prazer:
Amo o meu jeito de ser!

Sou gorda sim!
Guerreira, amiga e companheira
Trabalhadora e resistente
Aos preconceitos existentes

Sou gorda sim!
Me amo sim!
Me aceite e me respeite assim!

Alice Vitoria Vasconcelos da Cruz, 12 anos
Bryan Vieira dos Santos Costa, 12 anos
Carlos Alexandre de Faria Silva, 11 anos
Erivan Cordeiro Braz Ferreira, 12 anos
Elias Oliveira Basilio, 11 anos
Emanuelle Aparecida dos Santos, 13 anos
Flavia dos Santos Duraque Sousa, 11 anos

Isabelly Vitoria Alves da Silva, 11 anos
Julia Gomes dos Santos, 11 anos
João Pedro dos Santos, 10 anos
Kesia Camili de Faria Silva, 14 anos
Kelly Alves Santos, 12 anos
Keffelyn Pompeu da Silva, 13 anos
Maria Luisa M. Santos, 11 anos

Mariana Vieira da Silva, 10 anos
Maria Gabriely Viana Coelho, 10 anos
Maria Luiza Montes Santos, 11 anos
Pedro Henrique Alves dos Santos, 14 anos
Vanessa Santos Silva Costa, 14 anos
Virginia de Jesus Viana, 14 anos



O meu cabelo

Sempre quis ter cabelo bem cuidado,
mas não sabia como tratar,
até que abriu um salão na minha rua,
que eu passei a frequentar

“Cuidamos de cabelos afro”
Era o que a placa dizia
E logo abaixo ainda vinha escrito:
“O cabelo pode mudar seu dia”

Quando li o que lá estava,
Fiquei muito animada
Não via a hora de juntar dinheiro
Para ficar bem arrumada.

Marquei um horário com muito esforço,
Chegando lá, não conseguia parar de admirar
A felicidade tomou conta do meu rosto,
A atendente me chamou para na cadeira eu sentar.

A cabeleireira tocou no meu cabelo com carinho,
Escolheu o xampu adequado,
Massageou meu couro cabeludo suavemente,
E finalizou a lavagem com cuidado.

Tirado o excesso de água, começou o penteado,
Creme para finalizar, gel e ativador de cachos,
Pente e escova específica para cabelos afro,
Terminou o trabalho com muitas fitas e laços!!!

Minha verdadeira identidade

Quando era pequena, lembro-me de minha mãe fazendo vários penteados diferentes em meu cabelo. Era trança nagô, coquinhos com muitas fitas e laços. Ela sempre conversou comigo para que eu não me magoasse com os comentários maldosos de outras pessoas.

Eu me achava linda, pois sempre recebia elogios dos colegas e professores, mas na minha adolescência isso não aconteceu. Comecei eu mesma a pentear meus cabelos e percebi que fazer penteados não era fácil. Os elogios viraram ofensas por parte de meus colegas. Comecei a ter vergonha de usar os cabelos com penteados ou soltos. Então decidi usar um único penteado, cabelo preso no alto, pois era mais simples para o dia a dia.

Já não me sentia eu mesma, sentia-me presa, não estava mais me reconhecendo, mesmo assim seguia a vida... até que numa terça-feira, após a aula, subi para a Sala de Leitura onde sempre acontecia o Projeto AEL. A professora anunciou que teríamos uma apresentação na escola intitulada “Momento com a poesia” – seria nosso sarau adaptado por causa da pandemia e era importante nos identificarmos com o texto escolhido. Todos ficamos eufóricos e partimos para nossas pesquisas. Minha primeira escolha foi um poema do querido Sérgio Vaz, mas não me identifiquei, o poema era belíssimo, entretanto eu não me sentia bem ao recitá-lo. Continuei minha busca, até que a professora me apresentou a obra do Rodrigo Ciríaco, Vendo Po...esia. Li vários poemas e quando cheguei no poema “Recado” fiquei emocionada. Ele era perfeito, foi identificação à primeira vista. Resolvi que apresentaria com uma amiga do 6º ano e partimos para a memorização. Eu tenho um pouco de dificuldade para decorar e queria realmente transmitir o sentimento que aquele poema me causou.

Nossa primeira apresentação foi para o grupo de professores, eu estava muito ansiosa, mas consegui... Foi incrível.

Apresentamos para os alunos da escola e, no dia, eu pedi para que uma amiga gravasse para eu mostrar na minha sala, já que não apresentaríamos para os nonos anos.

Depois das várias apresentações, inclusive em outros espaços, comecei a me sentir livre com meu cabelo. Passei a usá-lo solto, estilo black e voltei a receber elogios. Até mesmo as pessoas que me ofendiam e criticavam, passaram a elogiar, depois de assistirem ao vídeo da apresentação.

Eu estava novamente me achando, de verdade, linda! Passei a receber elogios todos os dias. Nunca tinha me sentido tão respeitada e querida por todos.

Hoje me olho no espelho e me reconheço. Estou de volta...

DRE **GUAIANASES**





Negros e negras.
Quase sempre desrespeitados,
Eles podem ser presos fácil,
Elas quase não conseguem trabalho.
Mas se for para ser violada,
A cor pode até ser ignorada.

Mortos e feridos.
Vítimas da homofobia,
Não aprovados em certas vidas,
Seu lugar nesse mundo nem sempre é bem visto,
Enquanto houver discriminação, não haverá respeito então.

Mas nem tudo está perdido,
O mundo está mudando.
As leis estão chegando.

Vejam nossas conquistas.
As mulheres, por exemplo,
Sempre batalhando, sempre lutando.
Em 32, puderam votar,
Em 62, puderam trabalhar,
Em 77, puderam se divorciar,
E em 88, a igualdade vieram a conquistar!

Mas os homens não ficam para trás,
Hoje eles podem trabalhar, mas também podem descansar.
Pois, desde 32, da jornada de 8 horas puderam aproveitar.

Mas a luta continua,
Em prol da igualdade e em busca de respeito.
Cada um com seu espaço, cada um com seu lugar,
devemos nos respeitar.

Fazemos a nossa parte.
E você, faz a sua?



Sou favela sim senhor

Sou favela, vou logo avisando
Chega de ódio, exijo respeito
Sou favela sim
Com orgulho bato no peito
Não sou bandido
Deixa de preconceito

Desprezado e discriminado
Nem transporte pode ser chamado
Meu endereço não existe
No mapa não foi encontrado
O motorista visualiza o local
E o carro é cancelado

A cor do preto
É o grande problema
Vivemos às margens
Desse esquema
Longe da burguesia
Preto não mora em Moema

Aqui na favela
Tem gente de bem
Mas seu preconceito
Não enxerga além
O corre aqui é diário
Só sabe quem aqui vem

Aqui tem crianças
Sorrindo e brincando
Tem roupa no varal
Mulheres cantando
Os jovens também
Seguem sonhando

Agora você já sabe
Então respeite a gente
Cure seu preconceito
Deixe de ser indecente
A vida é difícil por aqui
Mas nosso povo é valente.

Respeite a minha cor

Gosto da minha cor
Representa meus ancestrais
Esse discurso de ódio
Não aceito jamais
Deixa disso meu amigo
Assim seguiremos em paz

Sou negro mesmo e daí?
Me julgas tão diferente
Mal sabe você
Minha cor me faz valente
Isso é o que importa
E me deixa mais contente

Teu racismo me incomoda
Teu preconceito me insulta
Mesmo assim eu não desisto
Junto forças vou à luta
Só falta você entender
Quem é preto não reluta

Todos precisam entender
A mais linda lição
Preconceito não dá mais
Vamos viver em comunhão
Respeitando as diferenças
E a nossa Constituição.

Ana Clara Ferreira Martins, 11 anos
Ana Karolina da Silva Marques, 11 anos
Emylli Vitoria da Silva Santos, 11 anos
Isabella Silva Sales, 11 anos

João Pedro da Conceição Silva, 12 anos
Kauã Gabriel Duarte, 11 anos
Kevenn Eduardo Ramos dos Santos, 16 anos
Mariana de Souza Silva Ferreira, 11 anos

Raquel Vitoria Flores dos Santos, 12 anos
Yasmin Oliveira de Lima, 11 anos
Yasmin Vitoria Oliveira Araujo da Silva, 11 anos



A homofobia presente na escola

Eu e minha amiga Valentina estávamos conversando sobre eu ser perturbado por Gabriel, logo então ela me diz:
 — Mas por que ele faria isso com você? Você não tem nada contra ele, tem? – disse a morena um ano mais velha que eu.
 — Eu realmente não sei, Valen... Desde o dia que ele me viu te contando que sou gay, ele faz isso. – digo frustrado.
 — Pedro, isso é homofobia! Você tem que dizer para algum responsável!

Ela para e pensa novamente:

— Como o senhor Marcos! – disse ela
 — O diretor? – digo sem entender.
 — Sim! Ele é o diretor, tem que saber.
 — Não sei não. – digo logo assim que a morena fala.
 — Mas por quê? – ela pergunta.
 — Tenho medo da sua reação. Sei lá, talvez ele não me aceite... – digo com medo do que pode acontecer.

Logo um tempo passou e o sinal bateu e então fomos para sala. Ao me sentar no meu lugar de sempre, do nada tropecei em algo e todos riram e vi que Gabriel colocou seu pé para isso acontecer. Mas Valentina viu tudo e logo vi sua expressão de felicidade mudar para raiva rapidamente, logo saí da sala sem dar satisfação de onde iria e então fui atrás de minha amiga, e a vi entrando na diretoria: — o que ela estava fazendo? – eu pensei.

Fiquei assustado em relação ao que ela poderia fazer e, quando entro, dou de cara com ela falando com o diretor.

— Diretor, o senhor não entende, isso é homofobia! – ela diz irritada e logo tento acalmar a situação, calmo, porém com medo:

— Tenha calma Valen, não vale a pena brigar...
 — Pedro não dá mais! Eu não aguento mais ver o Gabriel fazendo isso com você! – ela diz em um tom cansativo e nervoso.
 — Por gentileza, senhorita Valentina, deixe-me conversar com o Pedro e chame o Gabriel fazendo favor. – o diretor completa sua conversa com Valentina.

E depois de uma longa conversa que eu, o diretor e o Gabriel tivemos, nos resolvemos com muito diálogo, e claro, Gabriel recebeu várias broncas do Senhor Marcos, mas nada de agressões ou palavras agressivas. E, logo depois, Gabriel finalmente percebeu o quanto isso me machucava, e ele acabou pedindo desculpa e eu aceitei, não tive tanta certeza para aceitar depois de tudo que ele fez comigo, mas todos merecem uma segunda chance, não? Por final, nós acabamos virando amigos, e eu realmente espero que nada disso aconteça com ninguém.

Igualdade? Só se for pra você!

Estou buscando a igualdade noite e dia.
Eu busco, eu luto, eu imploro, eu estudo
Eu arrisco, sou ousada, dou minha cara atapa
Sou menina, sou mulher, sou preta, periférica
Sou uma mulher em busca dos mesmos direitos.

Nasci e fui criada em periferia
Desde que nasci, eu vi que negra não tinha local de fala.
Foi isso que eu escutei, eu vi, eu vivi e eu aprendi.
Aí eu me pergunto porque logo eu?
Por causada minha cor?
Já cansei de sentir dor!

Alguns me dizem "não se preocupa, você nem é tão
preta assim, você é quase igual a mim!"
Quase igual a você?
Depois de anos de luta para sobreviver
Você ainda só pensa em você!

Que batalha você teve na sua vida para conquistar
um pingão do que você tem agora?
Acho que a nossa diferença nunca vai estar na cor
Até porque eu que levo tiro e você é o atirador
E ainda é possível de quem tá ali olhar na minha cara
e falar a culpa foi sua!
Você não me entenderia!

Você fecha e abre os olhos pros problemas que você quer
Isso não é a sua realidade
Você nunca vê a tal da maldade
Porque você nunca vai ter medo de morrer por
desigualdade.

Mas eu tenho.
Mesmo tendo, eu irei lutar em busca da igualdade!
Eu luto até o sol nascer
Para nenhuma gota de sangue voltarmos a ver!



Cidade ideal

Acessibilidade rima com igualdade
Que seria se tivéssemos uma cidade
Ideal para todas as idades
Incluindo os diferentes,
como seria gente?

Beatriz Santos Mota, 11 anos
Davi Lucas Santos de Oliveira, 11 anos
Delmarys Alejandra Torrealba Ramos, 11 anos

Gustavo da Silva Bonfim, 15 anos
Maria Eduarda Ferreira Naszradi, 12 anos
Oriana Valentina Matsumoto Ramos, 9 anos

Respeito

respeito todos querem
alguns recebem
não adianta querer respeito
e não respeitar
todos nós temos direito de receber o respeito
mas também temos que respeitar
ninguém deve ser humilhado por ser diferente
respeite as diferenças
o respeito é importante



Preconceito e desigualdade: as ruínas da sociedade

Todos somos iguais e não perfeitos
Todos nós queremos respeito
Seja branco, pardo ou negro.
Rico ou pobre, nunca estamos satisfeitos
Sempre vivemos à base do desrespeito
Falta de amor, de respeito e muita agressão.
Todos nós formamos uma nação
Mesmo com o cabelo cacheado, liso ou crespo.
Mas sempre queremos paz, amor e respeito.
Queremos viver sem o preconceito
Gênero, sexualidade e religião
Apesar de tudo, temos coração
Com tanta falta de respeito, amor e desigualdade
Temos medo da sociedade
Branco ou negro, somos todos humanos em busca de igualdade.

Andressa Silva Henrique, 14 anos
Beatriz Moura Silva, 14 anos
Bryan Anderson, 14 anos
Gabriela Cristina, 14 anos
Gustavo Rodrigues Paulino, 10 anos
Janaina Souza, 13 anos

Ketelen Gabriely de Lima, 11 anos
Luiz Henrique Lopes, 14 anos
Mel dos Santos, 13 anos
Melissa Bianca Melo, 13 anos
Michele Andrade, 14 anos
Mikaely Geovana, 13 anos

Nicolas Feliciano, 14 anos
Priscila Nascimento, 14 anos
Thiago Miguel de Jesus, 10 anos
Thiago Wesley, 14 anos
Vinicius de Souza, 13 anos
Vitoria Aparecida de Jesus, 13 anos



Transfobia

Naquele século em que ninguém respeitava os direitos que tínhamos, existia eu. Ninguém entendia o que eu sentia e ninguém respeitava minhas escolhas, eu posso ser uma pessoa totalmente diferente por dentro, mas, por fora, eu era outro. Um menino incrível com minhas próprias escolhas. Por dentro, eu podia ser aquela garotinha que todos amavam, mas eu escolhi a mudança.
Eles podem não me aceitar, mas eu escolhi ser assim.



E que seja feita a minha vontade

Em um belo reino distante vivia a princesa Manuela, que era uma princesa muito rebelde, pois ela não queria seguir os padrões que impuseram para ela.

Certo dia, estava discutindo com seus pais:

— Mas você não pode ir à cerimônia vestida desse jeito!

— E por que não?

— Manuela, você é uma princesa e daqui uns dias vai reinar nossa terra! -diz o pai de Manuela.

— Então, eu não vou, aquela roupa que vocês separaram, o vestido apertado, o tecido pinica, é muito quente e coça. Então, se eu não posso ir com essa roupa que é mais confortável, eu não vou!

— Manuela não desrespeite seu pai! - diz a mãe.

Manuela murmurou e foi em direção ao seu quarto

— Eu não vou e ponto. - grita Manuela e, em seguida, bate a porta do quarto.

Vai em direção à cama, pega os lençóis, amarra uns aos outros e os amarra na cama, joga os lençóis para o lado de fora da janela e desce por eles. Já do lado de fora, Manuela vai em direção à floresta com sua adaga e seu arco e flecha, montada em seu cavalo. Chegando na floresta, foi se refrescar em uma cachoeira que ficava bem ali... estava se banhando até que percebeu alguém a observando e viu um príncipe.

Ela foi em direção a ele. Então, ele perguntou:

— Vem sempre aqui?

Ela responde:

— Não.

Eles se apresentaram e ele disse que se chamava Gael. Falaram sobre suas histórias de vida, ela percebeu que estava escurecendo, então se despediu e ele pediu para se encontrarem ali de novo, no mesmo horário. Então, chegando ao castelo, subiu para seu quarto e ficou pensando no príncipe.

No outro dia, eles se encontraram de novo, e de novo, até que um dia a princesa o beijou.

De tanta vergonha ela foi embora, mas não deixou de aparecer no outro dia e nada fora do comum: andaram pela floresta, conversaram na cachoeira, colheram flores, até que o príncipe viu que estava cada dia mais apaixonado por Manuela. Então, alguns meses depois, o príncipe tomou coragem, encheu o peito de ar e atitude e disse:

— Manuela quer se casar comigo?

Manuela toda surpresa com toda a delicadeza disse:

— Não! A expressão do príncipe, acreditando que o sim seria certo, ficou confusa e ele perguntou o porquê.

E ela disse;

— Sinceramente, se eu me casar com você, vou ter filhos, lavar suas roupas, fazer comida e cuidar do castelo enquanto você sai para missões? Não, muito obrigada!

Manuela subiu em seu cavalo, voltou para ao castelo, tomou um belo banho e tirou um belo sono real e assim viveu a princesa até sua morte, cuidando de si mesma.

E viveu feliz para sempre!



Na escuridão ainda existe um pontinho de luz

No meio do quarto sem luz
 fechei os meus olhos e nada vi.
 Lá no fundo tinha
 um pontinho de luz.
Quanto mais caminhava
 mais longe ele ficava.
Tentei gritar e só escutava o meu
 eco...
Por um momento tive muito medo
 de nunca mais ver a luz
e novamente vi o pontinho de luz.
 Quanto mais andava
 mais perto ele ficava
e lá no fundo da escuridão
 ouvi um barulho
 Pipi, pipi, pipi, pipi.
E aquele medo de nunca mais ver a luz
 foi embora
quando ouvi uma voz:
— Filho, não se preocupe, a mãe ainda está à sua espera.
E lá no fundo tinha a esperança
 que ainda via
 o pontinho de luz.



○ respeito e a igualdade que prezamos

Há muito tempo vejo o respeito deixando de existir
aos poucos a empatia foi sumindo
e o amor diminuindo.
É engraçado ver que antigamente era tudo mais leve
eu era criança, não entendia
que um dia a sociedade morreria.
Vendo hoje a falta de respeito,
a falta de iguais direitos
vejo que a sociedade não vai morrer,
irá se matar, se engolir no próprio ódio.
MAS venho por meio desse texto pedir como um bombeiro
pede para a adolescente não pular do prédio.
Peço que a sociedade acorde,
se transforme,
chega da desvalorização da mulher no mercado de trabalho,
chega do racismo,
chega do machismo,
chega da homofobia,
chega da xenofobia,
chega da intolerância religiosa,
chega de preconceito.
Chega de ódio, sociedade.
Chega da falta de amor e respeito!
Passei pelo que passei por apenas ser gay
No início não queria aceitar
palavras maldosas tive que escutar

Para hoje essa pessoa
sem medo me tornar
Cada dia mais a homofobia vem crescendo
e muito jovens abatendo
adolescentes cada vez se suicidando
e o amor que havia em suas famílias arrancando
A sociedade devia se tocar
e perceber que apesar das diversidades
somos todos iguais
e merecemos ser tratados como tal
Eu prezo pelo respeito
E espero que um dia
o amor esteja presente em todo lugar
para que a humanidade possa continuar.

O que é ser humano?

Ser humano é ter sabedoria de enxergar que somos diferentes e por isso devemos nos respeitar.

Ser humano é dar voz a todos os pontos de vista da sociedade e viver em harmonia.

Ser humano é estender a mão ao próximo, sem julgar sua orientação sexual, validando toda forma de amar.

Ser humano é acolher a todos sem desprezar sua crença, até porque todos os mestres prezavam pelo amor, o amor é a religião.

Ser humano é saber que a pior deficiência é a moral, pois não existe prótese para caráter amputado.

Ser humano é saber que não basta que todos sejam iguais perante a lei, é preciso que a lei seja igual perante todos.

Ser humano é cultivar a paz e não a guerra, num solo tão violento, poder plantar boas ações e cortar o mal pela raiz sempre prezando as boas sementes em detrimento da morte.

Ser humano é entender que ninguém é perfeito e por isso não criticar de maneira irracional, pois estamos todos em constante evolução.

Ser humano é acima de tudo aceitar que a sociedade trilha caminhos ora diferentes e ora convergentes.

Anna Clara dos Reis Gorgueira Souza, 15 anos
Camila Botelho do Nascimento, 15 anos
Emily Eduarda Moraes Lopes, 15 anos
Giovanna de Jesus Luiz Miranda, 15 anos
Kawany Sophie de Lima, 15 anos

Lívia Victória Gonçalves Soares, 15 anos
Luan Emanuel de Oliveira Rocha, 15 anos
Luan Emanuel de Oliveira Rocha, 15 anos
Luiz Henrique de Jesus Keller, 15 anos
Luiza Ferraz de Almeida, 15 anos

Maria Clara Silva dos Anjos, 15 anos
Maria Clara Silva dos Anjos, 15 anos
Rafaella Silva de Assis Oliveira, 15 anos



As flores

Rosas são vermelhas, e
Violetas são azuis;
Elas são tão diferentes,
E as pessoas também são.

Mas ninguém aceita
Que cada um e uma
Flor diferente,
Que cada um e uma espécie diferente.

Você é lindo(a),
Igual um jardim
De sentimentos.

○ preconceito

Bom, o preconceito começa quando o menino branco de roupa de marca começa a fazer bullying na escola com o menino negro.

O preconceito começa quando a menina que se veste diferente é chamada de lésbica só por usar roupas largas, raspar o cabelo e não ser tão afeminada ou um menino afeminado que usa roupas de "menina" e tem voz fina é chamado de "viado".

O preconceito começa quando religiosos odeiam outras pessoas pelo simples fato de elas não seguirem um padrão.

E como ficam as pessoas obesas e as pessoas magras nisso? A pressão sobre elas é tanta que elas fecham a boca ou comem demais até passarem mal, essas pessoas odeiam a si mesmas por causa de padrões. E tudo isso por uma opinião "comum", por uma opinião que muitos chamam de livre arbítrio, mas que machuca até aqueles que não têm nada a ver com a discussão.

O preconceito sempre começa quando a sociedade impõe um padrão a todos aqueles que não fazem parte de tal, o preconceito sempre "começa", mas a pergunta que não quer calar, quando que esse preconceito acaba?



Ser ou não ser

As pessoas falam que eu sou confuso pela minha orientação sexual, já ouvi pessoas falarem que preferem ter filhos ladrões ou drogados a LGBTQIA+, como se gostar de uma pessoa do mesmo sexo fosse errado, geralmente são pessoas que se acham moralmente corretas e julgam as ações dos outros, falam que eu não sou homem só porque eu não sigo o padrão deles, alguns não gostam da minha sexualidade por religião, outros porque falam que homem tem que ficar com mulher e acabou, falam o que eu tenho que vestir, falar, fazer, gostar, simplesmente por ser do gênero masculino, afinal de conta, eles só gostam de julgar, eu sou um ser humano. Quando eu saio na rua, sou tratado como se eu não fosse uma pessoa, me olham com nojo, e ainda me batem como se eu tivesse fazendo alguma coisa de errado, vocês dão risada de mim, pelas minhas roupas, minhas maquiagens e meu jeito de agir.

Minha sexualidade não muda minha personalidade e nem quem eu nasci para ser, eu não preciso mudar para vocês me respeitarem, vocês precisam me respeitar para o mundo mudar.



Somos todos iguais

Existem muitas agressões
E muito preconceito
Humilhação por sua cor
Vergonha que gera dor
Nós somos humanos
Somos iguais
Não existe cor
Nem raça superior
Precisamos do amor
Para sanar essa dor
E todos sermos tratados iguais

Maria Alves Santana, 40 anos
Maria Gomes Silva, 62 anos
Maria Cleonildes de Souza, 48 anos

Célia Maria do Sacramento, 52 anos
Claudia Santana, 42 anos



A vida das cinco Marias

Aconteceu em uma cidade muito parecida com a sua.
Cinco Marias nascidas em Cidades diferentes
Cada uma traz em sua história de vida muitos direitos negados
Direitos esses que geraram abandono de incapaz, trabalho infantil e violência doméstica.
Essas Marias tiveram em suas vidas muito sofrimento e dor,
Mas hoje em um momento de superação e reencontro
Que a vida promoveu na escola
Nos encontros literários, teatrais,
Com mulheres fortes,
Suas vidas se cruzaram
E hoje elas lutam juntas pelos seus direitos de igualdade
Respeito e inclusão
E todos os dias fazem Revolução.

Danielle Gomes de Andrade, 39 anos
Maria Amparo Silva, 73 anos
Jacira Castro, 55 anos

Rozália Silva Alves de Souza, 32 anos
Jacira Pio, 34 anos



Senti...

Senti o preconceito por causa do meu modo de falar
Senti o preconceito no meu modo de pensar
Senti preconceito por questões sociais
Senti preconceito por questões financeiras
Senti preconceito na juventude por não saber ler e escrever

Isso não pode mais acontecer
As nossas diferenças precisam ser respeitadas
Não podemos ser julgados pela cor ou pelo jeito de falar
E nem por questões financeiras
E nem pela falta de oportunidade de estudar
E nem pelo modo de pensar

O sentimento individual
Enquanto estamos isolados
É algo que não pode mais existir
Temos que ter nossos direitos de ir e vir
Ter os direitos respeitados
Ter nossos direitos garantidos
Apesar de todo esse sofrimento
Nosso coração bate mais forte
E nunca desistimos



Joana e suas lágrimas

Joana, aos 15 anos, teve seus sonhos negados, quando quis namorar um rapaz lindo, mas odiado por seu pai. Grande batalha, tentaram ficar juntos, mas por pouco esse amor adolescente não acabou em tragédia. Seu pai tentou matá-la.

Tirou seu amor, seu direito de escolha, e quase lhe tirou a vida. Por isso, escutou sua mãe e deixou seu amado partir.

O tempo passou, Joana encontrou um belo rapaz, e com ele teve dois filhos, mas não deu certo. Joana não nasceu para o amor.

Por ser mãe solteira, os homens a viam como mulher fácil. Só se aproximavam dela para se aproveitar. Era desrespeitada como pessoa e, acima de tudo, como mulher!

Quando Joana e todas as mulheres poderão fazer suas escolhas livremente, sem serem julgadas e desrespeitadas?

Por que uma mulher que busca a felicidade incomoda tanto? Joana não desistiu de tentar.



A saga de uma nordestina

Saí do Piauí
Em São Paulo, vim parar
Em busca de um emprego,
para a vida melhorar.
Passei por dificuldades,
Encontrei o preconceito
Não sabia que na vida,
Ser feliz não era um direito.
Deixei de estudar,
Porque tinha dois filhos,
e não tinha com quem deixar,
mas não desisti,
Só agora decidi,
os estudos retomar,
melhorar de vida,
quero me profissionalizar
A vida da minha colega,
não é diferente,
ela veio do nordeste,
assim como tanta gente
Em busca de um sonho
e um futuro pela frente
Deixando a família,
os amigos e os parentes.



Ser diferente

Ser diferente como sou é muito difícil,
Sempre tem alguém me julgando,
por minha opção sexual.
As pessoas apontam o dedo,
em qualquer lugar que eu entre.
Parece que sou um delinquente,
Queria poder andar na rua,
sem ninguém me ofender,
apenas usando meu direito de ser.
Ser alguém, ser eu mesma,
Ser humano, como qualquer outro.
Um pouco mais de amor no coração
e respeito, em vez de preconceito.
Fariam do mundo um lugar melhor.

Todo mundo podia ser uma "Malala"

Era uma vez uma menina de família muito pobre que morava na Índia com sua mãe e sua irmã. Certo dia, sua mãe foi matricular seus filhos na escola do bairro. O menino, ela conseguiu matricular, mas a menina não, pois não havia vagas para meninas.

Sua mãe rodou aquela região inteira atrás de uma escola para sua filha. O que ela achou foi só uma escola para torná-la uma boa e obediente dona de casa.

A mãe inconformada decidiu por não matricular a menina, pois acredita que a filha deveria ter as mesmas oportunidades do irmão, se ela seria ou não dona de casa deveria ser somente uma escolha dela, então a mãe preferiu fazer um boletim de ocorrência onde registrou:

— Denuncio as escolas deste bairro por causa de machismo.

Infelizmente, a mãe não foi atendida, por isso ela decidiu lutar para conseguir os direitos da filha e de todas as garotas do mundo, denunciando o que estava acontecendo nas escolas ao tentar matricular as meninas, até que um dia ela conseguiu contar tudo o que acontecia a um jornal local simpatizante com as questões das meninas indianas e também sobre os direitos das mulheres.

Essa história tem um segredo: sua mãe se chamava "Malala". Todo mundo podia ser uma "Malala".



Aixa

Oi, me chamo Aixa, na época tinha uns 16 anos. A partir daí, vou contar minha história.

Eu nunca tive uma condição financeira boa, o que já era muito difícil, pois ainda tinha mais três irmãos, então já era zoadá na vida, mas sim, é claro que sempre pode piorar. Eu estudava numa escola chamada Caio do Jorge e sempre tive dificuldade em aprender e, por causa disso, sofria muito bullying por ser, segundo meus colegas de escola e sala, “feia e pobre”. Passei por tantas coisas, inclusive, teve um dia que meus sapatos não cabiam mais nos meus pés e assim só me restou ir de chinelo, mas não era permitido. Então, quando cheguei na portaria da escola, a tia, que cuidava da entrada dos alunos, me disse um monte de coisas e me humilhou na frente de todos que estavam na entrada naquele momento; ainda me lembro até hoje do que ela disse aos gritos: “Menina!!! O que você está fazendo aqui sem sapatos? Você é pobre e além de ser pobre é feia!!!”. Nossa, aquilo foi a pior coisa que ouvi e o pior dia da minha vida, mas tem também o dia em que fui ao hospital e, quando o médico me chamou, as pessoas ficaram me olhando; para piorar, só mais um pouquinho, o médico mal me examinou e ficou me olhando com uma cara que, até hoje, não sei explicar e me tratou mal.

Eu olho tudo à minha volta e vejo que tudo é tão difícil pra mim, mas, apesar de tudo, ainda não deixo de sonhar, e o meu sonho é um dia ser uma modelo como a Naomi Campbell, apesar de ser um sonho difícil ser como ela, mas ainda bem que a gente não tem um sonho só e o outro que tenho é cantar.

Até que um dia, um cara chamado Lian, que se dizia ser rico, estava querendo formar uma banda com novos talentos e, para isso, ele organizou um concurso.

Implorei muito para minha mãe, mas foi tanto, tanto que ela acabou deixando.

O primeiro dia foi estranho, pois tinha um monte de gente estranha que eu não conhecia, inclusive como eu, mas ao me ver nos outros percebi que só era pobre e não tão feia assim como os outros me diziam, aliás nem feia eu era se pensar bem.

Mas os testes foram acontecendo e eu fui passando, no primeiro, segundo e terceiro, até que quando me dei conta já era finalista. E dos 17 finalistas 10 seriam escolhidos. O teste final foi muito difícil e complexo.

No dia do anúncio dos finalistas, meu coração estava quase saindo pela boca até que começaram a anunciar “Liam, Sofy, Jons, Sina, Lia”, até aí eu já estava aos prantos e ela continuava “Julia, Rene, Krystian, Lucas e, por fim, AIXA!”

Nossa... explodi de felicidade, não cabia em mim mesma de tanta alegria e pensei “como foi difícil chegar até aqui, diante de tudo que passei e me falavam como isso era possível?”



O nome da banda era “*Now Even For a Purpose*”.

Os shows eram incríveis e eu estava muito contente, pois as pessoas reconheciam o meu talento.

Um dia, meu sapato de apresentação quebrou e tive que levá-lo para o conserto. Ao chegar à loja, pedi para a moça se era possível consertar, ela disse que não, pois estava muito ocupada, expliquei que tinha uma apresentação e que era muito importante que o sapato fosse consertado, quando ela lembrou quem eu era ficou toda animada e logo deu um jeito para consertar o sapato e bem rápido. Fiquei muito agradecida, mas ao mesmo tempo fiquei chateada, pois de certa forma ela tinha tempo, só não queria consertar, mas quando viu quem eu era ela mudou completamente. No entanto queria ser respeitada pelo que sou e não por ser alguém famoso. Mas deixa para lá, não dá para mudar tudo, e essa é minha história.



Uma linda borboleta em um mundo cruel

Em um lindo campo de flores
Avistamos uma borboleta com asas radiantes
Um dia em seu casulo,
Em que morava solitária
Percebeu que estava em um mundo cruel,
Cheio de terror,
As pessoas queriam pisar nela
Por causa da sua forma de ser
Ninguém lhe dava valor.
Mas hoje a história mudou,
Porque ela se inovou
Vive a voar pelos campos e flores
Que ninguém imaginou
Foi para onde queria
Sempre que o vento levou.

DRE IPIRANGA



Era uma vez... Eram muitas vezes... Era sempre...

Em apenas segundos, sua vida virou de ponta cabeça. Tinha ido buscar madeira na floresta e ouviu gritos vindos da aldeia. Escondida entre as árvores, viu uma cena terrível: pessoas correndo, algumas caídas. Som de tiros. Por muito tempo não conseguiu se mexer. Depois, bem devagar, desceu em direção ao rio. O tempo todo, uma imagem vinha em sua cabeça: um homem muito branco e alto, atirando em uma criança. Não conseguiu dormir. Quando amanheceu, caminhou sem parar até chegar em uma cidade grande. Prédios enormes, muito movimento de carros e pessoas. No alto da montanha, o Cristo Redentor. Seus pais sempre lhe disseram que essa cidade era perigosa. Parecia que todos a olhavam, e alguns cochichavam entre eles, por causa da sua aparência. O pior era a fome. Depois de pedir comida em vários lugares, o dono de uma padaria lhe ofereceu um trabalho: lavar o chão em troca de um lanche. As tarefas foram aumentando, por comida e um lugar para dormir no casarão: ela, seu irmão mais velho Pedro, e a caçula Janaina. Devia ser umas quatro da manhã.

Empurraram o portão enferrujado, tendo que desviar do mato e do lixo que havia espalhado pelo jardim. Entraram no casarão e logo sentiram um cheiro forte de mofo. Estava escuro, mal conseguiam enxergar. Pedro tropeçou em um dos móveis velhos. Por causa do frio, procuraram um canto menos sujo e mais quente para dormirem. Quando acordaram, mesmo com fome, resolveram organizar o casarão. Ela decidiu ir atrás de algo para comerem. Na rua, as pessoas a olhavam com um olhar de desprezo. Foi em padarias e mercados, mas a expulsaram. Entrou num restaurante e um dos clientes, com dó, lhe pagou um marmitex. Talvez sua mãe um dia compreendesse o motivo de terem fugido de sua aldeia. Depois de uma semana, passando frio e fome, começaram a sentir muita saudade de casa. Janaina chorava e pedia para voltarem. Pedro passou a concordar com ela. Então, decidiram voltar para a aldeia no dia seguinte. Mas, antes que amanhecesse, ouviram um barulho muito alto: os policiais invadindo o casarão. Assustados, começaram a correr e ouviram alguns disparos.

Um deles acertou o seu irmão, que era contra o seu casamento com Porã. Ele vivia convencendo seu pai de que seu noivo não tinha riquezas para oferecer a sua família. Decidiram fugir. Se esconderam em um navio de carga que navegou por vários dias em um rio cada vez mais largo. Da floresta muito fechada, ouviram os animais e, nos povoados, uma língua diferente. Tinham apenas algumas frutas e, quando elas acabaram, roubaram alguns alimentos que encontraram na carga do navio. O sol tinha acabado de se pôr e avistaram os prédios de uma grande cidade. No porto, sentiram um cheiro forte de peixe podre. O calor era terrível. O mesmo que sentiram nas ruas enquanto não encontravam um lugar para morar e, depois, na comunidade onde construíram um barraco. Para sobreviverem, começaram a fazer o artesanato típico de sua aldeia. Às terças, vendiam na frente de um mercado. Numa delas, Porã precisou usar o banheiro. Na volta, os seguranças acharam que ele tinha roubado alguma coisa e o arrastaram até uma sala escondida no banheiro durante duas aulas. Ninguém sentiu sua falta, nem mesmo os professores. Se ela não voltasse mais para a sala, será que



perceberiam sua ausência? Alguns alunos perceberam. Para eles, ela era o centro das atenções. Assim que começaram as aulas, eles falavam que em seu cabelo dava para fritar dez hambúrgueres e uma cartela de ovos. Diziam que por causa de seu corpo, ela havia comido toda a plantação de mandioca de sua aldeia, e a cor da sua pele era por falta de banho. Sua mãe sempre a ensinou a ficar calada. Por todo esse tempo, ela seguiu suas orientações, mas não deu certo e as ofensas foram piorando. Pediu ajuda para alguns professores, mas eles não deram tanta importância.

Hoje, decidi tomar uma atitude: após o intervalo, se escondeu ali no banheiro, tomando coragem para realizar o que vinha planejando. Eles iriam se arrepender; as lembranças começaram a vir em sua mente: lembrou-se de sair ao amanhecer para pegar água e olhar suas plantações; os pássaros cantavam e dançavam no céu; o cheiro da terra molhada invadia suas narinas; a lua, que é o significado do seu nome, ainda era visível; colheu uma banana bem madura e foi dando aos poucos para Cacau, seu Jabuti; então se deparou com diversas pessoas de seu povo correndo. Assustada, perguntou para o seu irmão, Avati, o que estava acontecendo. E ele disse, soluçando, “Ele está morto, o Pajé está morto”. Procurou um sinal de que era mentira, mas não encontrou nada. Ele estava morto e não havia volta. Começou a andar, sem rumo, seu olhar embaçado por causa das lágrimas, seus passos cada vez mais lentos e pesados. Suas mãos tremiam, ela estava com medo do que seria deles a partir daquele dia, como seguiriam em frente sem seu pajé. Ao chegar em um riacho e ver seu reflexo sobre a água, caiu de joelhos chorando, sentindo um aperto no coração. Era como se houvesse alguém pisando sobre seus pulmões.

Quando acordou, estava em sua oca, com a cabeça e os joelhos doendo, mas isso não a impediu de sair correndo à procura de seu irmão. Ele estava cortando lenha. Olhou ao seu redor e todos estavam fazendo suas tarefas. Por um segundo, pensou que tudo aquilo havia sido um pesadelo, mas então ela o viu. Ele estava deitado sobre folhas de bananeira, aquele não era mais o seu pajé cheio de vida. Dias depois, sua tribo começou a ser atacada, as plantações queimadas, suasocas destruídas. Não existia mais um lar para o povo Banawá. Não tiveram tempo para despedidas, e ela temia nunca mais vê-los. Sua chegada a São Paulo, de carona em carona, levou duas semanas. Quase todas as noites, acordava suando com os pesadelos. E não conseguia mais dormir. Então, antes do amanhecer, saía para a faxina do dia.

Da colheita de mandioca, foi procurá-la na beira do rio. Aquele não era mais o rio que conheciam: a mata tinha sido cortada, o barranco desmoronava para dentro do leito e a água suja cobria os canos das dragas do garimpo. Ela gritava tentando escapar de dois garimpeiros. Era desesperador ver a sua amiga naquela situação. Ficou paralisada. Depois de um tempo, percebeu que era melhor procurar ajuda. Voltou com cinco homens da aldeia, mas não encontraram nem os garimpeiros e nem sua amiga. Começaram a procurar na mata, acompanhando o rio. Só a encontraram no segundo dia. Sentiram um cheiro forte e viram seu corpo caído na areia. Ela estava sem roupa e tinha várias marcas de agressão pelo corpo. Correram para avisar o pajé. Na aldeia, foram acesas fogueiras e tochas em sua homenagem. À noite, o pai dela colocou fogo na cabana dos garimpeiros, como forma de justiça.

Sempre teve muito orgulho de sua cultura. No cotidiano, usava acessórios que fizessem referência à sua origem. Tinha um trabalho comum: atender clientes, alguns gentis e a maioria, grosseiros. No horário, ela se excluía de todos os grupos. Ela esperava que os outros funcionários descessem, se acomodassem e, então, escolhia uma mesa isolada. No começo, ainda tentava se enturmar, mas a maioria das pessoas agia como se ela não estivesse ali. Não tinha sequer um amigo. Seu chefe era ainda mais grosseiro que seus clientes, mal a olhava no rosto. Com outros funcionários, ele vivia contando piadas sem graça, principalmente racistas. Os funcionários, quando estavam perto de sua mesa, recontavam as piadas, riam muito alto e a olhavam de canto. Chegou a um ponto em que ela não aguentava mais. No entanto, precisava do emprego. A única solução seria conversar com o chefe. Chegou meia hora mais cedo no



trabalho. Enquanto esperava ser atendida, tremia as pernas. Nunca tinha trocado muitas palavras com ele. Era um homem gordo, careca, mal-humorado. Assim que bateu na porta da sala, ele gritou que entrasse. Pediu que ela se sentasse numa cadeira novinha. Estava ainda mais nervosa e não conseguia falar. Então o chefe se posicionou atrás da sua cadeira e mexeu no seu cabelo. Disse que nunca tinha visto um cabelo preto brilhar tanto. Deslizou o dedo no seu pescoço e dizia que ela podia contar tudo, que podia contar com ele. Ela se levantou devagar, escapando dos braços dele e nunca mais voltou ao trabalho.

Ana Clara Pereira da Silva, 14 anos
Dante de Paschoal Conceição, 12 anos
Guilherme dos Santos Lapinha Caju, 12 anos
Isac Gomes Mazzocca, 12 anos
Julia Lira Ribeiro, 13 anos

Luna de Paschoal Conceição, 12 anos
Maria Eduarda de Castro Wargas, 13 anos
Paola Lima Gonçalves, 13 anos
Pedro Luís Martins da Silva, 12 anos



Eu luto por diversidade, por sororidade,
Por respeito, por empatia, por...

LIBERDADE!

Liberdade de saber, de chorar, de sofrer, de ser.
Liberdade de gosto, de gênero, de escolha, de amar.

Liberdade de falar sem que alguém
Tente te calar.

Liberdade de poder se expressar.
Liberdade de ser você, sem um outro alguém tentando te ofender.

Liberdade de estilo, pra poder sair sem ser assediado

Liberdade de poder se defender, sem alguém que te chame de militante.

Liberdade de peito, bunda, barriga, coxa, testa, boca, rosto. Liberdade do SEU corpo!

Liberdade de comer, sem sentir a culpa. E de se amar sendo você.

Liberdade de se irritar, mostrar sua fúria, sem alguém que mande você se acalmar.

Liberdade de pensar grande, ir longe, ter ambição,
Sem alguém que te diga, "você precisa ser mais pé no chão".

Eu digo NÃO a todos que tentam me controlar.
Porque eu sou o MEU templo,
Independentemente do que vão me falar!

Eu luto por LIBERDADE de espírito.

Eu quero liberdade

Às vezes, me perguntava:

Qual a definição de ter direito?

1. “Ter o direito” designa tanto aquilo que pensamos legitimamente merecer, poder fazer, como aquilo que é garantido e permitido pelo direito, no sentido de fundamento jurídico.

E agora, pergunto:

Por que eu também não posso ter?

Por que eu não posso ter?

Sou igual a você.

Por que eu não posso ter?

Eu nem diferente sou de você.

Por que eu não posso ter?

Será que é tão difícil assim?

Eu quero falar,

Eu quero gritar,

Eu quero expressar,

Eu quero ter também.

Se eu não tenho, por que você tem?

Você é igual a mim, nem isso muda em nós.

Qual o sentido?

Segundo você, somos “mano a mano”... Mas cadê você pra lutar pelos meus e seus direitos?



Se eu não tenho, por que você tem?
Você é igual a mim, nem isso muda em nós.

Eu quero poder falar,
Eu quero poder gritar,
Eu quero poder me expressar,
EU QUERO O MEU LUGAR!

Eu quero lutar por cada zoação injustiçada.
Eu quero lutar por cada piadinha boba.
Eu só quero o meu direito de ir e vir.
Eu só quero que a minha luta por meus direitos seja aceita.

Deixe-a ser válida.

Sonhos roubados

Mais um dia normal na minha vida, mais um quadro que levo, mais uma noite sem jantar.

Cheguei em casa cauteloso entre os baldes cheios de água das goteiras que caem do teto. Paredes rachadas e sem tinta, mofadas. Faminto, vou direto para a cozinha. Um ambiente de caos, me deparo com minha mãe chorando encarando meus irmãos que esperneavam de fome. Sinto-me impotente por não conseguir colocar comida na mesa. O dia de pagamento ainda está longe, cada dia a escola se torna um sonho mais distante da minha realidade. A vaga no lava-rápido agora surge como minha única opção.

A pergunta que martela na minha cabeça é: até quando terei de suportar tamanha opressão? De um sistema que dizem ser justo e correto?

Sou Pedro, negro, e moro com minha mãe, meu padrasto e meus dois irmãos mais novos. Aos nove anos de idade, comecei a trabalhar, pois meu padrasto era quem sustentava minha casa e era um homem bom, mas se jogou no mundo das bebidas e das drogas.

Aquele que eu considerava um pai se tornou um monstro, desde a primeira vez que agrediu minha mãe, na época grávida. Depois disso, minha vida se tornou um inferno.

Pela manhã, quando a fome apertou, pensei ir até a fabriquinha – um lugar perto da escola que já me ajudou muito e que me deu deliciosos pãezinhos de leite – mas não tive sorte nesse dia.

A fabriquinha ficava próxima de um local perigoso aqui da comunidade, com muitos traficantes e que sempre chamou a atenção dos policiais. Quando estava descendo a rua, me deparei com alguns deles.

Nem me importei, pois imaginei que estavam de olho em um homem suspeito, andando na mesma calçada, um pouco à minha frente. Logo percebi, o homem era branco e eu negro. Sou surpreendido com um grito:

— Ei, neguinho! – olho para trás e vejo ele vindo em minha direção, um policial com a mão no bolso dando a entender que a qualquer momento tiraria sua arma. Nunca compreendo o porquê desse tratamento hostil comigo, com meus iguais. Só sei que machuca. Suas palavras me cortam a alma. Segui o protocolo respondendo:



— Sim, senhor! – respeitosamente, cabeça baixa, olhos marejados. Pronto, finalmente fui liberado.

Parei de ir à escola e comecei a trabalhar fazendo um bico em uma lanchonete aqui da comunidade. A única maneira que encontrei de ajudar financeiramente a minha mãe. Ela não pode trabalhar e depende do meu padrasto, já que a casa em que moramos pertence a ele e não temos onde nos abrigar se resolvêssemos sair desse tormento.

Só queria ter uma vida normal, aproveitar minha infância como qualquer outra criança. Sonhos roubados, um futuro roubado, uma vida perdida em um caminho visivelmente sem saída. Apesar das dificuldades, minha meta é persistir, dar uma vida melhor para minha mãe e fazer revolução em um país onde existe pele alva e pele alvo.

Antônia Emanuely Santiago Rimar, 14 anos
Iago Henrique Silva Feres, 11 anos
Gabriela Vitória Moreira Capucim, 11 anos
Grazielly Araújo de Almeida, 14 anos
Julliany Araújo da Silva, 12 anos
Maria Clara de Souza Silva, 12 anos
Maria Eduarda Duarte Balenzuela, 14 anos

Mariana Leite Alves Batista, 12 anos
Nicole Titoneli Faguerstron da Silva, 14 anos
Nicolle Oliveira Sales Fabiano, 14 anos
Paulo Henrique Rocha dos Santos, 12 anos
Rayssa da Silva Bernardes, 13 anos
Rian Lima Marçal, 14 anos
Ricardo Vasconcelos Santos, 13 anos

Ryan Gustavo da Silva, 14 anos
Victor da Silva Firmino, 13 anos
Yara Nathália Cordeiro, 12 anos
Yasmin Oliveira Pinheiro de Souza, 12 anos
Yasmin Regina Urbano de Sousa Liboreo, 12 anos

DRE ITAQUERA



Na sociedade conhecida como hoje, sempre teremos uma rivalidade silenciosa,
e poucos percebem
isso sempre será uma corrida sem fim sobre “cabelo bom” e “cabelo ruim”.
Somos tão diferentes assim?
Será que essa confusão de desigualdade não vai ter fim?
Estamos cansadas de tanto “mimimi”,
falamos demais sobre nossos cabelos para tentar nos diminuir,
ainda tentam mudar a nossa forma de se vestir.
E como diz a Negra Li, “há um tempo eu entendi que sou dona de quem serei
e o que eles gritam não me importarei,
aprovações sobre mim mesma não mais esperarei
me aceito como eu sou por isso não mais chorarei”.



Luto por igualdade
Luto contra o preconceito
Luto por tudo o que tenho direito
Até quando vamos sofrer?
Até quando vamos apanhar pelo o que é nosso?
Pelo o que temos direito.
Não luto só pelo o que é meu
Luto também pelo o que é seu
Luto pelo o que é nosso
Até quando vamos sangrar?
Até quando vamos morrer?
Por que tenho que sofrer?
Quero ter meus direitos de mulher
Quero ter meus direitos de gênero
Essa é a verdade
Temos que exigir mudanças!
Meu Deus, isso é o fim?



Luna Lobatto Prisco, 5 anos



Amor periférico

Em meio à adversidade, há quem se encante
E nesses corações, a esperança é predominante
De que um dia, o destino lhes trará um amor lindo e brilhante
Em favelas, vielas e becos
Casais se abraçam e se beijam com carinho
E mesmo sem luxo ou conforto ao seu lado
Encontram na simplicidade um valor
A pobreza não impede que o coração sinta
Não há dinheiro que compre a paixão
Eles sabem que o amor é a melhor pista
Para fugir da escuridão
Em meio a tanto sofrimento e difícil caminhada
O amor é o ponto certo para a alma feliz
A felicidade é encontrada na calma
Porque o amor é o tesouro mais valioso
Que nenhum dinheiro pode comprar
E mesmo em meio ao sofrimento doloroso
O amor é a luz que os faz caminhar
Assim, na pobreza, o amor é um lembrete
De que a vida não é apenas sobreviver
Mas também amar, sorrir e ser feliz, sem limite
E de que é possível, sim, que o amor vá vencer!

Esse tal machismo

Há muito as mulheres são taxadas de fracas, insuficientes e muitas outras coisas.
Mas a gente já cansou de ser julgada e desvalorizada pela sociedade.
Ter que ouvir que para ser aceita tem que ser “magra e bonita”,
Se tá gorda tem que emagrecer porque, segundo a sociedade,
“Homem não gosta de mulher gorda”
Já estamos cansadas de tentar nos encaixar
Em algo que não faz sentido algum.
Mas ele nem precisa porque é homem, de certo a sociedade só sabe julgar
Pois ninguém nos ajuda a levantar
Acabou a mamata, nós vamos falar
e vocês vão ter que aguentar!
Pois agora estamos empoderadas e não ligamos para nada
Queremos nossos direitos e não sermos julgadas
Queremos respeito e igualdade
É pedir muito à sociedade?
Na rua não podemos mais andar porque estamos com o pensamento
Quem será o próximo que vai nos assediar?
Anos lutando contra esse machismo, mas nunca obtemos resultados
Vemos que a Lei Maria da Penha só funcionou a curto prazo
Nos dá nojo ver esses caras que acham que podem fazer tal coisa
Porque em tese são mais “Fortes”,
Poupe-nos dessa sua arrogância
Muitas mulheres já foram mortas por causa dessas atitudes nojentas
E o que nos deixa mais tensas é saber que isso pode piorar.



Xenofobia

Brasil um país bondoso e populoso
Diverso e poético
Onde o Yuri habitaria para começar uma nova vida
Ele estava empolgado
Novo país, nova cultura e novas pessoas
Matriculou-se em uma escola e foi com um sorriso e com o coração querendo aprender
mais dessa nova população

Chegou contente querendo ser amigo dessa nova gente
Mas a única coisa que ele ouviu foi
Volta para o seu país
Mesmo ouvindo isso continuamente
Ele seguiu feliz, só queria ser abraçado
Onde imaginou encontrar amor e poesia
Encontrou dor e xenofobia
O Yuri merece respeito, ele não é diferente
Por não ser igualzinho a gente
Não é porque ele tem os olhos puxados
Que ele tem que ser discriminado
Muito pelo contrário
Ele deve ser abraçado
Devemos apresentar as coisas lindas do nosso país
E lutar contra a xenofobia para ele ser feliz!



Desabafo

Já estamos todos sem paciência para isso,
as pessoas estão cada vez mais sem controle.
Como podemos deixar que isso aconteça?
Ouvir cada vez mais
as notícias
de racismo.

Não queremos ver
gotas de tristeza
nenhum de nós merece isso
simplesmente
por causa da cor da pele.

O racismo está
se espalhando pelo nosso dia a dia.

Como no esporte.
Jogador Vinicius Jr. sofre racismo
da torcida do Valencia
e é expulso após ser agredido.

Chega de normalizar um crime!
Não aguentamos mais isso,
estou cheia, farta,
essa foi a gota d'água.

Pra mim,
pra você
e para todos



A beleza de uma mulher

Um dia, um sonho que sempre tive se tornou realidade: fui sorteada para uma entrevista de emprego.

Chegando ao local onde a entrevista seria feita, me senti desconfortável, porque de tantas mulheres eu era a única mulher com tom de pele escuro, de cabelos encaracolados e volumosos. Sentei-me em uma cadeira na sala onde estava, até que uma mulher se sentou ao meu lado e começou a conversar comigo: "Nossa, nunca tinha visto alguém como você por aqui! Você é tão diferente das outras mulheres, com uma pele tão escura, não sei como você teve a coragem de aparecer por aqui. Mulheres como você nunca vão conseguir um emprego aqui".

Meu coração começou a se rachar dentro do meu corpo após aquelas palavras, como ela teve a ousadia de dizer isso? - pensei. Segurei-me para não chorar, então apenas me levantei e a ignorei.

Até que um rapaz elegante e charmoso chegou até mim e disse: "O que uma moça tão bela como você ainda não está desfilando nas passarelas, exibindo tanta beleza?"

Naquele momento fiquei extasiada, o rapaz que falou comigo era quem iria me entrevistar e decidir se iria ou não ficar com o emprego.

Depois daquelas palavras, me senti encorajada e confiante, fiquei muito grata e apenas sorri e agradei.

O tempo passou e finalmente chegou a minha vez de ser entrevistada, para minha surpresa e espanto para aquela moça, eu consegui o emprego dos meus sonhos.

Nunca estive tão bem comigo mesma como hoje em dia, sei dos meus valores e das minhas origens. O preconceito hoje não me afeta mais, mesmo que ainda exista em nossa sociedade, o que não deveria existir mais.



Me conta uma história?

Eram 20:40 da noite quando cheguei em casa, pelo horário e pelo silêncio imaginei que a Jhennifer já tivesse colocado as meninas para dormir e estivesse se preparando para ir embora. Jhennifer é a babá das minhas filhas, ela é uma linda! Tem olhos castanhos, mais escuros que uma noite sem luar, é negra de pele clara, cabelos curtos e com cachinhos tão pretos quanto a cor de seus olhos. Ela é muito querida, super educada, se dá muito bem com as minhas filhas e é uma adolescente muito dedicada aos estudos, mesmo passando grande parte do seu dia aqui em casa.

Muitos costumam brincar dizendo que ela é minha filha perdida, eu sempre digo que ela é minha outra metade, não sei o que seria de mim sem ela.

Imaginei que a encontraria no sofá da sala me esperando para ir embora como de costume, mas não. Eu decidi verificar se ela estava nos quartos e, ao passar pela porta sempre aberta do quarto das minhas filhas, eu pude ouvir um diálogo entre a Jhennifer e as meninas:

— Tia você acha que eu ficaria mais bonita de cabelo liso? Que nem o da Júlia? Minha amiga. - a Manu perguntou.

— Se eu acho? Meu amor, você ficaria linda de todos os jeitos! Mas eu acho seus cachos tão lindos para você os alisar, faz muito mal e talvez você se arrependa no futuro que nem eu.

— Se arrepender?

— Exatamente! Vou te contar uma história, pode ser? Aí vocês me dizem o que vocês acham.

— Okay! - as duas responderam entusiasmadas.

— A história pode ser minha?

— Sim! - as duas responderam.

De trás da porta, eu ouvi o som de uma cadeira sendo arrastada para perto da cama das meninas. Decidi que ficaria ali também, atrás da porta, para ouvir essa história. Houve alguns sussurros, logo depois do barulho da cadeira, mas não consegui identificar nenhuma palavra, depois de alguns segundos em silêncio uma história começou a ser contada.

— Escutem, há uns anos, enquanto ainda estava no ensino fundamental, eu era a única das minhas amigas que tinha cabelo cacheado, todas elas eram brancas e loiras e eu era a única com cabelo e cor de pele "diferente" de todas elas. Por causa disso, a forma que a gente lidava com os nossos cabelos era diferente, quando elas iam sair apenas penteavam os cabelos de uma forma rápida e fácil, enquanto eu passava horas em casa, em frente ao espelho finalizando e cuidando dele todas as vezes, por coisas assim eu quase nunca saía com elas, eu demorava muito pra me arrumar e, mesmo assim, só olhavam para elas. Nunca consegui me sentir bonita perto das minhas amigas simplesmente por eu ter cabelo cacheado. Em um dia qualquer, eu cansei disso e achei que se alisasse meu cabelo eu seria bonita assim como elas eram, eu fui no salão e alisei. Fiquei com o cabelo liso por um tempão, até que deixei de gostar dele como estava e comecei a ver muita gente falando sobre a beleza natural dos cabelos cacheados. Tentei voltar aos meus cachinhos, mas,



por causa da química, meu cabelo não voltou ao normal e por vergonha de como ele estava, eu sempre alisava de novo. Depois que parei de usar chapinha e química para alisar meu cabelo, comecei a aceitar que meus cachinhos são uma das coisas mais bonitas em mim, hoje em dia, se eu pudesse, jamais teria passado por tudo aquilo. Às vezes, eu me pego vendo as minhas fotos antigas e vejo que também era tão bonita quanto minhas amigas.

O quarto ficou em completo silêncio por alguns segundos até que Manu disse:

— Sinto muito por você ter sentido tudo isso, tia. Eu nem imagino o quão difícil deve ter sido isso pra você... mas você realmente acha que meu cabelo é tão bonito quanto o seu?

— É claro que sim, minha princesa! Tão bonito quanto o meu.

Então, a Isa que estava em completo silêncio até agora perguntou:

— Mas faz muito tempo isso, tia?

— Bastante, eu comecei a alisar meu cabelo quando eu tinha a idade de vocês, lá para os meus 11 anos, e só parei depois de 6 longos anos, ele já estava bem danificado, então achei melhor parar.

— Ahh, que bom tia! Seu cabelo está lindo agora!

— É mesmo, muito bonito! - a Manu concordou.

— Obrigada meus amores. - disse a Jhennifer afastando a cadeira para o lugar.

— Ué, mas você já vai?

— Já deu a minha hora meus amores, sua mãe deve estar chegando e eu preciso ir pra minha casa, tenho que acordar cedinho amanhã, que nem vocês!

— Poxa tia!

— Poxa tia? Vocês tratem de dormir cedo, suas bagunceiras.

As meninas riram baixinho por alguns segundos, então ouvi as cortinas sendo fechadas, o abajur sendo desligado, os beijinhos de boa noite, antes de a luz ser apagada, por fim a Jhennifer disse:

— Não podemos acreditar que nós, de cabelos cacheados e crespos, só vamos ser bonitas quando tivermos cabelo liso, porque podemos ser bonitas de todas as formas, a beleza não deveria ter um padrão, porque todos nós podemos ser lindos no nosso próprio conceito de beleza, vocês nunca podem se esquecer disso!

Quando percebi, eu tinha lágrimas nos meus olhos, tínhamos uma história muito triste em comum, também passei por isso quando mais jovem e pude ver toda a história se repetindo na minha cabeça, dessa vez com a perspectiva de outra pessoa. Vê-la tentando evitar que isso aconteça com as minhas meninas também me emocionou. Naquele momento, tive apenas uma certeza em mente, escolhi a babá certa.



Pensamentos que tenho

Você já entrou em alguma loja e foi seguido por um policial?
Um policial branco por sinal!
Um parente seu já morreu injustamente?
E falo “injustamente”
porque ele podia ser inocente!

Às vezes, a vida é injusta mesmo, sabe?
Mas imagina como deve ser mais injusta
com a pele escura.

Às vezes, eu me pergunto: “Cadê o respeito e direito que o negro tem?”
Mas aí lembrei que para racista isso não existe, nem com lei.
Racista fala desde a pele até a roupa, que coisa boba não?
Mas o pior é que machuca o coração.

Mas, querendo ou não, essa é a realidade do negro
Que, por sinal, é muito guerreiro.
Só ele sabe o Leão que enfrenta todo dia,
porque ele quer sorrir e quer que sua filha sorria também.
Ele não quer que sua filha se importe com o tom de pele,
cabelos ou o que vai ter no seu guarda-roupas.
Ele quer que ela use de todo o seu conhecimento e da sua inteligência para entender que ninguém
é igual a gente, e a gente não é igual a ninguém.
Mas assim o mundo não teria graça, não é?

Sem contar a homofobia?
Para mim daqui a pouco já tá virando coisa do dia a dia.
Homofobia é uma coisa tão suja e imunda que quem faz isso tem gelo no coração e ainda acha que é o certo da situação.

Como alguém consegue dormir com a consciência limpa?
Mas com a mão cheia de sangue.
Sangue de quem só queria paz na vida.



A pessoa que foi agredida
podia ter morrido ou estar numa cama de hospital gravemente ferida.

Você tem noção do que essa pessoa passou para ter esse direito?
E ainda existe e sofre preconceito?
Todos os condenam por serem do seu jeito e, mesmo que não admitam,
nessa sociedade, tem sim, preconceito.
Falam que respeitam e falam que eles pegaram todos os direitos para si,
Mas se virem na rua, acabam por deixar bater, machucar ou algo assim.

Ainda tem feminicídio então!
No dia do seu casamento, você estava tão contente,
porque ele disse que te amava e que te aceitava
na saúde, na doença, na alegria e na tristeza até que a morte os separasse
e hoje você se encontra com a morte em sua frente.
Morte essa que dizia que te amava, e que te apoiava
e estaria do seu lado não importasse o quanto o tempo passasse,
aceitando sua opinião, escolhas e religião.
Imagina, o tempo passou e ele ficou mais agressivo,
quando você se tocou viu que ele era muito abusivo.
Sabe qual é o pior?
É que ele demonstrava e expressava que iria te respeitar,
não importa quanto tempo iria passar.
Eu sei que todo dia parecia mais um episódio de uma série de terror,
e quando ele chegava do trabalho, você já sabia que iria ser um horror.
Seus pés eram tão pesados de raiva, que o som que soava era parecido com um tambor
e de tanto medo, você já sentia o tremor.

Agora reflita, mude todos os pensamentos errados na sua vida.
Mas pense com respeito e direito,
porque a única coisa que você vai poder fazer antes de morrer
é se arrepender.



Um novo mundo

Um novo mundo
Como pode uma mulher
Ganhar menos que um homem
Trabalhar horas iguais
E ter suas ideias tratadas como irrelevante
Como pode
Pessoas serem menosprezadas e mortas
Por simplesmente amar
Um indivíduo com mesmo gênero que elas
Cadê a liberdade do mundo?
Cadê o respeito pelo próximo?
Estamos evoluindo?
Ou mais uma vez regredindo para o passado?
Como pode alguém
Ser julgado pelo estilo
Evitar o que gosta de vestir
Com medo do mundo
Como pode alguém
Apanhar na rua
Pela cor de sua pele
Que tamanha injustiça
Disseram-me que justiça extrema é injustiça
Que justiça é essa que não é justa com um infrator
Que justiça é essa que não tem empatia nem pudor
Cadê a justiça que ajuda e liberta os inocentes dessa

fereza desse mundo
Direitos iguais não é ser comunista
É acordar para vida
Respeitar e valorizar as diferenças
Não é coisa besta
É se posicionar com fraternidade
Nesse mundo cheio de injustiças

A desigualdade

Não quero ser melhor que você
Só quero igualdade para viver
Meu lugar é onde eu quiser
Quem é você para escolher?
Me colocam em cargos menores
Só para te favorecer
Me olham com cara feia
E pensam que não vou perceber
Nem sabem meu nome
e me julgam sem nem me conhecer
Não tenho medo de responder
Eu dedico a minha força
Para todas que morrem
Por causa de homens
Que se acham no direito de bater
Sem essa de rivalidade feminina
Todas sempre unidas
Para derrubar o sistema machista
Mulher não precisa de homem covarde
Temos nossas vontades
Quero ser ouvida
Não submetida
Nós como participantes da sociedade
Devemos fazer parte
Da luta pela igualdade
Vamos expor a verdade
Para mudar a realidade.

Coisas da natureza

Hoje, observei a natureza. Com ela, aprendi que tudo que nasce, morre e que sofrer perdas é normal... mais legal ainda é saber e aceitar tudo isso.

As árvores têm muitas perdas, cada folha que cai é um da sua família que ela perde.

Notei que cada folha é diferente uma da outra: umas têm manchas, outras são amarelas, finas, grossas, pontiagudas, marrons. Quando elas estão vivas, ficam bem verdinhas e na árvore, mas se estiverem no chão, pode ter certeza, foram arrancadas ou levadas pelo vento, mas estão prestes a secar e morrer. Também têm as machucadas, não sei explicar o porquê.

Se as folhas são diferentes e se aceitam, por que nós não?

Algumas pessoas acham que elas são inúteis, mas elas não são. Podem curar e salvar vidas.

A folha de boldo serve para dor de estômago e banhos para relaxar, a de hortelã para acalmar as crianças, o alecrim também acalma. A folha de guiné serve para descarregar as energias ruins, e outras tantas.

Se as folhas podem curar, por que nós não?

Assim como as folhas, também somos diferentes e precisamos de muito carinho e respeito.

As árvores nos dão o oxigênio para respirar, abrigam os animais, como os pássaros, corujas, iguanas, esquilos e outros.

Se as árvores podem abrigar, por que nós não?

Algumas árvores vivem por muito tempo, mais de cem anos! Para isso, é preciso terra, água, sol, sombra para dar frutos, como maçã, banana, abacate, morango, laranjas e outros tantos tipos.

Elas devem ter visto minha escola sendo construída.

As árvores são maravilhosas. Vem um vento frio, mas eu não sinto frio. É muito relaxante ficar perto da natureza, traz aprendizado. Elas, as árvores, conseguem ser mais racionais do que o próprio ser humano.



Quando as folhas morrem, se transformam em belo adubo para deixar a árvore mais forte e produzir folhas novas. E quando a folha cai, a árvore pode até ficar triste, mas não morre. Continua a viver, não desiste nunca.

Assim como as folhas e as árvores, devemos ser. Somos diferentes e somos úteis.

Quando a folha morre, é a terra que a acolhe. Quando a árvore morre, é a terra que a acolhe e quando morremos, a sábia terra também nos acolhe.

Tudo é um ciclo, em que começa tudo novo.

Por que nós não?

O meu mundo respeita todo mundo

Quando as coisas estão chatas, pois algumas vezes ouço barulho de pessoas o dia inteiro, eu olho para o vento, e fico por muito tempo. Sinto-me mais leve, mais tranquilo, vejo árvores e sinto o cheiro de calmaria pura, e do nada eu entro em outro mundo. Não vejo mais esse, real, só vejo o da minha imaginação. Talvez seja meu cérebro, ele só pensa do jeito dele. Eu falo e o meu cérebro imagina, mas do jeito dele. Por exemplo, eu falo “elefante”! Ele imagina elefante-humano, falo “leão”, ele imagina um leão com medo de formiga, leão-tartaruga, e cada vez que o vento fica forte, mais ideias passam e construo o meu mundo.

Esse meu mundo é muito diferente do mundo real, das desigualdades. No meu, tudo é diverso, e é aí que está a beleza. Há o verde, azul, amarelo, vermelho...o azul tem penas de águia! Suas pernas são longas e seus braços curtos. O amarelo é muito brilhante! Já o vermelho tem cabelos de fogo. Uma cor não se incomoda com a outra, estão ocupadas correndo, nadando, brincando. Cada uma tem suas lindas características. Assim é o mundo que vive dentro da minha imaginação!

Os pássaros do meu mundo são coloridos, estão sempre felizes e comem muito! Mas eles dividem seu alimento. Respeitam a cor do outro, nunca brigam. Alguns voam mais rápido, brincam no ar, dividem o grandioso céu, convivem em paz e harmonia.

No meu mundo, todos os animais podem acessar qualquer lugar, seja na terra ou no fundo do mar. Juntos, eles brincam e correm até ficarem tontos! Uns são mais ágeis que outros, mas todos se respeitam e ninguém fica de fora da brincadeira. As pessoas são iguais aos pássaros, coloridas, não colocam fogo na floresta e são amigas dos animais, brincam juntas.

O sol traz um olhar radiante de alegria, a lua fica mais brilhante. Lá, os dias passam sem a gente querer. Céu azul, sem nuvens, amigos, respeito.

Este é o meu mundo, bem diferente do real.



Sagrados e únicos em seus próprios moinhos

Nosso mundo é feito de cores,
de culturas e tradições, de histórias e valores,
de opiniões e emoções.

Se você é diferente e o mundo não o aceita,
é a diferença que faz a sua grandeza,
mostre ao mundo a sua perfeita diferença.

Não há um padrão a ser seguido.
Cada um tem seu jeito, um caminho próprio escolhido.
Com um propósito concreto que nos enriquece.
Com seus saberes, nos abrem portas para novas visões.

O respeito às diferenças é uma arte que envolve
empatia e humildade.
É preciso entender que cada parte contém
virtudes e particularidades.

O que é normal para você,
pode ser estranho para mim.
Mas ao invés de julgar e ofender,
Vamos aceitar e respeitar, fim...

Não julgo a aparência, pois as diferenças
se respeitam, o diferente te define como
um conceito perfeito, e a diversidade
é o caminho para a felicidade.

Todos buscamos um lugar em que caiba
nossa essência, nossa alma, nosso jeito.
Onde nossas diferenças não sejam imperfeições,
mas um convite para um mundo mais perfeito.

Não há uma forma de ser,
mas várias em pluralidade.
E ao respeitar cada uma, vamos ver
a beleza em sua totalidade.

Com humildade se ajuda e com respeito se desfaz
O preconceito.
Respeito engrandece e a diferença traz a onipresença.
Respeite as diferenças.



○ motorista de ônibus

Era um dia como qualquer outro, mas diferente dos outros, eu estava com um certo ar de nostalgia. A rua estava vazia, como sempre, pela manhã; mas dessa vez parecia diferente. Até o céu gelado e acinzentado daquele dia parecia único.

Toda manhã, eu pegava o mesmo ônibus para chegar à escola. E na maioria das vezes era o mesmo motorista; o simpático homem careca de óculos escuros. Naquele dia, as pessoas pareciam andar mais devagar do que o normal ou talvez fosse eu, não sei ao certo. Reparava em tudo com cuidado, ao entrar, o motorista me cumprimentou bem humorado, como sempre, com seu “bom dia”. Ao passar a catraca, observava a porta e seus novos passageiros diários. Lembrava-se de todas as vezes que ele ajudou a senhora de cadeira de rodas a subir; todas as tardes, esperava pacientemente o jovem de muletas subir pela porta da frente. Sempre disposto a fazer seu trabalho com satisfação. Algo que cativava nesse motorista era sua incrível gentileza, que logo pela manhã parecia não ter fim. Toda a manhã sempre deixava os estudantes na rua da escola, mesmo que o ponto de ônibus não fosse lá.

E desde aquele dia até então passei a admirar a sua simpatia, que ele sabia esbanjar com sabedoria, não importava quem fosse ou como fosse, tratava todos muito bem, e todos recebia com alegria. Todos iguais em suas diferenças.



Estética

Estética, não importa
seja como você for.
Todos somos iguais.
Todos temos amor.
Não me importo com sua aparência
o que importa é quem você é.

Gordo ou magro.
Branco ou preto.
Baixo ou alto.
Isso não importa.
Seja lá como você for,
o que importa mesmo é o amor.

Sua sexualidade,
sua origem
e sua nacionalidade.
Isso é o que te torna único.
Seu jeito de ser é o que
Realmente importa.

Você importa!!!

Respeito às diferenças

Em uma escola no interior de São Paulo, existia um garoto chamado Paulo, que tinha treze anos, mas era muito alto para sua idade, sendo uma característica bem marcante dele; também possuía um cabelo preto, o qual ele pintou as pontas de amarelo, e, este conjunto, de altura e cabelo enorme, chamava bastante atenção.

Nessa mesma escola, existia um grupinho de três amigos bem conhecidos por arrumarem diversas confusões; a principal do grupo era uma garota chamada Julieta, a única mulher do grupo, já que os outros eram rapazes. Ela tinha quatorze anos e uma aparência que era considerada angelical para alguns, pois tinha um belo rosto e um cabelo bonito, o qual atraía olhares dos rapazes da escola. Por outro lado, não tinha uma personalidade das melhores, estando sempre em encrencas por desrespeitar seus colegas diversas vezes.

Um belo dia, Paulo andava até sua sala após o recreio e esbarrou com Julieta pela primeira vez, momento em que fizeram uma rápida troca de olhares antes de irem para suas designadas turmas, mas, durante aquele pequeno instante, Julieta ridicularizou o rapaz totalmente por causa de seu cabelo pintado, o qual saía do padrão dela.

Logo, durante a saída da escola, ela foi até o jovem fazendo piadas de mal gosto sobre seu cabelo e chamando-o de garotinha; ele, em um primeiro momento, até ignorou, continuando seu trajeto normal, mas, logo após isso, a garota o empurrou por se sentir ignorada e fazendo piadas um pouco mais agressivas do que as anteriores, fazendo Paulo ficar sem reação e correndo dali.

No outro dia, Julieta, durante o período da aula, acabou ficando ainda mais interessada em importunar Paulo, pedindo ajuda até de seu grupinho, fazendo ele ficar deprimido e com baixa autoestima por causa das ofensas diárias, mas um dia ele acabou contando dos abusos sofridos para a escola, esperando alguma ajuda e, infelizmente, toda a ocasião foi tratada como brincadeira de criança.

A vida de Paulo só piorou, pois eles estavam realmente agindo de maneira mais agressiva por ele ter falado com a escola, os dias passavam e ele não demonstrava resistência alguma perante aquela situação desagradável, não confiava nem nos adultos após ter sido ignorado.

Paulo permaneceu assim durante todo o período da escola, se tornando mais uma vítima do preconceito. Os traumas causaram, no futuro, problemas de convivência em sociedade e dificuldade nas relações pessoais e amorosas.



Os preconceitos da sociedade

No Brasil, a cada ano, morrem muitos transexuais.
Este preconceito eu não aguento mais.
Tenho medo de sair nas ruas todos os dias
e ser xingada de erradia.

Eu ser preta
não justifica este seu preconceito.
Este preconceito sem jeito
que você faz questão de manter e de não esconder.

Eu não tenho paz.
Todo dia pensam que não sou capaz
Tenho medo de ser assediada
e de ninguém fazer nada.

Fazem piada com a minha deficiência
por causa da minha inocência.
Não é porque não consigo me defender
que significa que você pode me atacar sem temer.

Quer um conselho?
Tire estes seus preconceitos da sua mão
E comece a ter paz no coração.

Um sonho possível

Em uma tarde ensolarada, mas com um vento gelado, eu e minha família acabávamos de nos mudar para uma cidadezinha. Havíamos nos mudado porque eu sofria muito preconceito por ser quem eu era, uma criança autista.

Já tínhamos nos acomodado. Esvaziamos todas as caixas e sacolas, e montamos todos os móveis. Tudo parecia estar indo bem, até chegar o primeiro dia de aula.

Minha mãe me levou para a escola, me entregou o lanche e foi embora. Então, entrei naquele novo lugar e todos os olhares se direcionaram diretamente para mim.

O sinal tocou e eu fui para a sala. A professora, bem receptiva, me apresentou para os demais estudantes. Percebi alguns estudantes cochichando. Eu sabia que aquelas conversas eram sobre mim. Já estava acostumado com olhares de acusação. Mesmo com receio, me sentei no meu lugar. No fundo da sala, um grupo ria de mim a todo momento. Um deles jogou uma bolinha de papel em mim. Fiquei muito abalado com o jeito que me trataram logo no meu primeiro dia.

Quando chegou a hora do recreio, me senti meio excluído. Todos vestiam roupas iguais e tinham os seus grupos e eu estava sozinho, sem alguém que pudesse me fazer sentir bem. Peguei meu lanche e, corajosamente, fui até a uma mesa onde havia um grupo. Minha intenção era apenas a de me enturmar e fazer novas amizades, mas, assim que me aproximei, o grupo me olhou com um olhar de superioridade e todos saíram da mesa sem hesitar. E, mais uma vez, eu estava sozinho e triste.

O sinal tocou. Enfim, era a última aula. Eu já tinha revivido tanta coisa que me traziam aquelas memórias ruins do meu recente passado.

O dia já estava acabando, nada poderia piorar. Ou poderia?

Eu sempre levava para todos os lugares, inclusive para a escola, um ursinho que ganhei de minha mãe há algum tempo. Aquele mesmo grupo que me incomodou no início da aula, pegou covardemente o meu único amigo e o destruiu, destruindo também toda a minha esperança. A vontade de chorar era iminente. E foi a única coisa que eu consegui fazer.

Sentia-me diferente de todos. Sofria muito bullying e preconceito. Eu gostava de me vestir do meu jeito, de falar do meu jeito, de viver do meu jeito. Sempre fui considerado estranho. Não me aceitavam e, mais uma vez, parecia que a mudança de escola não tinha adiantado nada. Quem precisaria mudar, então?

Depois de algumas semanas, consegui fazer três amigos. Eles eram diferentes, iguais a mim. Vimos que era necessário mostrar quem nós éramos para a escola, então, decidimos que iríamos reunir todos da escola e fazer algo que mudaria a vida deles.



Tudo estava pronto. Subimos no palco e, na frente de todos, nos apresentamos falando o que cada um tinha de diferente. Assim, muitos se sentiram confortáveis para se apresentar também. Aqueles que se escondiam por serem diferentes puderam, enfim, se mostrar. E todos falaram sobre as suas diferenças.

Depois daquele dia, decidimos que não precisávamos mais de uniformes, nem de padrões naquela escola. E, a partir daquele dia, cada um pôde agir e se expressar naturalmente, sem medo de serem julgados.

O grupo que havia zombado de mim, não veio se desculpar, mas percebi que eles se sentiram muito mal. E eu? Eu estava muito confiante, pois o meu sonho de ter uma escola onde todos são tratados igualmente havia se realizado.

A diferença é a maior prova de que cada pessoa é extraordinária, do seu jeito. Viva a diferença!

Iguais e diferentes?

Beatriz, mocinha de apenas seis anos. Vinda da periferia paulista, nas grandes dificuldades de se viver onde o saneamento básico ainda não chegou, ela ainda não sente na pele as angústias.

Sua mãe, Amanda, é uma mãe solo que com seu esforço e carinho cobre os olhos e ouvidos de sua querida filha daquilo que o mundo adoce os corações mais puros. Infelizmente, a bolha de proteção em que Beatriz estava se estoura com a perda de seu maior apoio emocional e material: sua mãe morre, prematuramente, em um acidente indo para o trabalho.

A vida da garota vira de ponta-cabeça quando ela precisa se mudar para o Rio Grande do Sul, sob a tutela de seus avós maternos, e lá reconstruir o que perdeu. Como pode ela entender essa grave situação? Para onde teria ido a sua mãe? Eram coisas que Irati, mãe de Amanda, se perguntava e era questionada por sua neta fragilizada com tudo o que houve. Irati não queria que ela se isolasse em luto, gostaria que se conectasse ao grupo com as outras crianças da escola para que ela pudesse afastar de sua mente, mesmo que um pouco, o sofrimento cotidiano que ali se instalou.

Primeiro ano no ensino fundamental, primeiro ano sem sua mãe, primeira vez que se sentia isolada. Sua cor, seu jeito de falar, seus gostos. Ela era muito diferente para todos aqueles que não a conheciam, e isso se tornou uma barreira para qualquer aproximação. Na nova sala, onde na lista de chamada a maioria dos colegas tinham nomes que Beatriz nem conseguia pronunciar, seu sobrenome “da Silva” também era pauta para chacota. Sua avó se indagava ao ouvir o relato de sua neta: como crianças, com corações limpos onde o preconceito não nascera, tem esse tipo de atitude?

Chegando em casa, encontram-se com Gilberto, avô da menininha e marido da senhora que transmitia repúdio de alguma coisa que ele não sabia o que era. Soube da segregação que Beatriz sofreu em seu primeiro dia de aula. É algo que ele não passou, não tinha nascido com a marca de Câ e só podia saber de relatos que a família de sua esposa e ela mesma contava. Era muito difícil para ambos explicar para a neta a raiz de tudo aquilo. Afinal, é um tema complexo até para adultos. O fato era: aquele preconceito não nasceu nos colegas de Beatriz. A forma como pensam vem de muito antes deles; quem sabe, influência de seus pais.

Deram de comer à Beatriz e depois ela foi dormir. Em seu quarto, o casal, preocupado, refletia:

— Esse desrespeito é algo tão ruim... Mas são crianças, impossível ter nascido delas. Da onde, então, vem isso?

— Vai perguntar logo pra mim? Lembro que minhas primas nordestinas falam “pré-conceito” devido ao sotaque; é só uma maneira diferente de pronunciar, mas acho que diz bastante sobre a própria palavra. Preconceito é uma concepção de algo.

— É bom pensar sobre certos temas. Muitas vezes, acabamos apenas repetindo o que ouvimos.

— Certamente. É comum aquele preconceito que faz a pessoa ver as outras como inferiores, se acham mais espertos, mais bonitos, mais cultos...



— Quem dera se fossem tudo isso que pintam. Uma vez li que o racismo nasce no século XIX com o neocolonialismo e é impulsionado pelas teorias eugenistas que a ciência da época divulgava - e era combatida por teses realistas. No geral, o preconceito vem de algo maior, de experiências da vida material que influenciam o imaginário popular. Não acha que o Brasil ter usado da mão de obra de escravizados negros que eram tratados como bicho (ou pior) fez com que pensassem que eram seres inferiores? Mas o ponto agora é: como combatê-lo?

— De qualquer forma, são crianças. Nossa abordagem precisa fazer com que elas realmente entendam. Tirar o mal pela raiz, e a raiz é o pensamento.

— Amanhã veremos isso, estou com sono. Boa noite!

Beatriz, em outro quarto, acorda chorosa, teve um pesadelo. Estava relembrando do dia na escola. Temia ter que reencontrar aquelas pessoas más, ter que passar o ano todo por aquilo... Então, correu para o quarto de seus avós e, acordando Irati, disse:

— Vó... Posso dormir com a senhora? Tive um pesadelo...

— Pode sim, minha querida! O que te assustou em seu sono?

— Você sabe... Aquilo que eu te contei.

— Eu e seu avô vamos resolver isso! Agora, deite aqui conosco e durma porque amanhã vai ser outro dia.

Segundo dia naquela escola. Seria mais uma vez a mesma história?

Gilberto e Irati tomaram a atitude de ir conversar com a professora da sala de Beatriz não só sobre o preconceito sofrido pela neta, mas, sobretudo, para encontrar, juntos, maneiras para que aquela situação não se repetisse.

O que o avô propôs não se referia a colocar a culpa nos colegas envolvidos, mas sim, esclarecer o quanto estavam cegos negando e desrespeitando as diferenças que todos nós temos.

Entraram os três na sala de aula. Os alunos já estavam sentados. Beatriz, tímida, não sabia exatamente o que os avós iriam falar. Gilberto queria que as crianças abrissem a mente para o que ele diria:

— Bom Dia! Sou o avô da nova colega de vocês, a Beatriz. Vimos que não estavam acostumados com pessoas diferentes de vocês, mas devemos aprender que as pessoas são iguais mesmo sendo diferentes.

Um aluno que parecia interessado e, ao mesmo tempo, ingênuo para saber o que aquele senhor queria dizer, perguntou:

— Iguais e diferentes? Como assim?

— Boa pergunta! Como se chama, rapaz?

— Matheus!

— Já ouviu de sua mãe “você é especial”? É como isso. Somos especiais, cada um com sua história, com seu modo de entender as coisas, e por aí vai. Mas eu e você não vivemos na mesma cidade? Não vivemos no mesmo estado? Mesmo País? Continente? Mundo? Não somos todos humanos? Nós, os brasileiros, compartilhamos de várias influências culturais de outros países. Não estamos todos conectados com o resto no mundo? Com a música, com os desenhos?

— Ah, entendi...

— Acho que foi muita informação para a cabeça de vocês. Vou com mais calma... Que tal uma história?

Gilberto improvisara uma história em que as personagens eram... formigas. Vivem em sociedade, cada uma com seu papel, várias com características distintas. Este era o raciocínio. “Para comermos o arroz e feijão de todo dia, não precisa que alguém os trate e colha? Não precisa que alguém os traga para o mercado? E aí sim, os pais compram e

depois os cozinham. Às vezes, nos esquecemos que o pacote de arroz, feijão e todo tipo de comida e produto teve o trabalho de várias pessoas diferentes até encontrarmos ali na prateleira do mercado.” Foi o que disse tentando deixar claro a analogia que queria fazer.

— Se todos nós vivemos em sociedade, por que excluir ou envergonhar quem tem uma cor diferente de pele? Quem tem um “jeitin” especial de falar? Não é muito bobo da parte de vocês serem assim? Inicialmente, as crianças ficaram um pouco desconfiadas e não aceitaram muito bem o que estava sendo dito por Gilberto. Mas logo conseguiram compreender.

A professora fez com um dos alunos que repetia falas racistas para Beatriz fizesse dupla com ela. Ele teve oportunidade de conhecê-la melhor e se tornaram amigos.

Beatriz estava muito feliz, recebeu um beijo e um abraço de seus avós e, antes de irem embora, queriam que ela se enturmasse com os outros colegas da classe que perceberam que o que tinham feito havia sido muito ruim para Beatriz e a acolheram e não tiveram vergonha de acolher a nova colega.

Não será a última vez que a Beatriz sofrerá com essas mesmas coisas. Quem cometeu o preconceito foram crianças como ela, moldáveis e de mente aberta, mas que, infelizmente, repetiram comportamentos que eram incentivados pela sociedade ao seu redor. Mas, pelo menos naquela sala, ela estaria sendo incluída e aceita do jeito que ela é.

Sejamos nós aqueles que, como Beatriz, não aguentam calados o sofrimento. Sejamos nós aqueles que, como Gilberto e Irati, não aguentam ver a discriminação e vão à ação. Sejamos nós como os colegas de Beatriz que souberam fazer a autocrítica e mudar seus princípios!



Ser diferente é ser forte

Eu não entendo o porquê de algumas pessoas insistirem em menosprezar as outras pelo simples fato de não serem iguais a elas. Já pensou se fôssemos todos iguais? Olhos iguais, mesmo nariz, mesmo cabelo, mesma pele? Se fosse assim, tudo seria tão sem graça. Seria tudo igual. As nossas diferenças são o que nos tornam únicos!

O que seria do mundo se todos falassem a mesma língua? Como é possível pessoas serem julgadas e xingadas apenas por virem de outros países? Por que há conflitos por pessoas acreditarem em um deus diferente do outro?

Tenho notado que muitos conflitos acontecem porque alguns se acham mais fortes que outros. Brancos acreditam ser mais fortes que negros. Homens acreditam ser mais fortes que mulheres. Héteros acreditam ser mais fortes que homossexuais. Europeus acreditam ser mais fortes do que asiáticos. Ricos acreditam ser mais fortes do que pobres. E, no entanto, estamos todos no mesmo planeta, sendo um grão de areia no universo. E recebendo a lei do retorno, mais cedo ou mais tarde.

Não é porque temos gostos diferentes que somos um erro. Ser LGBTQIA+ não significa ser fraco, significa ser forte. Forte ao ponto de aguentar olhares te julgando, forte ao ponto de estar vivo e viva, nosso jeito, sendo quem nós somos.

Ser negro é ser forte para levantar da cama todos os dias e provar seu valor.

Ser mulher exige ser forte num mundo construído por homens inseguros e covardes.

Não somos todos iguais. Cada um é um ser único. E, por isso mesmo, todos merecemos os mesmos direitos, todos merecemos respeito.



Mulheres guerreiras

O machismo é ruim.
E todas as mulheres que passam por isso sofrem.
Não importam as mulheres,
jovens ou senhoras,
Elas sempre sofrem.

Parece que as mulheres são uma ferramenta para
a máquina do machismo.
Agora sim entendo o porquê de o machismo ter
existido:
Foram educados por outros machistas
Num mundo sem cor.
E deixam sem cor
O mundo das mulheres

As mulheres são incríveis e guerreiras por aguentarem
isso
E elas parecem ameaça aos homens.
Aguentam grosserias
E ainda assim continuam
São vítimas do machismo por agressão
e por serem subordinadas.
E os homens se esquecem
que foram gerados
por
mulheres.

O machismo machuca as mulheres
As mulheres são o objeto para o machismo,
mas não são objetos -
São mulheres.
São humanas.

Elas são guerreiras!

**DRE JAÇANĀ/
TREMEMBÉ**





Igualdade de direitos e respeito às diferenças

Sinto desatento ao lembrar
Que o amanhã chegará,
Pois o meu povoado
— Terei que deixar.
Digo adeus ao meu velho lar,
Para recomeçarem um novo lugar.
Esse é o meu destino
E ter que aceitá-lo
Me parece dolorido,
Mas tenho que ter coragem
Para continuar no caminho.
No entanto, hoje
Quando me perguntam
Pela minha paixão
Me sinto como um verso
Cantado por Elis Regina
Pois digo que “estou encantada
Como uma nova invenção
E que vou ficar nessa cidade
Não volto pro sertão não”.



Onde estão a igualdade de direitos e o respeito às diferenças?

Que mundo perfeito seria
Se meus direitos fossem
Respeitados como devia
E não ser julgada
Por ter o cabelo pintado
Ou a cabeça raspada.

Respeitar as diferenças é
O melhor caminho para uma
Sociedade mais justa
Apoiando uns aos outros
Devagarzinho tudo se ajusta.

Que dessas diferenças nasça
O respeito
Carregue essa verdade dentro do
Seu peito
Entenda que para amar
Cada um precisa aceitar
Que neste mundo ninguém é igual
E é isso que torna tudo tão
Fenomenal.



A vida com a desigualdade

Numa cidadezinha no interior de São Paulo, mora uma família de pessoas negras que não tinha uma condição financeira muito boa. Até que um dia surgiu uma oportunidade de emprego em uma empresa da cidade grande, que pelo que ouvia falar era muito boa. O pai conversou com a família e decidiu aceitar o emprego, porque a proposta veio em um momento que eles mais precisavam.

No outro dia, o pai acordou bem cedinho para pegar ônibus para ir à cidade grande, mas sua família não foi, pois o pai não tinha certeza que iria conseguir esse cargo.

Quando ele chegou na cidade, ficou impressionado com a modernidade de lá. Logo em seguida, foi direto para a empresa. Ao chegar, recebeu vários olhares estranhos das pessoas por ele ser negro e por suas vestimentas. O chefe foi o único que não julgou e explicou que tinha direito a refeições e não precisava se preocupar que não iria abaixar o seu salário.

Depois de alguns meses, ele já estaria em um ótimo cargo, mas algumas empresas patrocinadoras não gostaram muito e deixaram de negociar com a firma por ter um funcionário negro. Então, o seu chefe parou de pagar o seu salário e explicou que era porque a empresa já dava tudo que ele precisava.

Até que as coisas começaram a piorar. Começou a trabalhar dia e noite. Aos poucos, ele adoeceu de tanto trabalhar e seu chefe não se importou com isso. Não deixou ele ver sua família e nem um médico.

Depois de um tempo, ele tomou coragem e se demitiu e voltou para sua família.



O diário de um homem negro em São Paulo

Eu sou um homem e vim para São Paulo atrás de um sonho. Sou de Moçambique e vim para São Paulo para cursar medicina.

Consegui dinheiro para viajar, desembarquei no aeroporto de Guarulhos. Já tinha preparado uma moradia, só que no caminho sofri vários olhares de desprezos. Fiz uma pergunta para uma pessoa e ele respondeu: “Não, estou ocupado”.

Segui o caminho e consegui chegar. O proprietário me tratou com desrespeito, pelas palavras dele: “Não era isso que eu esperava”.

Mas a dificuldade foi quando eu tentei entrar em uma faculdade. Consegui entrar numa faculdade pública.

Quando entrei no mercado de trabalho, ouvi falarem: “Um preto médico, nunca!!!” ou “Você é africano, não sabe falar nosso idioma!”. Se eles soubessem o qão difícil foi ouvir essas palavras, a dor no meu peito. Ser discriminado por ter uma pele diferente da deles.

Hoje em dia, sou um médico famoso e conhecido em São Paulo.



Justiça

Mais um dia e eu acordo com os meus vizinhos gritando: “Saíam daqui seus macumbeiros”, “Aqui não é lugar da sua raça!”. Meus pais estão cansados disso. Todos os dias meus vizinhos dizem para nós sairmos daqui e que não pertencemos a esse lugar. Bom, já levantei e fui tomar meu café da manhã e lá vi minha mãe com as mãos na cabeça. Ela estava cansada e o meu pai já tinha ido para o trabalho.

Bom, esqueci de me apresentar! Sou a Luiza, tenho 14 anos e sou da religião da umbanda (por isso meus vizinhos ficam gritando essas bobagens). Agora que me apresentei vamos voltar para a história.

— Bom dia, filha! - Disse a minha mãe logo que meu avistou entrando na cozinha.

— Bom dia, mãe. Conseguiu um trabalho? - Falei a ela.

— Infelizmente não!! O salário de seu pai não irá dar conta para a comida, roupa, contas. - Disse minha mãe triste. Apenas assenti, terminei de lavar a minha louça do café da manhã e fui me arrumar para a escola.

— Mãe! Já estou indo para a escola, tchau. Até mais tarde. - Gritei para minha mãe.

— Tá bom! Tchau, boa aula! - Gritou.

No meio do caminho vejo um monte de pessoas protestando sobre o salário, elas estavam certas. O salário dos trabalhadores é muito baixo e o das mulheres são 21% mais baixos do que dos homens, acreditam? Esse salário é horrível.

Continuei o meu caminho e finalmente cheguei na escola. Encontrei minha melhor amiga, Heloisa, chorando e fui correndo ver o que tinha acontecido.

— Heloisa, o que aconteceu? - Perguntei desesperada.

— Aconteceu de novo, Lu! De novo eles estão fazendo racismo comigo!! Dessa vez eles me chamaram de macaca! - Disse entre soluços, pois estava chorando bastante.

Na hora que eu escutei, não me aguentei e fui resolver isso de uma vez por todas.

— Escuta aqui, quem vocês acham que são para fazer essas atitudes idiotas e racistas com a Heloisa? - Gritei. Logo em seguida senti alguém me puxando e vi a Helo me puxando para dentro de uma sala.

— Apenas esqueça isso, por favor! - Logo depois que ela falou isso chorou de novo.

Tempos depois as aulas acabaram e fomos embora. No caminho vi uma garota linda (acho que esqueci de falar, sou lésbica). Heloisa apenas me olhou, me deu um sorriso e fez corações com as mãos, apenas ri dela. Chegando em casa vi meus pais, cumprimentei e subi para estudar sobre “Igualdade de direitos e respeitar diferenças”, mas logo escuto pela janela.

— Sapatona! Se mata, ninguém irá querer uma sapatona macumbeira! - Gritou umas pessoas da minha rua.

Nem liguei e voltei a estudar. Lendo sobre o assunto, vi as situações pelas quais passei e passo: homofobia, racismo e intolerância religiosa. Fiquei mais interessada no assunto.

Terminei de estudar e fui tomar um banho para dormir. Na hora que fui dormir pensei se algum dia poderemos ter nossos direitos e se algum dia pessoas iriam respeitar a nossa sexualidade, religião, raça e gênero.

— Irei estudar sobre o assunto e fazer justiça! - Falei antes de dormir.



Igualdade de direito e respeito às diferenças

Toda obra tem valor
Nenhum ser é superior
Igualdade de direito
É o que precisa ficar

Não importa a cor da pele
Ou a crença que se tem
Todos merecem respeito
E o direito de viver bem

No coração de cada ser humano
Há um amor que habita
É mesmo que sejamos diferentes
Esse amor nunca se limita

Respeito é o caminho
Que nos leva a união
Aceitando as diferenças
Sem julgamentos ou exclusão

O direito de ser feliz

Em certo ano um casal decidiu que queria ter um filho(a), porém depois de algumas perdas, eles finalmente conseguiram engravidar.

Com 8 meses de gravidez o filho nasceu, porém foi prematuro. Quando nasceu, os pais tiveram a notícia de que seu filho tinha uma paralisia facial.

Com o passar dos anos, ele foi crescendo e seus pais começaram a ter vergonha de sua deficiência. Já não o deixavam sair de sua casa, nem para escola. Eles contrataram uma professora particular para lhe dar aulas. O filho sempre aceitou calado, mesmo que tivesse muita vontade de ir para a escola, conhecer novas pessoas, ter vários amigos diferentes e ser feliz.

Depois de um tempo, com muito medo, o menino decidiu, uma vez por todas, pedir aos seus pais para frequentar uma escola. Ele se sentia pronto para um novo ambiente que conviveria até seu último ano escolar. Os pais tentaram mudar a opinião do filho, mas ele já estava decidido do que queria. Mesmo com muito receio, guardado em seus corações, de seu filho sofrer preconceitos por ser especial, aceitaram.

No primeiro dia de aula do garoto ocorreu tudo bem. Todo mundo de sua sala e da escola o aceitou, o respeitou e o acolheu com muito carinho. Ele voltou para sua casa mais feliz do que nunca. Os pais se sentiram aliviados com esta bela notícia e até com um pouco de culpa pelo que fizeram com seu filho, pois por receio da sociedade não o deixaram ir para a escola. Pediram desculpa e hoje estão felizes.

Todos têm direito de ser feliz

DRE PENHA





Poesia antirracista

Racismo, pra quê?
Sério? Pensei que tivesse evoluído
Mas não, está preso ao passado.
Cresça e aprenda. Isso é importante para a sociedade
Ninguém precisa lidar com a sua falta de intelecto,
Falta de respeito, falta de humanidade...

Eu ando pelo asfalto
Com os olhares na minha pele
Julgando-me ser algo, que nem sou
Querem que eu seja algo que nem penso em ser



Gol contra o preconceito

O alarme tocou às 5 horas da manhã do domingo e, mesmo sendo final de semana, Isadora pulou da cama em uma mistura de alegria e ansiedade porque era o dia do final do campeonato entre os clubes de bairro.

Logo que saiu do banho, fez uma linda trança em seus cabelos, tomou o café da manhã correndo, pegou sua mochila e conferiu mais uma vez o seu uniforme completo, inclusive com a chuteira da sorte que ela ganhou da sua mãe. Era uma chuteira de campo linda, com suas cores preferidas em tons degradês.

Quando estava terminando de escovar os dentes, escutou uma buzina bem alta, era o ônibus que chegou para levá-la ao campeonato junto com seu time e parte da torcida.

Isadora entrou no ônibus, sendo aplaudida e recebida com muitos abraços por todos.

Durante todo o caminho, a torcida já cantava bem alto enquanto as jogadoras começavam a se concentrar.

Chegando no campo, logo avistaram o time e a torcida rival, nessa hora um clima de tensão ficou no ar e Isadora sentiu um frio na barriga.

Cada time foi para o seu lado do campo para o aquecimento e para receber as orientações dos técnicos.

Em seguida, o juiz chamou as capitãs para escolherem um lado da moeda que decidiria quem escolheria iniciar o jogo com a bola ou o lado do campo.

Isadora, a capitã do Time Liberdade escolheu cara, assim para Bia, a capitã do Time Camps, sobrou coroa.

A moeda girou no ar e caiu certa na mão do juiz revelando o lado “cara” para cima, permitindo que Isadora escolhesse a preferência do Time Liberdade.

Times preparados, o apito inicial determinou o começo da partida.

Foi um jogo bem acirrado, as jogadoras disputavam a posse da bola com muita dedicação e talento.

O Time Camps marcou o primeiro gol, comemorando de maneira provocativa, principalmente Bia, a capitã do outro time que tinha marcado o gol, passou perto de Isadora e a xingou sem que o juiz visse.

Isadora ficou extremamente chateada, mas como ela tinha espírito esportivo e sabia que não valeria a pena se distrair naquele momento, ela respirou fundo e manteve o foco no jogo.

Foi assim que ela marcou um golaço!

— Isadora! Isadora! – vibrava a torcida gritando o nome da capitã.

Com o gol de Isadora, o time rival começou a jogar de maneira violenta e a torcida rival começou a xingar as jogadoras do Time Liberdade.

O tempo foi passando, o jogo estava quase no final e o placar ainda marcava 1x1.



Já estava próximo do último minuto e Isadora avançava para o gol, quando Bia cometeu uma falta perigosa na rival e, se não bastasse a falta, Bia ainda xingou Isadora com palavras racistas.

O juiz que estava atento, além de marcar a falta, expulsou Bia de campo pelo seu ato racista e inaceitável.

Nessa hora, a torcida aplaudiu de pé a sábia decisão do juiz, pois o esporte é para todos e o respeito deve existir sempre!

Logo em seguida, fez um silêncio geral, pois Isadora iria marcar a falta.

O silêncio foi quebrado com os gritos da torcida rival para atrapalhar a capitã, mas a torcida a favor foi muito mais forte gritando palavras de incentivo. No meio da torcida, Isadora viu sua família e seus amigos apoiando-lhe, essa imagem foi importante para dar força a ela.

O coração de Isadora começou a bater mais forte, pois sabia que era um momento de decisão. Ela respirou fundo e se concentrou, o juiz apitou, nesse momento parecia que o mundo girava em câmera lenta.

O peito do pé de Isadora foi lentamente tocando a bola que, ainda em câmera lenta, foi certa em direção ao gol, fazendo um verdadeiro golaço.

O placar marcou 2x1.

A torcida foi ao delírio, as jogadoras do time correram para abraçar Isadora.

O jogo acabou com a vitória do time liberdade, Isadora ainda ganhou a medalha de melhor jogadora do campeonato, o que deixou sua família e toda a torcida com muito orgulho!

Dez anos depois, enquanto Isadora ganhava o Prêmio de Melhor Jogadora do Mundo, ela lembrou desse dia tão desafiador, do seu primeiro prêmio e do quanto foi importante o apoio de sua família e dos amigos, principalmente para combater o racismo e vencer o preconceito contra o futebol feminino.

Ana Beatriz Silva de Jesus, 9 anos
 Arthur Eduardo Aurelio Martins Braz, 9 anos
 Blanca Ely Mendoza Mendoza, 10 anos
 Carlos Henrique Cordeiro da Silva Filho, 10 anos
 Diogo Borges Lustosa Junior, 10 anos
 Gustavo Campos Costa de Oliveira, 10 anos
 Hillary Farias Rodrigues, 10 anos
 Icaro Iago da Silva, 10 anos
 Isabelle Pimentel da Silva, 10 anos
 Isabelly Campos da Silva, 10 anos
 Isabelly da Silva Cavalcante Berra, 9 anos
 Isabelly Marques da Silva, 9 anos

Karen Chrystine de Souza, 10 anos
 Karen Eduarda Oliveira de Araujo, 10 anos
 Lavynnim Karollyny Martins da Silva, 9 anos
 Lorenzo Farias Rodrigues, 7 anos
 Luany Blandicia Manuel Luis, 10 anos
 Mariah Eduarda Sousa Andrade, 7 anos
 Mirella Beatriz Souza Feitosas, 6 anos
 Pyettro Vinnicius Almeida De Sousa, 10 anos
 Raphaela Cecilia de Almeida Felician, 10 anos
 Rebeca Campos Costa de Oliveira, 9 anos
 Zullimar Huaman Cansaya, 8 anos



A aluna nova – O mistério de Allyson

O sinal tocou marcando o início da 5ª aula.

Nessa hora, a professora entrou na sala, enquanto os estudantes faziam a maior bagunça.

No canto, perto da janela, estava Amanda, acompanhada de seus dois amigos Matheus e Heitor.

O trio silencioso não se parecia com o restante da turma, pois os demais acreditavam ser melhores do que eles, principalmente a “Turma do Fundão”, que se achava superior e, por isso, zoava todo mundo. Mas, sem dúvida nenhuma, as vítimas preferidas eram sempre os integrantes do “Grupo dos Perdedores” ou “Grupo dos Três Monstrinhos” como eram chamados.

Durante o tempo todo era uma mistura de preconceito, bullying e todo tipo de ofensas, inclusive atrapalhando as aulas de todos os professores.

Todo o dia era essa bagunça.

Todo o dia era uma confusão.

Até que um dia, no começo da aula, a coordenadora chegou na sala para dar um recado: naquele dia, a turma receberia uma nova estudante.

Todos ficaram curiosos para saber quem era aquela misteriosa pessoa. Pela primeira vez no ano, a sala toda ficou em silêncio para recebê-la, parecia uma cena de filme de suspense.

Dentro da cabeça de cada um, várias teorias e hipóteses surgiram, os segundos demoraram para passar quando, de repente, surge na porta da sala uma garota de cabelos longos e cacheados, carregando cadernos cheios de desenhos na capa, uma mochila azul com broches, óculos escuros e um estilo diferente.

Nessa hora, todos ficaram de boca aberta com o estilo e a beleza da garota.

— NOSSA, que gata! Com certeza ela vai querer ficar com a turma do fundão! – disse Erick, o líder do grupo.

— É, não tenho dúvida nenhuma disso! Mas desde que ela saiba quem é que manda AQUI! – respondeu Daniela, a garota popular da sala.

Os cochichos ficam mais altos e a coordenadora pede silêncio novamente.

— Pessoal, atenção! Essa é a Allyson, a partir de hoje ela vai estudar na turma de vocês! Gostaria que vocês a recebessem muito bem e a ajudassem no que fosse preciso, principalmente porque...

Nessa hora Erick corta a coordenadora e disse:

— Pode deixar que eu ajudo, até passo a matéria anterior se ela precisar!

— Como se você fizesse algo – disse Daniela tirando sarro.



— Olha só quem fala! – respondeu Erick já nervoso.

Antes que a confusão aumentasse, a professora cortou o assunto e devolveu a palavra para a coordenadora.

— Como eu estava dizendo, antes de ser interrompida pelo senhor Erick, nós gostaríamos muito que vocês recebessem muito bem a Allyson e a ajudassem porque ela tem deficiência visual.

— Mas o que isso quer dizer? – Erick perguntou baixinho para Daniela.

— Significa que eu sou cega. – respondeu Allyson. Aliás, eu só não enxergo, mas escuto muito bem!

A turma toda ri de Erick que, pela primeira vez, fica envergonhado.

No canto da sala, perto da janela, uma mão se levanta e uma voz tímida diz:

— Com licença...

Todos se viram para ver de onde vinha aquela voz!

— Com licença, gostaria de dizer, em meu nome e de meus amigos, que você é muito bem-vinda e gostaríamos de convidá-la para sentar conosco. Não somos os mais populares, mas acho que somos legais e vamos não só ajudá-la, como também respeitá-la.

— Sabia que vocês não irão me desapontar. – disse a professora toda orgulhosa.

Erick e Daniela fizeram caretas.

O tempo foi passando e Allyson foi se enturmando, ganhando novos amigos, inclusive com a turma do fundão.

Já o trio, através da Allyson, se tornou um grupão de novos amigos, todos eles com suas diferenças e igualdades, mas acima de tudo com muito respeito e amizade.

Ana Clara dos Santos, 11 anos

Ana Clara Nascimento Dias, 11 anos

Carlos Henrique Borges da Costa, 12 anos

Dan Leonardo Aquino Flores, 12 anos

Davi Barbosa Silveira, 11 anos

Emilly Victoria Melo Santos, 11 anos

Fernando Hipolito Castilho, 12 anos

Gabrielly Vitoria dos Santos, 12 anos

Heloisa Camilly Caetano da Silva, 12 anos

Henrique Zaqueu Gozze Silva, 12 anos

Ingrid Bernardo do Nascimento, 12 anos

Isabelle Beatriz Barbosa Tiago, 13 anos

Isaque Silveira dos Santos, 12 anos

João Gabriel Dias Nogueira, 11 anos

Jullia Idelfonso Nascimento, 12 anos

Kamily Vitoria Garcia Fernandes, 12 anos

Kaynan Felipe Goncalves, 12 anos

Kayo Luan Baudichon, 11 anos

Luiz Gustavo Santos Rodrigues, 11 anos

Marcela Correia Florencio dos Santos, 13 anos

Maria Eduarda Gonzaga Laurindo, 12 anos

Nicolly Vitoria Carmona, 12 anos

Sueli Aparecida Guedes Galvao Ribeiro, 12 anos

Thalyson Roabson dos Santos Silva, 11 anos

Victor Elias Correia da Silva, 11 anos



Os pequenos também têm voz

Começamos o texto com este pensamento magnífico: “Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, ou por sua origem, ou sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender, e se elas aprendem a odiar, podem ser ensinadas a amar” (Nelson Mandela)

Durante nossas aulas do Projeto AEL, conversamos sobre o assunto proposto sobre Igualdade de Direitos e Respeito às Diferenças, e chegamos à conclusão de que antigamente existiam muito mais diferenças entre homens e mulheres, tanto pessoalmente, como profissionalmente, os homens sempre tiveram mais direitos e privilégios, e isso vem mudando a cada dia, graças às lutas diárias de mulheres pioneiras e movimentos sociais.

E não é só no gênero que existem tantas diferenças. Infelizmente, na formação do mundo houve e ainda há a diferença de cor, raça, religião, biotipo, o que causou danos irreparáveis à nossa sociedade. Porém, hoje em dia, as pessoas conversam e falam mais sobre esses assuntos, e tentamos diminuir e, quem sabe, um dia, acabar com isso no mundo. O que queremos é que todos sejam tratados igualmente, independentemente de quem seja ou o que pense.

E, também, o racismo é crime, pois quando uma pessoa o comete pode ser punida e presa.

Fala-se muito na escola também sobre praticar e sofrer bullying. Notamos muitas vezes que ele realmente existe, pois os colegas são até mesmo ameaçados pelas diferenças que possuem, e o que temos que ter consciência é que ninguém é igual a ninguém, e o mais legal é aprendermos com as diferenças de cada um, e que os direitos para todos sejam iguais.

Direitos humanos são uma categoria de direitos assegurados a qualquer membro da humanidade e são apoiados pela Declaração Universal dos Direitos Humanos.

A diferença pode ser tanto nata e natural como cultural. Já a desigualdade é construída socialmente. Muitas vezes, implica a ideia de injustiça. A própria natureza pode ajudar a esclarecer os conceitos e mostrar como a desigualdade não é natural, mas social.

Nossa missão neste mundo é melhorar a cada dia, para que todos possam viver num lugar melhor e mais justo. É o que queremos.

Anthony Jesus de Oliveira, 10 Anos
Agatha de Oliveira dos Santos, 11 Anos
Davi Mantoan Castilho G. de lima, 11 anos
Enzo Lopes Costa, 11 anos
Gustavo Araujo da Silva, 12 anos
Isabele de Oliveira Cid, 11 anos
Kaua Goetz, 11 anos
Kauan Lima Souza, 12 anos

Maria Clara Blasetti Gomes, 11 anos
Miguel Lorenzo Rossini M. P. Waczuk, 11 anos
Narryman Winnie A. B. de oliveira, 11 anos
Tayllor Miguel da Silva Leite, 11 anos
Vinicius do Nascimento Pereira, 11 anos
Vitor do Nascimento Pereira, 12 anos
William da Silva Moura, 10 anos



Espero que me conheçam

Julgam-me pelas minhas raízes
 mas não fazem questão de conhecê-las
 Me julgam pelas minhas roupas
 mas não sabem seu significado
 Me julgam pelo meu cabelo trançado
 mas não sabem os valores representados nele
 Me julgam pela minha cor
 mas esquecem de tudo o que passei por tê-la
 Me julgam pela minha religião
 mas lá fora pregam discurso de mais amor e menos ódio
 Me julgam pelo meu corpo
 Porque não conhecem a minha beleza
 Me julgam pelo meu agir e pensar
 Me julgam pelo meu povo e pelo meu olhar
 Mas todos queriam ver a vida feliz que eu vejo
 A culpa não é minha e sim das pessoas que só sabem julgar.
 E você, julga ou é julgado?

Amanda Subires Estradas de Faria, 13 anos
 Ana Beatriz de Pinho Pereira, 13 anos
 Ana Carolina Macedo M. de Campos, 11 anos
 Agatha Luize de Amorim Marcelino, 11 anos
 Bethânia Lima de Mauro, 12 anos
 Enzo Moreira de Araújo, 11 anos
 Eloísa de Sousa Nogueira, 12 anos
 Fabiana Nohemi Rojas Pérez, 13 anos
 Flávio Takata Corredato, 12 anos
 Jiosimara Nicole Manuel Sebastião, 12 anos
 Kaelym Luísa Alcor Yana, 12 anos

Kelvin de Andrade da Silva Lacerda, 13 anos
 Kaylane Carilho Augusto Armando, 11 anos
 Keli Laura Condori Mamani, 14 anos
 Luna Stegemann Soares, 11 anos
 Maria Clara de Sousa Baptista Oliveira, 13 anos
 Maydê Mamani Olivera, 12 anos
 Mylena Adriana Santana Oliveira, 12 anos
 Natasha de Paula Cardoso, 12 anos
 Wara Mamani Quispe Ninahuanca, 13 anos



Caminhar, crer e vencer juntos!

Tratar todos com o bem e dar para o outro tudo aquilo de bom também!
Afinal, razão quase todo mundo tem, mas e o respeito?
De onde vem?
Educação... Tudo começa com a educação!
Ouvir e esperar... E,
As palavrinhas mágicas como licença e obrigada
Nunca descartar.
Prestar atenção,
Ter tolerância e consideração.
Palavras sinônimas que, pela igualdade
não estão em disputa
Sim em luta
Por uma melhor sociedade!
E essa luta deve ser como o fogo
Contínuo e aquecedor
Porque a vida é curta
Para desistirmos diante da dor!
Que vem do
Racismo, da desigualdade, da homofobia, do machismo...
Por quê? Não tem um porquê
E nem deve ter!
Presente somente aquela dor que sentimos no peito,
Que arranha a pele e que sangra a alma...
Que nos faz tremer diante da fragilidade da lei e do direito.
Nessa hora é preciso ter colaboração...
Não se trata de julgamento,
É uma questão de empatia e humanismo
Colocar-se no lugar do outro e perceber que
O importante é ser gente!
Gente igual...



Igualdade que não pode mais faltar no mundo.
 Cada qual diferente com o seu próprio detalhe de vida
 Com sua raiz,
 Com ou sem cicatriz...
 Sem pré-conceitos
 Sem rótulos
 Sem preconceito!
 O grito não deve ser de ódio
 O grito precisa ser de amor!
 E a paz que queremos é a paz que precisamos
 Tudo está em nossas mãos!
 Basta acolher o próximo para nos sentirmos acolhidos!
 Sem pensar que alguém disso possa se aproveitar.
 A inocência é o que nos vai fazer enxergar que
 A amizade é essencial
 Para todo e qualquer mortal
 Porque, repito, a vida é curta e o tempo de fazer e de viver
 É agora!
 A bondade deve ser um pacto humano
 Gestos pequeninos como estender a mão a alguém,
 Carregar uma sacola de mercado para outrem,
 Entender e aconselhar ou apenas
 Sentar ao lado e só escutar...
 A grandeza de ajudar e reconhecer quando se é ajudado
 É a forma mais simples e grandiosa de se acolher
 De dar amor, transpassando horizontes,
 Ultrapassando regiões, países,
 Ideologias, filosofias...
 Aprendendo e ensinando o idioma do amor.
 Você, eu, eles, elas
 Nós não estamos sozinhos
 E como diz o meu amigo Emicida
 “a-m-o, erre
 Mas continue em frente”
 Não desista, amig@
 Acredite na vida
 Porque “*nóis* é gente de verdade”

Alice Valenca Zanon Gomes Duarte, 11 anos
 Arturo Yojham Velasco Butron, 12 anos
 Beatriz Barreto Lopes, 12 anos
 Beatriz Meireles Nogales, 12 anos
 Clara Barbosa Macedo, 12 anos
 Caua Pires da Mata, 14 anos
 Davi Lucca Brito Claro, 10 anos
 Davi Miguel Rodrigues Franca Vergilio, 8 anos
 Eloa Ferreira Campos, 9 anos
 Enzo Medeiros da Silva Pegorari, 9 anos
 Ester de Melo Prates, 9 anos
 Giovanna Ferreira Muniz, 12 anos
 Isabella Lopes Pinto, 13 anos
 Isabella Marques de Andrade, 15 anos
 Julia Castilho de Sousa, 12 anos
 Julia Mechi de Oliveira, 12 anos
 Livia Borges Santo, 8 anos
 Lorena Borges Santos, 11 anos
 Ludmilla Pinheiro Cagliari de Lima, 8 anos
 Manuela Ribeiro Gonsalves Euzebio, 12 anos
 Maria Eduarda Torris Galindo, 8 anos
 Marjory Gabrielly Ribeiro da Silva, 12 anos
 Melissa de Oliveira Rangel, 12 anos
 Miguel Valle Braga, 6 anos
 Nicolay de Freitas Simoes, 14 anos
 Pamela Miranda Fioque, 11 anos
 Pedro Henrique Torris Galindo, 10 anos
 Sarah Yukina Vieira Ikehara, 13 anos
 Sophia Mendes Almeida de Araujo, 8 anos
 Sophie Gonzalez Chala de Oliveira, 8 anos
 Vitoria Alves da Silva De Vasconcelos, 15 anos
 Yasmin Santos Ferreira, 15 anos
 Yasmin Oliveira Xavier, 7 anos



É preciso falar para calar o machismo!

Em pleno século 21, o machismo ainda existir é algo assustador!

Neste mundo tão metido a besta, onde todo mundo se acha melhor que todo mundo, nós deveríamos estar num século de melhorias quando se fala em igualdade, liberdade e respeito ao próximo. Com tantos avanços tecnológicos e sociais, por que isso ainda continua sendo um problema duro, que causa mortes e tanto sofrimento.

As falas estereotipadas como “mulher nasceu para ficar na cozinha...NÃO!

Se acharam, pensaram errado, não vamos nos calar, somos crias da AEL e a literatura nos traz que lugar de mulher é onde ela quiser e onde ela se sentir confortável, inclusive mudando de opinião sobre isso.

É horrível para mulher que todos os dias sai na rua em suas correrias e tem que ouvir piadinhas de homens com olhares maliciosos, que desrespeitam!

De vezes que se emudecem, passamos por tantos absurdos que ficamos com discursos entalados “até que é boa nisso, apesar de ser uma menina!”, agora me diz, que elogio é esse? NÃO existe elogio quando se diminui uma mulher.

Isso não é brincadeira!

O Brasil é um dos países com mais casos de assédio e feminicídio do mundo, por ignorância de achar que mulher não tem os mesmos direitos e vontades que os homens, e a cada ano que passa isso só piora, e a sociedade diz “mas é claro, olha a roupa que ela estava”, abonando o injustificável.

Todas as meninas/mulheres são incríveis, fortes, trabalhadoras, inteligentes e valentes.

Afinal, sem elas, nem você existiria!

Alan Marinho de Silva, 11 anos

Ana Beatriz Cabral, 13anos

Ana Luisa Ananias, 15 anos

Danielle Dib, 13 anos

Fernanda Carolina de Souza, 13 anos

Heloisa Santos Silva, 13 anos

Henrique Ananias, 11 anos

Julia Magalhaes Navarro, 14 anos

Livia Catarina S de Oliveira, 14 anos

Miguel Santos Silva, 11 anos

Nicolly Aparecida dos Santos, 11 anos

Raphaela Carriel, 14 anos

Roberta Maria, 15 anos

Thayla Xisto, 15 anos

DRE PIRITUBA/
JARAGUÁ





Igualmente diferentes

Com que direito se julga
aquele que cedo madruga?
Sangra como você, enxerga como você!
Mesmo assim tem preconceito a oferecer?
Por um outro detalhe
fazem escarne.
Gosto, aparência, crença e cor,
de repente geram tanto rancor!
Somos todos nós muito bonitos,
de complexidade beirando o infinito,
mas disseminando preconceito explícito
chamando um ao outro de esquisito!
Melanina, dinheiro, fé, sexualidade:
motivos para propagar a maldade.
Todos nós somos diferentes,
iguais, mas não em nossas mentes.
Imagine que chato um povo igual!
Tudo parecido: gosto, personalidade e visual?
A diversidade deixa as coisas interessantes

e mundos exóticos, diferentes, todos vibrantes!
Culturas lindíssimas por todo o planeta,
irradiantes e com toda sua beleza!
No nosso Brasil, do sul ao norte,
somos nós um povo forte.
Tão imenso esse nosso país
cheio de gente feliz!
A cultura vai se misturando
e levando todo pranto.
E não é só aqui não,
tem muito mais nesse mundo.
Asiáticos, africanos, americanos,
muito povo por todo esse canto,
trazendo com sua cultura um encanto.
Todo mundo tem um eflúvio, um jeito
que pode ser diferente, mas nunca feio!

Anna Beatriz Lopes de Souza, 11 anos
Ester Regina Viana do Nascimento Leite, 15 anos
Fernando da Silva Viana, 12 anos
Giovanna Evangelista da Silva Santos, 11 anos
Guilherme Artmundo da Silva, 14 anos
Ingrid Santos dos Reis, 15 anos
João Pedro Bomfim Lourenço da Silva, 14 anos

Maria Eduarda de Oliveira Ferreira, 14 anos
Maria Eduarda Jatobá Dutra, 14 anos
Melissa de Azevedo Silva, 15 anos
Miguel Bastos Leme, 11 anos
Rayssa Vitória Ferreira de Andrade, 11 anos
Rubens Miguel Pereira Santana, 11 anos
Sophia Costa Gaspar, 14 anos



Sociedade mascarada

Estou farta de toda essa hipocrisia.
Pregar harmonia com tanta falta de empatia.
Há anos que ouço que devemos mudar, então diga-me quando isso vai começar.
Quando as leis vão começar a funcionar e o discurso de ódio não iremos mais tolerar?
É que o mundo é tão banal,
É superficial.
Vivemos de máscaras, nunca com nossa própria cara.
Tentamos melhorar, mas parece que com o passar do tempo só voltamos ao passado.
Onde o negro era escravo,
O gay trancado no armário,
O judeu fugindo do Holocausto,
E a mulher sofrendo maus tratos.
E gostaria de dizer que isso já deixou de acontecer, mas todos os dias o preconceito tira o direito de alguém viver.
Então sério, quando vamos começar?
Fazer ao em vez de falar?
Porque do jeito que está, as futuras gerações estarão perdidas.
E tudo por culpa dessa falta de medidas.
Queremos um mundo melhor, mas ainda temos o pensamento da minoria exterminar.
Então diga,
Mundo melhor pra quem?
Com esse preconceito encubado, que não deixa sua mente se libertar?
Faça o que tem que fazer,
Comecem a tirar as máscaras.

Anna Vitória Santos Santana, 13 anos
David Medeiros Lima, 13 anos
Eduarda Barbosa de Souza, 13 anos
Evellyn Salita Moura Costa, 13 anos
Gabriel Henrique Coutinho Alexandre, 13 anos

Heloisa Cantanhede Silva, 13 anos
Jéssica Souza Cerqueira, 14 anos
Julia Vitória dos Santos, 13 anos
Kauê Ferreira da Silva, 12 anos
Paulo Henrique Bomfim de Oliveira, 13 anos



Caminhoneiro

Sempre penso em realizar meu sonho.

Como não ser criticado pelas pessoas? Como não ser discriminado?

Algumas pessoas acham que a profissão que gosto não serve pra nada, porém sem ela o Brasil não vai pra frente.

Nessa profissão se trabalha a noite inteira para que, de dia, as pessoas tenham comida em suas mesas.

Por outro lado, têm aqueles que respeitam essa profissão e sabem da responsabilidade de dirigir, assim como eu, que os admiro muito e gosto de pilotar.

Serei um deles, serei um caminhoneiro.

Sei que é uma profissão solitária, perigosa e cansativa, mas existem pessoas que são anjos e que na estrada oferecem aos caminhoneiros um café quentinho.

Considero as pessoas que trabalham como motorista de caminhão verdadeiros artistas da estrada. Profissão tão importante como tantas outras.

Claro que existem pessoas que pensam que essa profissão é fácil, que fica sentado o dia inteiro. Um porteiro também fica sentado, mas observem a responsabilidade dele em proteger o prédio, o condomínio.

O meu mais puro e sincero respeito a todos os trabalhadores de todas as profissões



Igualdade, respeito e diferenças

Em um mundo repleto de diversidade, onde as cores se mesclam em nuances, é na igualdade que encontramos a força, o respeito e a base de uma aliança.

Cada ser é um universo único, com sonhos, lutas e esperanças a vibrar, nas diferenças encontramos a beleza que não se pode mensurar.

Somos como pedras preciosas lapidadas, cada faceta brilha com seu esplendor e é na diversidade, que se encontra nas estrelas, que nos leva a um mundo de amor e valor.

Não importa a raça, religião ou gênero, todos merecemos respeito e igualdade.

Num abraço acolhedor nos reconhecemos e quebramos as correntes da desigualdade.



Por quê?

Por que um preto no topo
Ofende todo um povo?
Por que eles querem manter esse monopólio
Sem nenhum pobre, preto, mulher no seu empório?
Por que a gente nasce no mesmo lugar
E parte sem nem um passo dar?
O que fizemos para vocês fazerem isso conosco?
Por que para a gente vocês fizeram tanto que nem é mais tosco
É ruim, é nojento, é péssimo, é horrível, é asqueroso
O que fizeram com a gente é horroroso
Mas o que fazem hoje em dia chega até a ser equiparado
Pensa você em um estádio na Europa sendo chamado de macaco
Pensa você ser perseguido só pela sua orientação sexual
O que fizemos para vocês, afinal?
Pensa você não ter o movimento das pernas
Isso não te impede de com a mente andar por aí com elas
Mas quem te impede é um cara de terno e gravata
Que te segura sem nada
São os ricos milionários que ditam onde você deve estar
Que não deixam você sair do lugar
Estas estatísticas não podem ser mudadas
Com elas, sozinhos não podemos fazer nada
Mas se nós nos unirmos e fizermos barulho
Eles não poderão se fingir de surdos.



A liberdade é um direito inalienável

A homofobia é um câncer na humanidade,
Que corrói a alma e a dignidade,
De quem apenas ama diferente,
E sofre com a falta de empatia e respeito da gente

É uma tristeza ver tanta intolerância,
Tanta violência em nome da ignorância,
Pessoas sendo julgadas e discriminadas,
Por serem aquilo que seus corações desejam.

Mas a luta não é em vão,
Pois a esperança é uma semente plantada no chão,
E com amor e muita persistência,
Vamos vencer a homofobia e a sua violência,
Vamos acabar com isso, todos juntos.

Quebrar estereótipos é sempre necessário,
Para que a luz do amor brilhe no seu cenário,
E a igualdade, enfim, possa ser alcançada,
Para que a homofobia seja derrotada.

A luta é longa, mas não impossível,
A liberdade é um direito inalienável e incrível
O amor não deve ser barrado, porque é tão natural quanto o ar que respiramos.

Por isso, erguemos nossas vozes em favor do respeito,
Da igualdade, da justiça.
O amor perfeito.
Na luta contra a homofobia e sua visão limitada,
Porque todos merecem ser amados, celebrados e respeitados,

A heroína de Prejudice

Era uma segunda-feira. Uma garota estava indo para o seu trabalho quando recebeu uma notificação em seu celular que dizia: “Parabéns, Violet Dabos! Você ganhou uma promoção: se você sobreviver a um dos jogos que criou, ganhará uma viagem de férias com tudo pago!”

Violet ficou empolgada com a notícia. Pegou seu carro e foi para o trabalho. Chegando lá, seu chefe a chamou para falar sobre a proposta. Ela, empolgada, o seguiu.

— Violet, parabéns pelo prêmio! Você já tem um jogo em mente? Ou prefere que eu escolha? – perguntou-lhe o chefe.

— Eu pensei no jogo chamado “Genshin Impact”, o que você acha?

— Eu acho uma boa ideia, até porque é um dos seus melhores jogos.

Violet saiu da sala e se dirigiu para onde estavam os seus óculos de realidade virtual. Já conectado. Logo percebeu que não era “Genshin Impact”, mas sim “A heroína de Prejudice”, porém já era tarde, não poderia mudar!

Violet, já dentro do jogo, encontrou uma fada chamada Charlotte, que lhe explicou como o jogo funcionava. Descobriu que teria que resgatar um príncipe de uma masmorra protegida por um troll, mas que, para conseguir resgatá-lo, teria que passar por vários obstáculos, conseguindo armamentos e alimentos. Depois de passar-lhe as informações, a fadinha desapareceu em um passe de mágica.

Ela é teletransportada para seu primeiro obstáculo, onde terá de impedir uma pessoa de ser queimada pelos aldeões e adivinhar o motivo em menos de 3 dias. No seu primeiro dia, ela encontrou uma criança chorando, perguntou-lhe o motivo, e a criança respondeu:

— Os aldeões estão agindo estranhamente perto da minha irmã.

Violet achou estranho, mas parecia que algo sério estaria acontecendo. Depois de consolar a criança, foi para a aldeia querendo descobrir qual seria o desafio a resolver.

Encontrou uma pousada para descansar e passar a noite. Chegando lá, começou a ouvir alguns boatos:

— Você ouviu falar?? Descobriram que tem uma pessoa que gosta de outra pessoa do mesmo gênero

— Sério?? O que vão fazer com ela?

— Ouvi dizer que vão queimá-la!

Ao ouvir essa conversa, foi para o quarto e começou a pensar sobre o enigma que teria que resolver. Dormiu com a cabeça cheia de pensamentos.

Violet foi em busca de informações por três dias. Descobriu que os aldeões queriam queimar uma mulher por ela gostar de outras mulheres: a chamaram de bruxa e, quando foram para queimá-la, Violet conseguiu impedir a mulher de ser morta, vencendo o desafio.

De repente, foi teletransportada para o próximo desafio. Se encontrava em uma floresta, totalmente perdida, caminhando a procura de uma saída, até encontrar uma outra mulher escondida atrás de uma árvore e lhe perguntou:

— Por que você está escondida??

— Estou tentando me proteger da minha família!

— O que eles fizeram para você fugir deles desse jeito?!?



- Eu sou adotada e minha família não gosta muito da minha cor!
- Que besteira! Você é linda do jeito que é!
- É a primeira vez que eu escuto alguém me chamando de linda, mesmo com a minha cor!

Depois de um tempo consolando-a, convenceu-a de que, independentemente de sua cor, era bonita do seu jeito, conseguindo, assim, completar o desafio que era justamente convencer alguém de que todos têm a sua beleza, independentemente de como seja. Logo, partiu para o último e mais difícil desafio.

Ela chegou em uma pequena aldeia, com uma igreja bem no meio e logo identificou qual desafio teria que enfrentar. Começou a andar pela aldeia em busca de informações e notou que os aldeões eram bastante preconceituosos com outras religiões.

Descobrindo o que tinha que fazer, começou a se preparar e, três dias depois, conseguiu ir até os "líderes religiosos" da aldeia e convencê-los de que toda religião tem de ser respeitada.

Depois de completar os três desafios, conseguir os alimentos e os armamentos suficientes para resgatar o príncipe e lutar contra o troll, que eram os principais objetivos do jogo, a garota começou a se preparar para chegar até ao Castelo.

Chegando ao castelo, ela sentiu uma brisa fria passar pelo seu corpo, pressentindo o perigo que estava se aproximando. Ao entrar, logo viu o troll sentado em um trono como se estivesse esperando por ela.

Violet enfrentou-o bravamente e, depois de muita luta, conseguiu vencê-lo, e foi para as masmorras em busca do príncipe. Chegando nelas, viu muitos esqueletos ao redor e, em uma cela, estava o príncipe desmaiado e todo machucado. Conseguiu resgatá-lo e levá-lo para o médico mais próximo.

Ela ficou ao lado dele o tempo todo esperando-o acordar, e explicou-lhe tudo que aconteceu. O príncipe ficou encantado com a sua bravura, por ter enfrentado o troll, e deu a ela o título de "heroína".

Após completar o objetivo do jogo, ela foi até o príncipe e perguntou-lhe:

- Príncipe, você sabe como sair do jogo?? Afinal não posso ficar aqui para sempre!
- Tem um jeito sim, só espero que você não fique irritada!

Terminando de falar, inclinou-se e deu um beijo no rosto dela, e, no mesmo instante, o jogo terminou!

Tirou os óculos de Realidade Virtual, ainda surpresa com o beijo do príncipe. Com um pequeno riso nos lábios, seguiu para a sala do chefe.

- Terminei o jogo, posso ir para casa?
- Claro Violet! Vá descansar.

Acenando com a cabeça, ela saiu. Estava exausta! Esgotada emocionalmente, pois ficou muito tempo dentro daquele jogo.

Pegou seu carro e, voltando para casa, recebeu uma nova notificação: “Parabéns, Heroína de Prejudice! Quer ganhar mais um beijo!?!”



Uma diferença perceptível

Olho pela terceira vez no espelho e pergunto a mim mesmo
O porquê de tanto ódio em uma pessoa comum?

Lembro-me de todas as vezes em que meus professores
Fizeram palestras sobre as diferenças,
E como tais deveriam ser respeitadas.
Por um momento, acreditei que seria aceita,
Mas por que sou tão marginalizada, diferenciada e
Digna de sofrimento ao olhar dos que me julgam?
O problema está em mim?

O que atrai tantos olhares e risos?
Eu simplesmente não entendo.
Então, por quê?
Por que toda essa importância a algo minúsculo?
Pergunto novamente a esse espelho,
Que reflete o que já sinto.
Vergonha e angústia de olhar eu mesmo!

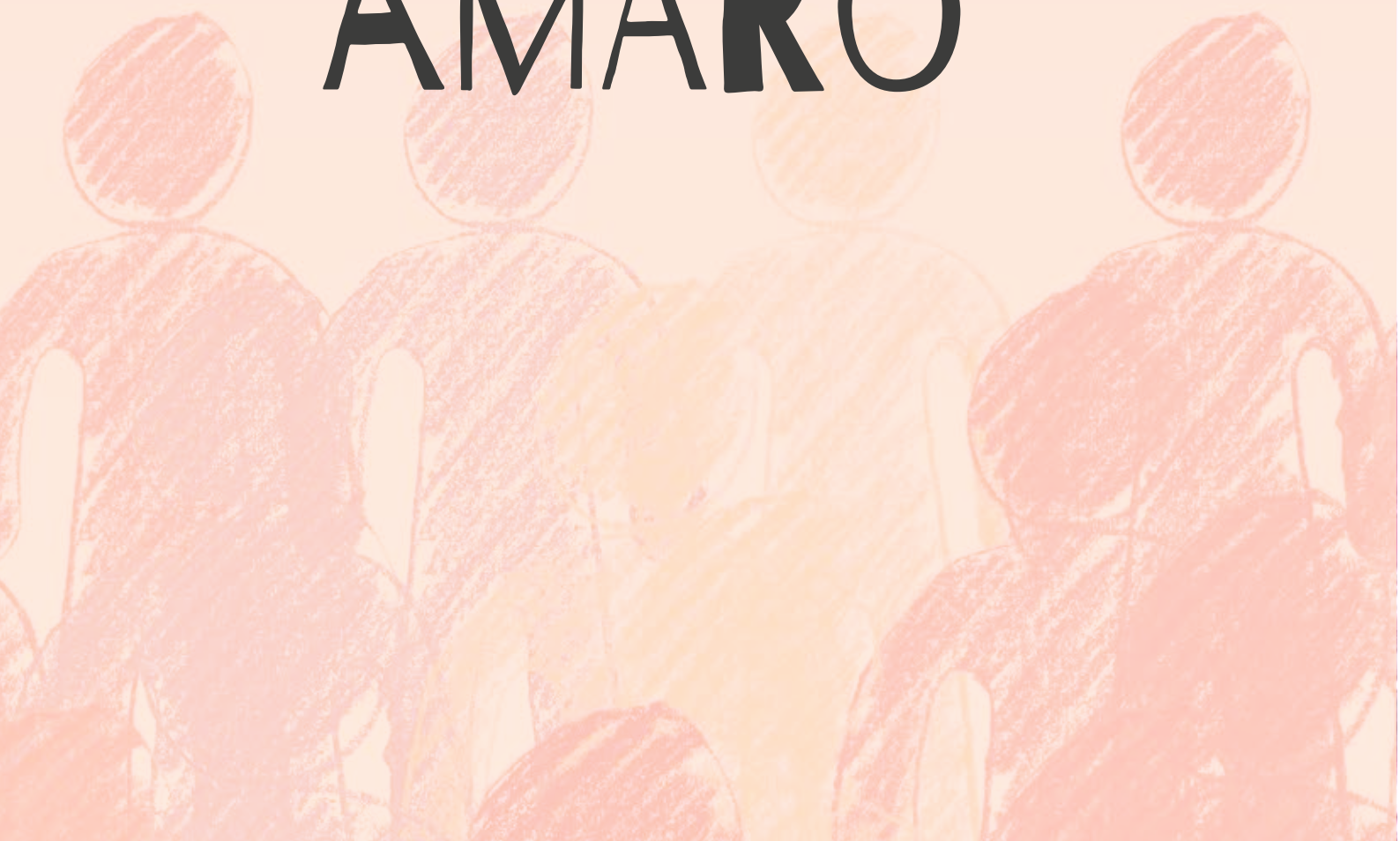
De volta à correria
Analisando a simpatia,
Daqueles que passam alienados
E constantemente sendo julgados,
Pelo próximo também esvaziado!

“Bom dia”
“Bom dia”
“Bom dia”
Tantos “bom dias” diferentes,
Que até parecem concorrentes.
Cada um tentando chamar mais atenção
Pra manter a aceitação!

Nem todos sabem o que tem por trás,
Do bom dia monótono e sagaz.
Pessoas, vidas, histórias, tanto faz.
Cada um tem seu jeito perspicaz,
De existir num mundo de marginais!

Sou brasileiro, estrangeiro, LGBTQIA+, branco, preto.
Sou gordo, magro, baixo, alto.
Sou homem ou mulher,
Nenhum?
Afinal, posso ser o que quiser.

DRE **SANTO**
AMARO





PRO-CURA

Ainda procuro o jeito do meu cabelo,
A cor da minha pele, dos meus olhos,
Ainda procuro minha história.
Será que todo mundo é assim?
Será que todo mundo duvida de si?
Será que tem gente diferente de mim?
Será que tudo se apagou?
Será que o vento levou a ideia de respeito?
Será que ainda tem jeito?
Será que igualdade é um direito?
Será que o desrespeito tem cura?
O que você procura?
A cura?
Depende de você, depende de mim, depende de nós!
Não ficarmos sós e desatarmos os nós
Da nossa ignorância, da nossa hipocrisia.
Que possam escutar o clamor em nossa voz,
Nosso pedido de paz, nosso pedido de respeito
A todos os direitos.



Respeito

Se me desrespeitam,
Por que eu devo respeitar?
Porque precisamos que vejam,
Somos melhores do que
Os que nos ofendem!

Já parou pra pensar,
Se não conhecemos o livro,
Não podemos opinar!
É preciso mudar com urgência,
Com palavras e ações de excelência

A tristeza de saber que existe
Desigualdade no mundo ainda insiste.
Mas ela só não basta!
Porque o medo impede nossa coragem,
E a insegurança se alastra!

Mas nada disso nos impede de lutar,
A confiança em nós mesmos
Precisamos buscar,
Então para e pensa,
O respeito é a recompensa!



Pele preta

Não importa a cor da pele,
A verdade nua e crua se revela,
Mas nunca vi um branco na cela,
Por simplesmente caminhar na rua.

A justiça cega, na verdade é paga,
Para não enxergar a realidade amarga,
Prende o pobre, o favelado, a alma desamparada.

O racismo não é fantasia,
É uma dura realidade, precisamos encarar,
Imagina se todos pudessem caminhar,
Sem medo, sem opressão, sem agonia.

Nossas vozes se unem, um grito de mudança,
No coração da luta, encontramos esperança,
Quebraremos os grilhões da discriminação,
Construiremos um mundo de justa inclusão.

Que a poesia seja nossa arma,
Contra o preconceito, uma poderosa chama,
E que cada verso seja um passo à frente,
Na busca por um futuro mais justo e consciente.



Ser diferente

O mundo parece um arco-íris,
cheio de cor e diversidade.
Com vários tipos de pessoas diferentes,
com seus corpos diversos, etnias, modos de pensar, gostos, religiões, com diferentes necessidades,
físicas ou intelectuais.
Porém o ego de algumas pessoas pode cegá-las,
assim se colocando acima dos outros.
Apontam as diferenças com tanta indignação
que não enxergam que são tão diferentes quanto.
Olhar-se no espelho e se ver
acima do peso, fora da forma, mais claro ou mais escuro que o padrão
receber apelidos e xingamentos maldosos
porque se tem essa ou aquela inabilidade,
ser o tempo todo comparado com um padrão inalcançável
não só de beleza, mas de inteligência, de mérito, de condições financeiras.
Somos diferentes,
algumas diferenças são naturais
outras são fabricadas.
Precisamos refletir sobre quais são essas
E ver o mundo e suas diferenças como um arco-íris:
natural.

Anna Julia Alves Braga, 11 anos
Bryan Ferreira Cavalcante, 12 anos
Elisabeth Vitoria da Cunha Santos, 13 anos
Isabella Dantas Batista, 12 anos
Julia Vitoria Pereira da Silva, 12 anos
Laura Silveira Farias, 12 anos

Maria Eduarda dos Santos, 12 anos
Mykaella Nunes Nobre Silveira, 12 anos
Sonia Maria de Abreu, 12 anos
Wendel Cristian de Lima Barbosa, 14 anos
William Ribeiro Maciel dos Santos, 12 anos



Em memória de Hugo

12 de novembro de 2018. Essa data é a que mais odeio. Foi no dia que ele partiu, que se foi e levou sua liberdade junto. Morreu no tiro, na bala perdida. Por onde tu andas, menino? Meu garoto dos cabelos encaracolados, por onde você anda? Cadê você? Não aceito isso! Quero que tu voltes, quero que fique comigo! Que me ajude, cadê você, Hugo? Sua família está chorando por você, estão todos se lamentando, alguns até questionando sua ausência, não conseguiu nem se despedir de nós. Por que fizeram essa maldade com você? Te levaram de uma forma bruta, injusta! Isso tudo porque não era igual aos outros? Eu quero justiça, Hugo, quero que seja lembrado e que, principalmente, não seja mais injustiçado.

Conheci Hugo na escola quando estava no pátio, ele se aproximou de mim e era um garoto alto, magro, com cabelos encaracolados. Nós começamos a conversar, ele me disse que sabia sobre mim, minha religião. Ele também fazia parte de uma religião mal vista pelo público. Por conta disso, percebemos que tínhamos muitas coisas em comum. Então algumas pessoas maldosas nos apelidaram de "dupla dinâmica", a judia e o umbandista. Hugo não parecia ligar para esses apelidos, eu ficava muito incomodada, mas ficava na minha, não defendia. Hugo já se expressava, falava e falava, nunca ficava calado e isso provocava muitas brigas, e a cada dia que passava, mais o preconceito aumentava, mais magoado Hugo ficava, e isso me quebrava por dentro. Mas o que eu poderia fazer? Se eu me metesse no meio e eles me machucassem, Hugo ficaria mais irado e eu apenas mais machucada.

Agora ele se foi, se foi para sempre, mas ele deixou sua marca, suas memórias, suas falas. E o que nunca irei esquecer é seu grito de guerra. "Independentemente da cor, sexualidade, religião e etnia nós merecemos respeito, igualdade e felicidade" e, por isso, nunca mais vou ficar calada e vou lutar até deixar o legado de Hugo.



É preciso deixar claro!

O machismo está ocorrendo
E todo mundo sai perdendo
As mulheres estão morrendo
E o poder dos homens prevalecendo

As mulheres têm seus direitos
E merecem o seu respeito

Pela lei é fácil falar
Mas parece que é difícil praticar
Está na hora de parar e olhar
Para tudo isso não piorar
E no final não ter como ajudar

Estamos falando isso para o mundo melhorar
Fazer a sociedade repensar
O que o abuso pode causar
Pois o machismo pode matar
Essa estrutura devemos eliminar

Chega do corpo da mulher objetificar
Para o homem agradar
Chega de assédio
Chega de músicas para nos rebaixar
Chega de trabalho duro
Para um salário curto
Chega de determinar os nossos lugares
Nada de limpar, passar e cozinhar
A gente veio revolucionar!

Caroline Samira O. de Sa Nascimento, 13 anos
Daniele Papa Silveira Rocha, 13 anos
Gabriel Bedini Vieira, 14 anos
Giovanna Braga de Natale, 13 anos
Gustavo Oliveira Vicente, 11 anos
Isabelly Cezario Maciel, 15 anos
Italo Roberto da Silva Freitas, 14 anos

Julia Medeiros Manenti, 14 anos
Julia Pereira, 13 anos
Marina do Vale Alves de Sousa, 10 anos
Paulo Henrique Santos Rua, 13 anos
Rhayra da Silva Roberto, 13 anos
Thaina Braga Silva, 13 anos

DRE SÃO MATEUS





○ nosso mundo

Em uma época em que as pessoas vivem dentro de seus próprios mundos, há um grupo de pessoas diferentes com apenas uma coisa em comum: todos sofrem preconceito, e isso acontece todos os dias (ou pelo menos por enquanto).

BOB, um garoto de estatura baixa e gordinho, extrovertido a ponto de ser até um pouco irritante. Na sua inocência, e na tentativa de fazer amigos e ser querido, ele acaba acreditando que “são só brincadeiras” quando zoam com ele sobre seu corpo.

BIA, uma adolescente negra, muito alta e magra para sua idade. Com olheiras profundas que demonstram o cansaço de seus pensamentos incessantes. Ela quase não fala, e tem poucos amigos, ser introvertida não ajuda muito. Todas as suas ações são medidas pelo medo do julgamento dos outros. Devido a sua insegurança, ela estuda muito, mas não consegue ter notas boas.

TSUYU, uma imigrante coreana, apaixonada por “Doramas”, que gosta de manter as tradições aprendidas com sua “halmeone” – avó. Falar português é seu grande problema.

KAUAN, um garoto bissexual assumido, fanático pela cultura asiática, que participa de todos os projetos escolares. É muito inteligente e se expressa bem.

ÍTALO, um garoto branco, alto, possessivo, mandão, tóxico, manipulador, mas que ao mesmo tempo pode ser carismático. É extremamente dedicado aos estudos, sua única forma de ter alguma atenção de seus pais divorciados. Mesmo sendo preconceituoso, tem uma paixão secreta por Bia.

LIZ, uma garota loira, apaixonada por Ítalo, e capaz de tudo para ter sua atenção. Não é uma pessoa má, mas em sua ingenuidade comete atos maldosos, principalmente por causa do Ítalo.

Mesmo estudando em salas diferentes, eles sempre se encontram no intervalo. Este é o momento em que, ao se unirem, se tornam mais fortes e conseguem se ajudar em seus problemas.

Até que uma gincana promovida pela escola os obriga a se organizarem, se ajudarem e competirem.

Bob, Tsuyu e Liz estão no grupo A, enquanto Bia, Kauan e Ítalo no grupo B. Ironia do destino, pois Kauan tem uma queda por Ítalo, e este apesar de todo seu preconceito não consegue admitir que está apaixonado por Bia. Já Liz, que quer a todo custo conquistar Ítalo, se faz de malvada praticando *bullying* com o grupo.

A primeira fase da gincana é sobre história geral, o que promove uma oportunidade para os alunos demonstrarem seus conhecimentos. O grupo A sai na frente, principalmente quando os assuntos Segunda Guerra mundial e Holocausto surgem. O grupo demonstra não apenas conhecimento histórico, mas também bom senso e empatia.

Durante a atividade, Liz expressa comentários preconceituosos e xenofóbicos, replicando o *bullying* normalmente praticado por Ítalo. Ele, ao ver isso acontecendo, se incomoda que tomem seu lugar, e chama a atenção dela, que rebate que ele faz as mesmas coisas, só que pior. Essa discussão o faz repensar suas atitudes e sentir a necessidade de uma mudança, pois suas atitudes erradas podem afastá-lo da sua amada.

A segunda fase exige conhecimentos matemáticos. Esta é a especialidade de Ítalo. Seu grupo acerta todas as questões e empata com o grupo A. Bia, ao ver o bom comportamento do Ítalo durante a atividade, para com ela e com o grupo, desconfia que ele esteja tramando algo muito pior para todos os alunos que ele sempre persegue.

A terceira e última fase explora conhecimentos filosóficos, isso aflora as inseguranças de Bia e de seus colegas, que se lembram de Maquiavel e que o ser humano sempre pode se destruir. Como nos dois grupos temos pessoas que sofrem com o preconceito, as respostas são parecidas e a atividade termina em empate.

Por causa da competição, o grupo de amigos se torna rival, e o empate perturba a todos eles. Ítalo, ao ver o que aconteceu, se sente culpado, e com a intenção de ficar bem com a Bia, tenta reunir o grupo novamente. Ele escreve bilhetes, como se fosse um do grupo, marcando um encontro com todos os integrantes. Ao chegarem ao local, entendem que foi o Ítalo quem os chamou, e ao ver o esforço dele em reunir o grupo, procuram conversar e chegam à conclusão que não há motivo para tanta rivalidade por apenas um jogo.

Ítalo passa a ser um membro do grupo, e suas atitudes também mudam. Ao invés de alguém que pratica o *bullying*, ele passa a ser alguém que o combate. O final não é feliz. Mas quem disse que esse é o final?



Tarde demais

Em uma escola bem longe daqui, estudava uma doce criança, que amava se socializar, seu nome era Lana, uma garotinha alegre e elétrica que gostava muito de estar rodeada por amigos presentes em sua longa jornada escolar.

Lana sempre tinha uma característica no intervalo de sua escola, caminhar feito turista com alguns de seus amigos até a hora de finalizar e voltarem para suas respectivas salas. Certo dia, enquanto Lana fazia sua caminhada diária, depa-rou-se com um garoto que se localizava na junção entre uma parede e outra, era um local frio escuro e solitário, esse garoto aparentava estar cabisbaixo e quieto... Parecia querer evitar troca de olhares a todo custo. Passando perto dele, Lana percebeu que esse mesmo garoto era autista e tinha Síndrome de Down. Entusiasmada, Lana disse pra si mesma que amanhã iria se aproximar dele, pois nunca tivera um amigo autista e acharia um máximo tê-lo no seu grupo de amigos.

O dia seguinte chegou, mas Lana e seus amigos tiveram um pequeno imprevisto na escola, o "pudim na quarta-feira", o tempo que usavam para caminhar foi substituído especialmente para o pudim. Quando Lana foi em busca daquele menino, o sinal tocou quase de imediato, a decepção logo veio e Lana pensou que não tinha problema, amanhã sim, ela falaria com esse menino.

No entanto, Lana acabou pegando um resfriado forte, sua mãe preocupada a levou imediatamente ao médico que lhe deu um atestado de três dias, o que fez com que Lana não comparecesse à escola durante esse período.

Quando retornou, Lana deixou sua caminhada de sempre e foi direto ao local onde aquele menino costumava ficar, porém não o encontrou. Que pena! Lana queria tanto conversar com ele. Esperou a hora do intervalo acabar, mas ele não apareceu.

E assim foi se repetindo, Lana o esperava, porém o menino parecia ter sumido entre as paredes. Isso se repetiu por vários dias, semanas, Lana no local à procura dele, mas ele nunca mais apareceu. Diante dessa situação, Lana ficou preocupada, indignada e se viu na obrigação de descobrir o que acontecera ao menino. Então, Lana perguntou a sua professora, e a resposta não foi a que ela esperava, secamente a professora respondeu:

— Ele se suicidou, Lana.

— Mas... Como? Por quê?

— O nome desse garoto era Enzo - respondeu a professora em um tom melancólico: — Ele era uma criança autista com dificuldade de se enturmar. Enzo já havia sido transferido de diversas escolas, e nós, professores, sempre tentávamos fazer com que ele se socializasse com os outros alunos, mas nunca dava certo... Enzo acreditava que as amizades verdadeiras não se faziam na obrigação e que, algum dia, alguém iria falar com ele por conta própria, mas esse alguém nunca chegou e Enzo não suportou.

Lana estava pálida, seu coração começou a acelerar e sua expressão parecia vazia. Uma única coisa pairava em sua mente: era tarde demais, tarde demais para falar com ele, tarde demais para poderem ter uma curta conversa, tarde demais! Lana poderia salvá-lo, eles poderiam ser amigos! Um simples oi, um sorriso poderia ter mudado essa situação. Enzo poderia ter sobrevivido, mas era tarde demais!



Diversidade

Existem pessoas de todos os tipos,
Negro, pardo, amarelo ou branco,
Somos todos seres humanos!
A sociedade tenta impor um padrão de beleza no mundo,
Como se todos tivéssemos que ser iguais,
Cada um tem a sua beleza natural!
Já está na hora dessa sociedade tão preconceituosa acordar,
E daí que somos diferentes?
Cada um é único em sua beleza!
Vivemos em uma sociedade arrogante e preconceituosa
Em que a cor da pele e a quem se ama é o que importa
Quando na realidade deveria importar
Quem passa fome ou não tem onde morar
Existem pessoas que lutam para essa realidade mudar,
E você, em qual lado quer estar?



Milhares de pessoas vivem em nosso planeta e cada ser é único, com diversas características físicas e emocionais. Falamos línguas diferentes, temos cores e olhos diferentes, cabelos, pele diferentes, jeitos e modos de pensar diferentes, gêneros diferentes, orientação sexual diferente, culturas diferentes, os ambientes são diferentes e até o clima é diferente. Não podemos esquecer das religiões, cada uma é diferente da outra, mas a grande maioria prega o amor como algo fundamental para o mundo.

A palavra diversidade tem oito letras, apesar de ter algumas letras iguais, os sons e a diagramação são diferentes.

Em nossa família, somos todos diferentes, mesmo quando nascemos da mesma gestação, na mesma placenta ainda sim, somos diferentes, o timbre da nossa voz é diferente, isso não faz mal para ninguém! Por que então existem pessoas que se incomodam com o diferente? Mas parando para pensar; quem é o diferente? O que é o diferente?

O interessante é viver com a diversidade de pensamentos, de cores, como o arco-íris, porque se todo mundo fosse igual, o mundo não teria graça nenhuma. Precisamos lutar como acadêmicos da AEL por um mundo igualitário, onde as pessoas possam dialogar umas com as outras e com as diferentes vertentes, pois nosso lema é: RESPEITAR AS DIFERENÇAS PARA PODERMOS TER UMA SOCIEDADE DIGNA E JUSTA!!! Não devemos esquecer que somos todos seres humanos.

Abigaela Shamma, 15 anos
 Alice Marie Cassimiro de Amorim, 9 anos
 Ana Clara Teixeira da Silva Maciel, 9 anos
 Ana Isabela de Lima, 12 anos
 Ana Julia Oliveira Miranda, 11 anos
 Anderson Rodrigues da Silva Filho, 9 anos
 Gabrielly Vitória de Oliveira Almeida, 13 anos
 Hevelly da Silva, 14 anos
 Ingrid Mercês dos Santos, 11 anos
 Jhonatan Diniz da Silva, 11 anos
 Joana Bonilha, 10 anos
 Kemilly Bianca Cassimiro de Amorim, 13 anos

Laura Beatriz Souza Campos, 9 anos
 Leonardo Daniel da Silva Sousa, 9 anos
 Lorena Nunes, 10 anos
 Lovencia Dieudonne, 11 anos
 Lucas Barros, 11 anos
 Maria Vitória Oliveira Da Silva, 11 anos
 Matheus Barros, 11 anos
 Micaella Brandão Almeida, 13 anos
 Riquelme de Sousa Cotias, 13 anos
 Sara Souza de Jesus Silva, 15 anos
 Sophia Bonilha, 6 anos
 Yuri Vinicius Goncalves, 10 anos



Igualdade de direitos?

Já ouvi gente dizendo que lutar por direitos é bobagem, pois esses direitos já existem. Se eles realmente existem, por que não são respeitados?

Por que uma mulher ganha menos que um homem, mesmo desempenhando a mesma função?

Por que duas pessoas de mesmo gênero não podem se amar e constituir família, enquanto as de gênero oposto podem?

Por que uma pessoa negra é tão desrespeitada, se a única diferença é a quantidade de melanina na pele?

Por que apenas um tipo de deus é aceito na sociedade, sendo que nem todos seguem esse mesmo deus? E por que aqueles que acreditam em outras divindades são considerados pessoas malignas?

A única coisa que a gente deveria ter de igual são os direitos. Mas nem isso nós temos.

Muitos pais dizem que amam seus filhos, que eles são as melhores coisas que lhes aconteceram na vida. Mas quando os filhos assumem sua sexualidade ou gênero, por conta de não gostar e não respeitar, os pais os mandam embora. Hipócritas. Se eles realmente os amam, por que mandar embora?

Na minha sala, “gay” virou sinônimo de ofensa, mas para mim é só uma pessoa que quer amar e ser amada.

Minha mãe sempre me dizia que antes de fazer algo, deveria me colocar no lugar do outro, pensar no outro e ter empatia sobre a situação.

Mas por que o outro não pode fazer o mesmo e deixar de me julgar ou me maltratar? Por que ele não pode fazer o mesmo por mim?

Infelizmente não conseguimos responder a todas essas perguntas neste exato momento. Mas nós estamos lutando para garantir que todos tenham o direito de ser o que são e serem respeitados por isso.

DRE SÃO MIGUEL





As aparências enganam

Em uma tarde de sábado, Raissa, uma jovem empresária negra, proprietária da Rede de Lojas DIVAS, precisou viajar a trabalho. Foi então que ela ligou para seu gerente Diego.

— Diego, estou em uma viagem de negócios e preciso que você assuma tudo por mim.

— Sim, senhora, mas... Dona Raissa, estamos precisando de mais funcionários. O que você acha de contratarmos mais uma vendedora?

— Faça isso, Diego! Publique um anúncio e selecione os melhores currículos, que eu mesma vou analisar um a um.

Diego então anunciou nos sites de empregos que havia vaga para trabalhar nas Lojas DIVAS, uma das mais importantes de toda a região. Foi então que Verônica, uma jovem que acabara de chegar à cidade, viu o anúncio e enviou um e-mail com o seu currículo, afinal era uma loja luxuosa e ela adoraria ser reconhecida por trabalhar nessa rede de lojas.

O gerente, após ler vários currículos, interessou-se pelo de Verônica e resolveu chamá-la para a entrevista com a proprietária. Todavia, no dia e hora marcados, aconteceu um imprevisto e Raissa pediu para Diego fazer a escolha da nova funcionária, a qual foi contratada.

Após algumas semanas, Raissa voltou de viagem e foi até a loja para conhecer a nova vendedora. Como de costume, ela gostava de verificar como seus funcionários se relacionavam com seus clientes. Ao entrar na loja, começou a olhar as roupas nas araras e chamou a nova vendedora que fingiu não vê-la, continuando a arrumar as roupas. Então, Raissa pegou um vestido de uma grife bastante cara, foi até Verônica e falou:

— Com licença!

Verônica a ignorou e fingiu não escutá-la, mas a Raissa insistiu:

— Boa tarde, você teria este vestido no tamanho M?

— Tem certeza da numeração? – perguntou olhando com desprezo para o corpo de Raissa.

— Sim, este é o tamanho que eu uso. Você tem? - perguntou Raissa calmamente.

— A senhora conferiu o valor do vestido na etiqueta? - interrogou a vendedora ironicamente.

— Não, não olhei. Por quê?

— É que é um valor bem alto, não acha?

— Realmente, é um valor alto, mas você tem o tamanho que eu pedi? - perguntou Raissa olhando a etiqueta.

— Um momento, senhora, vou verificar no estoque – saiu fitando a pele negra de Raissa.

— Ok! Obrigada.

A vendedora foi verificar. Então ela pegou o vestido solicitado e outra opção bem mais barata, enquanto conversava com o gerente.

— Nossa, Diego! Olha só esta situação: está vendo aquela mulher ali? – aponta com desdém. — Tá querendo comprar este vestido! Coitada!

— Então... mas aquela mulher ali... – tentou explicar Diego.

— Sim! Aquela mesma! Não é uma sem noção?!

— Mas ela é...

— POBRE! Sim, é o que eu estava tentando fazê-la entender! Mas ela não se ligou que este vestido é caro demais para ela! – explicou a vendedora sarcasticamente.



— Espera! Eu acho melhor...

— Eu também acho! Por isso, já peguei este vestido aqui mais baratinho, que combina melhor com as posses dela!
- fala e sai andando em direção à cliente.

— Então, senhora! Não temos o tamanho de que necessita, por isso trouxe uma segunda opção, pois acredito que até combina melhor com a senhora. Tem mais a ver com seu estilo.

— Mas você verificou no estoque?

— Infelizmente, nosso estoquista está muito ocupado, atendendo outros clientes e não pôde verificar. Sinto muito
- explicou a vendedora com arrogância.

— Mas a loja está praticamente vazia...

— É que nós também atendemos on-line. - inventou a vendedora.

— Entendi... Qual é o endereço do site?

— Eu vou levá-la até o Diego, nosso gerente, talvez ele possa ajudá-la melhor - continuou Verônica tentando escapar da mentira que acabara de inventar.

Ao se aproximarem de Diego, ele a cumprimentou calorosamente.

— Bom dia, senhora! Seja bem-vinda à SUA LOJA!

— Como assim, Diego? Essa aqui é só uma cliente, acho que você está se confundindo - disse a vendedora desconcertada e meio surpresa.

— Eu tentei te avisar... desculpe, Dona Raissa, esta é nossa nova vendedora, a Verônica.

— Sim, eu já tive o desprazer de conhecê-la. Inclusive, Diego, você pode providenciar a Carteira de Trabalho dela?

— Sim, senhora!

— Desculpe, Dona Raissa, eu não sabia que a senhora era a dona da loja. - explicou sem demonstrar arrependimento verdadeiro.

— Eu vim apenas fazer um teste para conhecer a nova vendedora e vi que o seu currículo não condiz com a sua prática.

— Está aqui, senhora, a carteira de Verônica.

— Obrigada, Diego! - agradeceu Raissa, pegando a Carteira de Trabalho e assinando-a. Depois, virou-se para a vendedora e disse:

— Você está demitida, querida. E obrigada por sua colaboração.

E virando-se para o Diego, falou:

— Diego, por favor, providencie uma nova vendedora que não julgue as pessoas pela cor de sua pele e pela aparência. Alguém que saiba respeitar a todos sem distinção!

Alícia Andreia da Conceição de Jesus, 14 anos.

Bárbara Hanser Silva, 14 anos

Claricy Ribeiro Fernandes, 13 anos

Eduarda Caroline dos Santos Castello, 13 anos

Gabriel Santos de Araújo, 13 anos

Gabriella Gomes Raimundo, 13 anos

Isabelli da Silva de Jesus Santos, 13 anos

Julya Tenório Ferraz, 13 anos

Mayra Lira Rosa, 13 anos

Nathalie Oliveira Fernandes Farias, 13 anos

Pedro Henrique Alves Lucas da Silva, 13 anos

Pietro de Brito Miranda, 12 anos

Rayane Silva Martins de Freitas, 13 anos

Sophia Ramos Gomes, 14 anos

Walace Guilherme dos Santos Carvalho, 13 anos

Respeito é bom e eu pratico!

Maria é uma linda moça que trabalha em uma loja de roupas no Brás. Evilyn é uma jovem policial que trabalha no centro da cidade de São Paulo. Elas são um casal de lésbicas, que, como todo paulistano morador da Zona Leste, mais precisamente no Bairro do Itaim Paulista, precisam enfrentar as longas viagens de trem para chegar ao trabalho.

Após um dia exaustivo de trabalho, Evilyn e Maria se encontram na estação mais próxima como fazem todos os dias. Maria, muito distraída em seu celular, nem percebe a presença de sua companheira, que lhe toca levemente os ombros:

— Oi, amor, estava te esperando! - fala Maria entusiasmada.

— Oi, amor! Estava tão distraída que nem me viu chegar, não é? - diz Evilyn sorrindo. — É tão bom sair do trabalho e te encontrar!

— Sim. Eu estava respondendo alguns e-mails do trabalho. E como foi seu dia hoje?

— Foi muito corrido hoje lá na delegacia. Estou exausta!

— Sério amor? O que aconteceu?

— Eu estava dirigindo a viatura, atrás de um fugitivo que escapou da cela 7 e ...

A conversa é brevemente interrompida pelo barulho do trem que está se aproximando.

— Depois eu te conto, o trem está chegando - explicou Evilyn.

O trem chega e, num piscar de olhos, uma multidão de pessoas sai e outra entra empurrando o casal e disputando um lugar. As duas jovens não tinham nenhuma pressa para sentar e, vendo toda a agitação das pessoas, caem na gargalhada comentando sobre o acontecido.

Depois de um tempo, quando o vagão estava quase todo vazio, avistaram um lugar vago e logo foram em direção a ele.

— Sente-se, amor! — diz Evilyn.

— Senta você, amor, deve estar mais cansada — explicou Maria.

— Se você insiste... - senta-se Evilyn e Maria fica em pé defronte da namorada.

Sem demorar muito, o passageiro que estava ao lado da Evilyn levanta-se dando o lugar para a outra jovem que, sem pensar duas vezes, senta-se. Havia uma longa viagem pela frente e Evilyn e Maria começam a colocar seus papos em dia.

Após alguns minutos, o serviço de alto-falante do trem anuncia:

— “Próxima estação: Tatuapé. Desembarque pelo lado direito do trem. Ao desembarcar, cuidado com o vão entre o trem e a plataforma”.

Nesse momento, um pequeno número de pessoas entra no trem e logo se acomoda ocupando alguns espaços vazios, exceto um homem, que para de frente para o casal de namoradas encarando-as. As jovens acharam meio estranho, mas não ligaram, afinal, existe doido para tudo, não é?

Tempo vai, tempo vem e o Homem não desgarrava os olhos das duas, mas principalmente de Maria. Após um tempo passado, o homem começou a soltar beijos e piscadas para ela, que, ao perceber, comentou com sua namorada um tanto que incomodada:

— Amor, sabe esse homem que está na nossa frente?

— Sei sim, o que tem?



— Então... ele está me incomodando.

— O que ele fez?

— Ele não para de me olhar e está mandando beijos e piscadas para mim, estou ficando com medo.

Evilyn passa a repará-lo atentamente. Para a sua surpresa, ele nem disfarçou. Ela, então, abraça sua parceira, que, embora muito incomodada, tenta esquecer o acontecido. O sujeitinho, muito abusado, olha fixamente para as duas e decide falar uma tremenda de uma baboseira, em alto e bom tom:

— Tão lindas, mas pena que são um casal!

Nesse momento, o vagão inteiro olhou para os três com cara de espanto, esperando a reação das mulheres. As moças já estavam de saco cheio de tanta audácia.

— Escuta aqui, o senhor não tem direito algum de se intrometer de tal forma em nossas vidas! Acho que o senhor deveria ter mais respeito, não acha? – retruca Maria.

— E quem você acha que é para me dizer o que fazer? Acha mesmo que vou te escutar, só por ser uma mulher e ainda por cima lésbica? Poupe meu tempo! – falou o homem com intolerância.

Todos do vagão se entreolharam e, alguns, até pegaram o celular para registrar esse momento. Mas ninguém, NINGUÉM, teve a coragem de defender as jovens e colocar o homem em seu devido lugar.

Evilyn estava se coçando para tomar uma medida, que desse uma lição no sujeito, e assim que ouviu suas palavras, não pensou duas vezes e se colocou a frente de sua namorada dizendo:

— Já chega! O senhor desce na próxima estação! – diz tocando no braço do rapaz. — Me acompanhe, por gentileza.

— Me solta! Você não tem autoridade nenhuma para me abordar desse jeito.

A porta do vagão abre e todos os passageiros esperam atentamente o próximo passo:

— Na verdade, tenho sim! – diz ironicamente tirando seu distintivo e algema do bolso. Após algemá-lo, entrega-o para o segurança da estação e faz um breve relato do ocorrido.

Todos os passageiros se exaltam e começam a gritar, bater palmas e tudo mais:

— Sorriam! Vai passar no programa policial da TV, pessoal! - fala uma passageira sorrindo.

— Que mancada, colega! - grita outro passageiro.

— Respeita as moças! - alguns gritam.

— Chama aquele apresentador da TV! – fala outra passageira.

E o casal sai de mãos dadas, com uma feição satisfeita, porém sem acreditar na tamanha falta de respeito de algumas pessoas, principalmente pelo preconceito que havia sofrido ali. Mas mesmo com tamanho desgosto, as jovens não abaixaram suas cabeças em momento algum, pois sabem que essa luta não é só delas, é de todos nós.

Ana Clara dos Santos, 13 anos

Eloisa Cristinny Constantino dos Santos, 13 anos

Emanuelly Silva Santos, 12 anos

Felipe Rodrigues, 12 anos

Hanna Batista Galdino, 13 anos

Isabella Valentina Barros Nascimento, 13 anos

Jamilly dos Santos Fernandes, 13 anos

Júlia Fernanda Gomes da Silva, 12 anos

Karolina Aguiar Donato de Mesquita, 13 anos

Luanny Pereira Fernandes, 12 anos

Miguel Rodrigues Nogueira da Silva, 13 anos

Nicolas Juvenal dos Reis, 12 anos

Nicole Lopes Moreira, 14 anos

Rhaissa Silva, 13 anos

Sara Camargo Pinheiro, 13 anos



A força da igualdade

Dentre a escuridão da raça humana,
Surge um veneno traiçoeiro chamado racismo.
Um espectro nefasto que engana,
E semeia ódio em cada abismo.

A pele não define o valor
Do coração que pulsa em nosso peito,
Do sangue que corre em nossas veias.
A cor não deveria ser o divisor da humanidade.

Somos todos frutos da mesma semente,
Unidos pelo fio da existência, do querer.
A diversidade é o que nos alimenta,
Que nos mantém sóbrios de nossa própria ignorância,
Que traz beleza à nossa convivência.

Na variedade das cores e raças,
Encontra-se a verdadeira riqueza.
Somos um só povo, várias faces,
Compartilhando a mesma natureza.

Deixe o amor guiar nossas ações,
Quebrems as correntes da ignorância.
A luta contra o racismo é de todos,
E juntos construiremos a tolerância.

Não mais permitiremos essa injustiça,
Que separa e divide a humanidade.
Unidos, erguemos nossa voz,
Por um mundo livre de crueldade.

Em cada verso, cada rima,
Cada batida ritmada
Que sai de dentro do meu peito,
Expresso a força da igualdade.
Nossas diferenças são nossas riquezas,
E juntos lutaremos pela fraternidade,
Pelo nosso lado mais humano.



Vidas negras importam

Minha cor não fala o que eu sou,
minha origem conta a minha história,
não é pela minha cor que sou suspeito, assassino, ladrão ou bandido,
não é pela minha cor que sou uma pessoa ruim,
mas é por causa do SEU preconceito,
que pessoas como eu sofrem.
Como posso ver,
isso nunca vai mudar,
minha cor importa mais do que eu mesmo,
já fui chamado negro, mulato, teta de nega, cabelo duro, macaco, lata de macumba,
a nossa luta é constante "Black lives matter" e sempre vão importar.



Religião, futebol e política não se discute?

Alguém já ouviu essa frase? Provavelmente, sim! E por que será que não devemos discutir algo que envolve nossa vida individual e coletiva? Por que temos medo das brigas? Da discriminação?

Na nossa escola, percebemos que muitos alunos não gostam de falar sobre religião e quando falam são discriminados e, às vezes, até apanham. É comum ouvirmos “Sai daqui macumbeiro!”, “Eu vi sua rede social e é cheio de macumba!”

A discriminação acontece principalmente com quem pratica religiões de matriz africana. Falta conhecimento sobre as características de cada uma. Muitas vezes, são vistas como uma coisa ruim e gera uma agressão que acontece todos os dias.

Na escola, podemos entender mais sobre os rituais e suas origens, para podermos exercer o respeito às diferenças religiosas.

O caminho é não julgar, não brigar por religião, afinal a liberdade religiosa é um direito.

Daniel Bezerra Santos, 12 anos
Emilly Gabriely Ribeiro de Paula, 13 anos
Evelyn Ferreira de Sousa, 13 anos
Isabela Silva Santos, 12 anos
Lucas de Oliveira Ferreira, 12 anos

Marcella Santos da Silva, 12 anos
Maria Clara dos Santos Silva, 12 anos
Melissa Vieira Bernardino, 12 anos
Riquelme Moreno da Silva, 13 anos
Tayná Vitória Oliveira Alves, 13 anos



A resposta

Não temos ideia de quantas surpresas podem surgir como respostas às diferentes situações do cotidiano.

Mia nasceu em Salvador, no estado da Bahia, e viveu em sua terra até completar dezesseis anos, quando precisou mudar com sua família para São Paulo.

É o primeiro ano como moradora da cidade que conhecia por fotos, vídeos e redes sociais dos parentes que tinham vindo muitos anos antes. Nos dias que antecederam o início do ano letivo, ela estava ansiosa e preocupada se faria novos amigos. Ao chegar à escola, Mia se sente desconfortável com o ambiente diferente e senta-se afastada de todos com pensamentos do tipo “será que vou fazer amigos?”, “Será que vou ficar sozinha por muito tempo?”.

No pátio, dois estudantes se aproximam e começam a conversar com Mia:

— Fala ai! Meu nome é Lívía, esse doido aqui é o Theo, ficamos sabendo que você chegaria hoje.

— E aê, meu Rei!

— É isso! O diretor avisou na semana passada que a gente teria uma colega vinda de longe...

— Vem! Vamos te ajudar a visitar a escola e conhecer o que temos por aqui...

— Pronto!

— Qual é o seu nome mesmo?

— Ôxe! Meu nome é Miriam, mas vocês podem me chamar de Mia.

Miriam tinha três irmãos menores que, quando começaram a falar, não acertavam o nome dela e assim foi que nasceu o apelido Mia.

Dito e feito! Theo e Lívía mostram cada parte da escola e por onde eles passam todos os olhares se voltaram para a Mia, seu cabelo cacheado e sua bela pele negra. Dava até para escutar cochichos do tipo... “Quem é essa daí? Olha o cabelo dela! Olha o jeito que ela fala, que estranho”.

Os dias passaram e a menina vinda do Nordeste já tinha amigos e transitava pela escola alegremente, embora ainda percebesse olhares, risadinhas, quando ela passava brincando e conversando com Lívía, Théó e outros colegas que estavam sempre juntos dela. Num dia desses, quando o intervalo estava terminando, colegas de outras turmas observam Mia e seus amigos até que resolvem provocá-la:

— Hei, baiana!

— Volta pro seu buraco macaca!

Mia ouve os insultos e reage com uma pergunta:

— Ôxe! Tem xenófobos nessa escola!!!?

O sinal tocou e a confusão foi dispersada, mas era possível ouvir as perguntas daqueles que insultaram Mia. Perguntavam entre eles do que ela os tinha xingado enquanto voltavam para suas salas. Na sala de Mia, os ânimos estavam exaltados por causa do insulto que ela tinha sofrido no intervalo. O professor entra e entende que tem uma situação que



precisa de atenção e ouviu os relatos dos alunos. Ele pensa um pouco e propõe que façam uma discussão em grupos sobre o problema e apresentem possíveis soluções. Após o tempo determinado, grupos apresentaram suas propostas que na maioria estavam carregadas de desejo de punição. O grupo de Mia e outros dois sugeriram realizar uma ação educativa com palestras sobre racismo, xenofobia, e tudo que se refere a diferenças. O professor resolve perguntar para Mia o que ela está sentindo em relação a essa proposta:

—Mia! Você está bem com a escolha do seu grupo?

—Ôxe, professor! Posso responder com uma música?

—Vá em frente, Mia!

Mia então cantou a música do cantor Lenine:

“...Foi pra diferenciar
Que Deus criou a diferença
Que irá nos aproximar
Intuir o que ele pensa
Se cada ser é só um
E cada um com sua crença
Tudo é raro, nada é comum
Diversidade é a sentença...”

Os dias passaram... a canção se repetiu na voz de Mia para toda a escola, e ouviram boquiabertos tamanha sensibilidade e talento na abertura dos trabalhos no dia da Ação educativa sobre o amor à Diversidade.

Allycy Rodrigues Brandão, 13 anos
Ana Paula de Oliveira Magalhães, 13 anos
Arthur Nascimento Sousa, 12 anos
Arthur Teixeira da Costa, 14 anos
Bianca Azevedo de Oliveira, 13 anos
Camila Melo Caetano da Silva, 14 anos
Danilo Gonçalves Assunção, 13 anos
David Luis Silva de Souza, 12 anos
David Ricardo de Sousa Araujo, 15 anos
Emilly C. M. Tomas, 12 anos
Emily Reis, 14 anos

Fabiano Bruno R.dos Santos, 14 anos
Geovane Pierry Selestino da Silva, 15 anos
Gustavo Martins da Trindade, 12 anos
João Vitor de Souza Morais, 13 anos
Kauã Rodrigues Nascimento, 15 anos
Kyara de Jesus Silva Silva, 11 anos
Maria Eduarda Alves da Rocha, 13 anos
Maryllin Victoria Soares, 13 anos
Mateus Matos da Cruz, 14 anos
Tainá Souza de Melo Borges, 15 anos
Victor Samuel Luiz de Souza, 14 anos



O QUE CUSTA RESPEITAR?

Minha cor, minha religião, meu corpo, minha condição?
Respeitem! Pois eu também tenho coração
Um dia me peguei chorando por algo, que alguém me causou
Aquilo que você disse sem pensar imagina o quanto me afetou!

O que custa respeitar?

Não faz sentido...
12% Dos LGBTQS saírem inseguros com medo de apanhar,
Terem receio de se expressar
Por medo do que a sociedade vai achar...

O que custa respeitar?

Respeitem minha cor, respeitem minha condição, respeitem meu black
Meu black não é motivo de zoeira.

Aprendam a respeitar!

E pra finalizar, fica a sua concepção:
Será que respeitar é uma opção?



Preguiçosa
Disse você
Depois de atenciosamente dizer
Que minha dor entendia
Entende mesmo?
Pelo amor, por favor,
Só parar de fingir que importa,
Você não sabe o que é estar viva, e se sentir morta
Eu sei que você está cansado de mim
Mas acredite, eu também estou cansada de ser fracassada e inútil
Eu sei que sou,
Mas doeu quando você isso expressou
No seu caminho, sou apenas um pedregulho,
Mas queria ser motivo de orgulho
Desculpa por ser assim

COORDENADORES DA AEL NAS DRES

BUTANTÁ

Rita de Cassia Almeida Braga

CAMPO LIMPO

Cleomar de Souza Lima
Elaine Silva Lacerda

CAPELA DO SOCORRO

Deusdete Cassio de Jesus

FREGUESIA/BRASILÂNDIA

Melina Rodolpho
Roberto Antônio Maciel

GUAIANASES

Maria Inês Alves Pereira
Tânia Regina da Silva
Valéria Silva Nascimento de Oliveira

IPIRANGA

Renato Brunassi Neves dos Santos Silva

ITAQUERA

Cinthia Krayuska de Araújo Sousa
Lúcia Ramalho Nunes Munis

JAÇANÃ/TREMEMBÉ

Ana Carolina Cuofano Gomes da Silva
Ivan Venturini

PENHA

Thalita Garcia Lopes

PIRITUBA/JARAGUÁ

Patrícia Zerino Aguilera

SANTO AMARO

Cláudia Gonçalves da Silva

SÃO MATEUS

Beatriz Nogueira de Sousa

SÃO MIGUEL

Vanessa Carneiro Dias

PROJETO GRÁFICO - CENTRO DE MULTIMEIOS

Ana Rita da Costa - *Diretora*

Núcleo de Criação de Arte

Angélica Dадario - projeto e diagramação

Cassiana Paula Cominato

Fernanda Gomes Pacelli

Simone Porfirio Mascarenhas

Revisão Textual

Roberta Cristina Torres da Silva

Imagem capa e miolo: Gerd Altmann - Pixabay



Academia Estudantil de Letras



CIDADE DE
SÃO PAULO
EDUCAÇÃO

